

MESTRADO EM ENSINO DE HISTÓRIA NO 3.º CICLO DO ENSINO BÁSICO E NO ENSINO SECUNDÁRIO

***Sorria, está a aprender:***

**Humor como estratégia de aprendizagem na sala de aula**

Maria João Domingues Duarte

**M**

2020



Maria João Domingues Duarte

***Sorria, está a aprender:***  
**Humor como estratégia de aprendizagem na sala de aula**

Relatório realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3.º ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário,

orientada pela Professora Doutora Cláudia Pinto Ribeiro

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

2020



Maria João Domingues Duarte

***Sorria, está a aprender:***  
**Humor como estratégia de aprendizagem na sala de aula**

Relatório realizado realizada no âmbito do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário,

orientada pela Professora Doutora Cláudia Pinto Ribeiro

## Membros do Júri

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Professor Doutor (escreva o nome do/a Professor/a)

Faculdade (nome da faculdade) - Universidade (nome da universidade)

Classificação obtida: (escreva o valor) Valores

*Always look on the bright side of life.*

*Monty Python*

# Índice

|                                                                         |     |
|-------------------------------------------------------------------------|-----|
| Declaração de honra .....                                               | 8   |
| Agradecimentos .....                                                    | 9   |
| Resumo .....                                                            | 11  |
| Abstract .....                                                          | 12  |
| Índice de Figuras.....                                                  | 13  |
| Índice de Tabelas.....                                                  | 14  |
| Índice de Gráficos.....                                                 | 15  |
| Eu escolhi este tema porque... ..                                       | 16  |
| Metodologia .....                                                       | 19  |
| Enquadramento teórico .....                                             | 21  |
| Humor: o que já existe e blá blá blá .....                              | 21  |
| Breve história: tentativa 2.0. ....                                     | 25  |
| Quem ri por último, aprende melhor? .....                               | 36  |
| Humor + criatividade x sala de aula = .....                             | 41  |
| Ó chefe, você é que sabe! .....                                         | 45  |
| Falam, falam, falam, mas não os vejo a fazer nada.....                  | 49  |
| Na Piscina dos Grandes .....                                            | 50  |
| Foi assim que aconteceu .....                                           | 52  |
| 10.º A e B .....                                                        | 52  |
| 11.º C .....                                                            | 62  |
| Rir ou não rir: eis a questão .....                                     | 78  |
| Elaboração e aplicação do inquérito .....                               | 79  |
| Análise dos resultados.....                                             | 81  |
| Reflexão dos resultados .....                                           | 89  |
| Ó tempo volta para trás .....                                           | 91  |
| Referências Bibliográficas.....                                         | 95  |
| Anexos .....                                                            | 98  |
| Anexo 1 – Entrevista exploratória com Diogo Faro (e-mail) .....         | 98  |
| Anexo 2 – Entrevista exploratória com Luís Filipe Borges (e-mail) ..... | 98  |
| Anexo 3 – Gráfico da distribuição dos alunos das turmas por género..... | 99  |
| Anexo 4 – Tabela cronológica das aulas lecionadas.....                  | 100 |

|                                                                                                 |     |
|-------------------------------------------------------------------------------------------------|-----|
| Anexo 5 – PowerPoint: Ara Pacis Augustae .....                                                  | 102 |
| Anexo 6 – PowerPoint: SPQR .....                                                                | 103 |
| Anexo 7 – PowerPoint: Os Lusitanos.....                                                         | 104 |
| Anexo 8 – PowerPoint: Jogo “Quem quer ser romanizado” .....                                     | 105 |
| Anexo 9 – PowerPoint: Meme.....                                                                 | 110 |
| Anexo 10 – PowerPoint: Banco de Inglaterra e Bolsa de Valores .....                             | 111 |
| Anexo 11 – PowerPoint: Old Lady of Threadneedle Street.....                                     | 112 |
| Anexo 12 – PowerPoint: A nota de 5 £.....                                                       | 112 |
| Anexo 13 – Carta de reclamação: C1.....                                                         | 113 |
| Anexo 14 – Carta de reclamação: C2.....                                                         | 113 |
| Anexo 15 – Carta de reclamação: C3.....                                                         | 114 |
| Anexo 16 – Carta de reclamação: C4.....                                                         | 115 |
| Anexo 17 – Carta de reclamação: C5.....                                                         | 116 |
| Anexo 18 – Carta de reclamação: C6.....                                                         | 117 |
| Anexo 19 – Carta de reclamação: C7.....                                                         | 118 |
| Anexo 20 – PowerPoint: Caricaturas do Terceiro Estado.....                                      | 119 |
| Anexo 21 – PowerPoint: Caricaturas de Luís XVI e de Maria Antonieta .....                       | 119 |
| Anexo 22 – PowerPoint: A carta de Napoleão Bonaparte a Maria Luísa .....                        | 120 |
| Anexo 23 – Peça de teatro: (Re) Descoberta do Brasil.....                                       | 121 |
| Anexo 24 – Inquérito por questionário .....                                                     | 133 |
| Anexo 25 – Distribuição dos alunos inquiridos por género .....                                  | 137 |
| Anexo 26 – Distribuição dos alunos inquiridos por turma .....                                   | 137 |
| Anexo 27 – Questão 1: Aprecio pessoas com sentido de humor.....                                 | 138 |
| Anexo 28 – Questão 2: O humor cria um ambiente na agradável na sala de aula .....               | 138 |
| Anexo 29 – Questão 3: O humor pode ser uma ferramenta útil para a aprendizagem da História..... | 139 |
| Anexo 30 – Questão 4: O humor permite diminuir a distância entre o professor e o aluno.....     | 139 |
| Anexo 31 – Questão 5: O professor deve ter sentido de humor .....                               | 140 |
| Anexo 32 – Questão 6: O professor deve utiliza o humor na sala de aula.....                     | 140 |
| Anexo 33 – Questão 7: A História pode ser divertida .....                                       | 141 |

## **Declaração de honra**

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (afirmações, ideias, pensamentos) respeitam escrupulosamente as regras da atribuição, e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Porto, setembro de 2020

Maria João Domingues Duarte

## Agradecimentos

Caro leitor, segue um dos primeiros segmentos deste trabalho, contudo confesso que foi o último a ser realizado e dos mais desafiantes porque as palavras não fazem jus e não chegam para descrever o quanto estas pessoas foram fundamentais na minha vida pessoal e académica. Pois bem aqui vai:

Aos meus pais, Fernando Duarte e Maria Pires, por não terem tido nenhum choque quando a João disse que queria seguir História, apoiando-me e dizendo sempre, “Segue aquilo que mais gostas”. E por terem dado amor e apoio incondicional, demonstrando orgulho na minha vida e no meu percurso académico. Obrigada pais e família!

Ao Jorge Costa, (atenção não é o ex-futebolista), mas sim o meu geógrafo e a melhor surpresa que o quarto piso me deu. Nunca vou esquecer todo o amor, carinho, preocupação, paciência e também ajuda técnica. Tenho muito orgulho em ti e vou estar sempre ...wait for it... aqui. \*Espadas\*

À Catarina Santos e à Mariana Cardoso, as minhas *nakamas*. Um pack de amizade e um dos meus suportes desde o primeiro ano de licenciatura, a escutar e a partilhar loucuras, inseguranças, desesperos, sonhos, brincadeiras e *memes*. Ensinarão-me o verdadeiro significado da amizade.

À Inês Loureiro, a “mais velha”, que também esteve sempre lá desde o primeiro ano, a dar motivação e força, ou até partilhar as nossas histórias, cusquices e gostos musicais. Vai Miga!

Ao Tiago Cardoso, o meu colega de estágio. Um camarada de longa viagem, que contribuiu para a realização deste trabalho e aceitou prontamente o meu desvario, partilhando mutuamente conselhos, elogios, críticas, desabafos e gargalhadas. Vai Quimera!

À Professora Anabela Prata, pelo carinho, conselhos e disponibilidade. Por ter me recebido de abraços abertos desde o primeiro dia e por ser um exemplo de uma excelente professora e orientadora.

À Professora Doutora Cláudia Ribeiro. Obrigada pela ajuda, apoio e paciência na orientação deste relatório e por todos os conselhos ao longo do mestrado, sobretudo na supervisão do estágio, os quais irei levar para a vida toda. É um exemplo de professora e agradeço todas as palavras carinhosas e motivação proporcionada para que os seus alunos não tenham medo de ir mais além.

Ao Professor Doutor Luís Alberto. Pelo carinho, dedicação e exemplo de professor. Por nunca se esquecer dos seus alunos, nem que fosse o simples gesto de enviar um *e-mail* com um miminho reconfortante todas as semanas, durante um período conturbado e pandémico.

Aos meus colegas de turma, os meus queridos *mehzinhos*. Foram dois anos de partilha de experiência e de memórias. Desejo a maior felicidade a todos.

Aos meus alunos, dos quais tenho muito orgulho, que me receberam com um sorriso na cara. Para além de me aturarem, agradeço também o esforço contribuído para a realização deste relatório e por me terem dado mais certezas de que é isto o que eu quero.

Termino com um agradecimento especial aos humoristas Marco Horácio, Diogo Faro e Luís Filipe Borges pelo seu contributo na realização deste trabalho e também pelas suas palavras de força e de motivação a uma mera seguidora das suas redes sociais.

A todos vocês, um muito obrigada do fundo do coração.

## **Resumo**

O humor tem sido fonte de estudo nos últimos anos em várias áreas, nomeadamente no ensino. Todos nós temos memórias de aulas e de professores que nos marcaram. Teriam sentido de humor? E em que medida pode o humor promover a aprendizagem dos alunos?

O presente relatório tem como objeto de estudo as seguintes problemáticas: de que forma podemos recorrer ao humor na sala de aula e como é que os alunos lidam com o humor? Este relatório tem como finalidade a apresentação do humor como uma ferramenta de aprendizagem da disciplina de História, do tipo de estratégias e recursos didáticos que podemos usar em sala de aula, das preocupações que um professor deve ter em consideração e da opinião dos alunos sobre o uso do humor na sala de aula. Também exponho breves opiniões de humoristas portugueses sobre o uso do humor na sala, no caso específico da disciplina de História.

Realizado na escola Dr. Manuel Laranjeira, em Espinho, foram aplicadas a duas turmas de 10.º ano e uma de 11.º ano, do Curso de Línguas e de Humanidades, algumas estratégias de aprendizagem, como o visionamento de sketches humorísticos, a análise de caricaturas, a redação de um texto humorístico pelos alunos e a realização de uma dramatização. Também se aplicou um inquérito por questionário, aos discentes, com o intuito de recolher mais dados e de conhecer as suas opiniões.

**Palavras-chave:** Humor; História; Ensino; Sala de Aula.

## **Abstract**

Humour has been a source of studies in the last few years in several areas, notably education. We all have memories of classes and teachers who left a mark in our lives. Did they have a sense of humour? To which extent can humour promote the learning of History?

The present report has as an object of study the following problematics: how can we resort to humour in the classroom and how do students cope with humour in class? This report aims to present humour as a learning tool for the History subject, the kind of strategies and humorous materials we can use in a classroom context, the concerns a teacher may have to take into consideration and the opinion of students about the use of humour in class. Also, I exhibit brief opinions of Portuguese comedians about the use of humour in class, in the specific case of the History subject.

Conducted at Dr. Manuel Laranjeira Secondary School, in Espinho, some strategies were applied in two 10th grade classes and a 11th grade class, of the Languages and Humanities course, such as the viewing of humorous sketches, the analysis of cartoons, the fulfilment of a work by the students and the performance of role-playing. A questionnaire survey was also applied in students, with the purpose of gathering more data and understand their opinions.

**Key-words:** Humour; History; Education; Classroom.

## Índice de Figuras

|                                                                                                                                                                                   |    |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Figura 1 – Filme Monty Python's Life of Brian, Monty Python, 1979 .....                                                                                                           | 53 |
| Figura 2 – Filme <i>Monty Python and the Holy Grail</i> , Monty Python, 1975.....                                                                                                 | 60 |
| Figura 3 – “The Old Lady of Threadneedle Street”, James Gillray (1797) .....                                                                                                      | 63 |
| Figura 4 – Alterações no mapa das colónias inglesas.....                                                                                                                          | 65 |
| Figura 5 – PowerPoint: Carta de reclamação .....                                                                                                                                  | 66 |
| Figura 6 – Filme <i>History of the World: Part I</i> , Mel Brooks, 1981.....                                                                                                      | 72 |
| Figura 7 – “Napoleão no Grande São Bernardo”, de Jacques-Louis David, de 1802-1803. Óleo sobre tela, 246 x 231 cm. Localizada no Museu Kunsthistorisches, em Viena, Áustria. .... | 75 |

## Índice de Tabelas

|                                                                                                                                                                |    |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|----|
| Tabela 1 – Categorização da resposta aberta "8. Consideras que o humor promove o interesse pela História. Justifica a tua resposta" .....                      | 84 |
| Tabela 2 – Categorização da resposta aberta "9. Consideras que o humor pode ajudar a compreender melhor a matéria de História? Justifica a tua resposta" ..... | 85 |
| Tabela 3 – Categorização da resposta aberta "10. Que estratégias "humorísticas" pode o professor usar na sala de aula?" .....                                  | 86 |
| Tabela 4 – Categorização da resposta aberta "11. Houve algum momento que consideraste mais hilariante durante as aulas de História? Qual?" .....               | 87 |

## Índice de Gráficos

|                                                                         |    |
|-------------------------------------------------------------------------|----|
| Gráfico 1 – Distribuição dos alunos inquiridos por idade .....          | 81 |
| Gráfico 2 – Distribuição dos alunos inquiridos por género e turma ..... | 82 |

## Eu escolhi este tema porque...

*Porque é que a História tem de ser terrivelmente séria?*<sup>1</sup>

Terry Jones (1942-2020), um dos seis ex-integrantes dos Monty Python, numa entrevista ao jornal *Público* (a 19 de novembro de 2013), à pergunta “O que é que há de tão perigoso no riso?”, respondeu que as pessoas, na sua maioria, “têm medo do riso”. Desabafou sobre as vezes em que foi chamado à atenção quando escrevia piadas nos seus trabalhos da escola e como as pessoas o interrogavam quando escrevia piadas nos seus trabalhos sobre História. E perguntou: “Porque é que a História tem de ser [então a voz grave] terrivelmente séria?”.

Esta pergunta suscita dúvidas na minha cabeça. Quais são as aulas que nós recordamos? Quais são os professores de que lembramos? Daqueles que tinham sentido de humor? No meu caso, lembro-me do professor de História, Luís Miguel Cravo. Ainda recordo, no 8.º ano, o dia em que o meu professor usou um avental da estátua de David (sim, um avental, só da cintura para baixo) para lecionar a aula sobre o Renascimento. Despertou uma enorme gargalhada na turma, mas foi uma das melhores aulas que tive durante o 3.º Ciclo. Já lá vão cerca de 10 anos... Este professor usava o seu sentido de humor e a ironia para chamar a atenção, para corrigir o meu português nas fichas de avaliação, ou até nas indicações para os longos e exigentes trabalhos de casa e trabalhos de férias. Usava o humor q.b.

Posto isto, a escolha do Humor neste relatório de estágio justifica-se pelas minhas recordações pessoais e pelo facto de fazer parte do meu dia-a-dia, da mesma forma que ao longo do meu percurso académico sempre me chamaram a atenção as aulas em que o humor estava presente.

Mas antes de irmos à vida escolar, voltemos ao tempo de infância e de puro lazer, quando passava horas em frente à televisão a ver os desenhos animados ou, como eu gosto de chamar, “os bonequinhos”. Através das cassetes VHS sempre prontas a rebobinar, via os *Looney Tunes*, sobretudo *Bugs Bunny*, *Tom and Jerry*. Mais tarde, nos canais *Cartoon Network* e *Boomerang*, principalmente a *Pantera cor-de-rosa*, Os

---

<sup>1</sup> Recuperado de <https://www.publico.pt/2013/11/19/culturaipilon/noticia/entrevista-com-terry-jones-isto-e-um-monty-python-1613098>

*Flinstones* e *Wacky Races*. Estes desenhos animados marcaram a minha infância e as de milhares de crianças por todo mundo. E porquê? Humor. Devido às várias peripécias nas histórias, ao ato de pregar partidas (designado *gags*) e ao final feliz que garantia que ficava sempre tudo bem. Desde a sua criação, por volta da década de 1940, até ao século XXI, os desenhos animados continuam a fazer soltar gargalhadas a todas as gerações de espectadores, independentemente da idade.

Também me fascinava ver, aos domingos de manhã, antes do telejornal da RTP 1, *Mr. Bean*, com a capacidade de fazer rir sem proferir uma palavra, muito à imagem do ator Charles Chaplin. Enquanto os meus amigos da escola viam todas as temporadas de *Morangos com açúcar*, eu via o programa *Levanta-te e ri* e, mais tarde, o *Gato Fedorento*, seguindo-se o *Zé Carlos*. Eram programas dedicados ao humor e ao *stand-up*, que fizeram e ainda fazem parte da minha infância e da adolescência, ao ponto de saber alguns *sketches* de cor, ao contrário da 4.<sup>a</sup> dinastia dos reis de Portugal que ainda me confunde...

Também na fase da adolescência continuei a ver desenhos animados, mas desta vez com a sátira e o sarcasmo presentes, como era o caso do programa *Family Guy* que, usando linguagem arrojada e incongruente, parodiava e troçava de temas polémicos da política, sociedade, economia, cultura...

Em 2012, na cerimónia de encerramento dos Jogos Olímpicos, em Londres, com a atuação de Eric Idle e, posteriormente, uma pesquisa no *Youtube*, descobri a “pólvora” – os Monty Python. Amor à primeira vista por um humor irreverente, grotesco e absurdo, mas simultaneamente com nexos. O seu humor bizarro tinha sentido porque ridicularizava tudo. Para além de Eric Idle e de Terry Jones, o grupo era constituído por Graham Chapman, John Cleese, Michael Palin e Terry Gilliam. O seu programa de estreia chamava-se *Monty Python and Flying Circus* (1969-1974). Comparados a um cavalo de Troia da comédia, foram influenciados pela comédia realizada através da rádio durante a década de 1950 (Wilkie, 2019, p. 213). Eram também conhecidos pelos seus *sketches* humorísticos e pelos recortes de papel, animados por Terry Gilliam (Wilkie, 2019, p. 217) que, de certa forma, conseguiam criar um fio condutor, unindo o programa e transformando-o num só. Curiosamente, a temática histórica esteve presente no programa e, posteriormente, na realização dos filmes como *Monty Python and the Holy*

*Grail* (1975) e *Monty Python's Life of Brian* (1979), com a sátira à lenda do rei Artur e à vida de Jesus Cristo.

Agora sim, a vida escolar. Na escola, desde o 4.º ano até ao 12.º ano, a História e a Geografia sempre foram as minhas disciplinas preferidas, pois uma completa a outra. Até à inscrição no ensino superior, tive dúvidas sobre a área que deveria escolher. Contudo, a História venceu. Depois de uma Licenciatura a tentar descobrir se era realmente isto que queria, chegou o momento da verdade – o Mestrado. Durante esta viagem desenvolveu-se outro gosto especial, um que nunca passou pela minha cabeça adquirir – o gosto pelo ensino.

Após um longo ano de mestrado e de preparação, chegou o ano de Iniciação à Prática Profissional ou, para os amigos, o estágio. Durante o verão de 2019, e já com o espírito de iniciar e planear o segundo ano de mestrado, comecei a pensar qual seria o tema do meu relatório. Iniciei uma breve pesquisa sobre o tema no catálogo da Biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (pesquisa essa que mostrou os frutos do trabalho realizado na unidade curricular de Métodos e Técnicas de Investigação Histórica), uma vez que não sabia se este era um tema exequível ou até “sério” para um relatório de estágio, visto que o tema em si não o é. Além disso, na minha perspetiva como aluna, a disciplina de História foi vista constantemente como uma disciplina demasiado séria, por parte de professores também muito sisudos. Como resultado da pesquisa, encontrei o relatório de Hugo Campos, *Senta-te e ri!: O Humor dentro da Sala de Aula* (2017). Depois da sua leitura, de modo geral, identifiquei-me com o trabalho e fiquei com uma maior certeza de que gostaria de escolher o humor como tema.

Porém, nem tudo é um mar de rosas e vivia muitas incertezas. Após ter iniciado a assistência das aulas na Escola Dr. Manuel Laranjeira, em Espinho, foram atribuídas, pela primeira vez, à minha orientadora cooperante, duas turmas de 10.º ano e uma de 11.º ano. Nas primeiras aulas de assistência surgiram comentários e questões dos alunos do 10.º ano quanto ao papel da mulher tais como: *preferia ser mulher, assim não tinha de ir para a guerra* [relativamente aos cidadãos gregos terem de cumprir serviço militar], *nos dias de hoje, as mulheres na Grécia ainda não votam?* [sobre o facto de os cidadãos gregos formarem o corpo cívico excluindo as mulheres]. Além disso, os manuais adotados pela escola são compostos por um dossiê que, por vezes, aborda temáticas

dedicadas à figura feminina. Fiquei impressionada e ocorreu-me a ideia *“Eureka! Porque não escolher como tema do relatório de estágio as ideias dos alunos sobre o papel da mulher na sociedade?”*.

Na reunião de Seminário Integrador, os professores propuseram «Por que não os dois?» e, após uma reflexão, concluí que seria interessante tratar o papel das mulheres na sociedade através da ironia. Contudo, ergueram-se ainda mais incertezas do que as iniciais. Comecei a pensar nas várias etapas do procedimento e de como iria investigar, uma vez que a escolha deste tema iria trazer algumas limitações, visto que iria tratar só a figura da mulher. Também surgiram dúvidas em relação ao enquadramento dos recursos e das matérias, bem como o receio de não cumprir o objetivo de unir os dois temas, acabando por tornar o resultado ambíguo. Seria interessante se pudesse aplicar este tema numa turma de 9.º ano ou de 12.º ano e não de 10.º ou 11.º anos, mas fica a sugestão como possível assunto para futuros relatórios.

Desde o início que o que queria verdadeiramente abordar como assunto era o humor. Sempre nos aconselharam a escolher algo com o qual nos identificássemos e, obviamente, gostássemos. Então, voltei novamente ao ponto de partida e selecionei o humor. Até porque, *“Pessoalmente, tão longe quanto a minha memória abarca, a história sempre me divertiu muito”* (Bloch, 1987, p. 13).

Vamos tentar comprovar esta afirmação.

## **Metodologia**

Quanto à metodologia aplicada, procurei seguir as várias etapas do método de investigação proposto por Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt (2005). Na primeira etapa é essencial termos uma *“pergunta de partida”*, uma vez que *“qualquer investigação coerente possui uma pergunta que lhe assegura unidade [...] a pergunta de partida deve ajudá-lo a progredir”* (Quivy, 2005, p. 46). Posto isto, minha pergunta de partida é a seguinte: em que medida o humor promove a aprendizagem da História?

O presente relatório tem como objetivos (e provavelmente potencialidades...) mostrar o humor como uma ferramenta de aprendizagem da disciplina de História, identificar o tipo de estratégias e materiais humorísticos que podemos usar em contexto

de sala de aula, analisar as preocupações que um professor pode ter em consideração e qual a opinião dos alunos sobre o uso do humor na sala de aula.

Em relação à organização, como é possível consultar no Índice, este Relatório de Estágio encontra-se dividido em três capítulos ou etapas: enquadramento teórico, enquadramento metodológico, intitulado “Falam, falam, falam, mas não os vejo a fazer nada...” e as considerações finais, intituladas “Ó tempo volta para trás”. Estes capítulos vão desdobrar-se em vários subcapítulos que explicam os seus propósitos no início.

O capítulo do enquadramento teórico tem como intuito aprofundar a temática e apresentar o que considerei pertinente fruto das leituras realizadas. Procurei ao máximo privilegiar a consulta de bibliografia original, contudo isto nem sempre foi possível devido ao seu difícil acesso. Procurei também consultar vários artigos através do uso de diferentes bases de dados, disponíveis na biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, utilizando como palavras-chave “humor”, “ensino”, “humor na sala de aula”, “professor e humor”. Com a consulta de obras e também de dissertações de mestrado associados à temática, foi-me permitido cruzar esta informação com outras fontes. Reconheço como uma das limitações deste trabalho o facto de poderem existir obras que desconheço e que poderiam ter contribuído para a realização deste trabalho.

No capítulo do enquadramento metodológico, comecei por expor de forma concisa a apresentação da escola, a caracterização das turmas e a descrição e análise das estratégias apresentadas, orientadas pelas problemáticas com os respetivos dados e comentários. Inserido no mesmo capítulo, divulgo os resultados ao inquérito por questionário aplicado aos alunos.

Finalmente, apresento as considerações finais onde explico este longo processo, respondo às problemáticas, reflito sobre a forma como consegui cumprir os objetivos e dou a conhecer as limitações da investigação. Menciono, também, os possíveis contributos deste relatório para o ensino da História e potencialidades que pode ter para estudos futuros.

Vamos pôr mãos à obra.

## **Enquadramento teórico**

Nesta primeira etapa pretendo fazer um enquadramento relativamente ao estado da arte sobre o humor. Como indica Quivy, enquadra-se na segunda etapa, “A exploração” em que uma das metodologias trata as leituras com o objetivo de recolher informações apresentadas sobre o tema, nomeadamente os conhecimentos recentemente investigados. A realização das leituras permite também “ressaltar a perspetiva que lhe parece mais pertinente para abordar o seu objeto de investigação” (Quivy, 2005, p. 85).

Para tal, começarei por analisar o conceito-chave e o que foi escrito em torno do tema. Irei mostrar uma breve síntese da história do humor e do riso, como apresenta o autor George Minois (2007). Apresentarei uma recolha de vários autores sobre o humor no contexto de sala de aula, onde destaco o autor Avner Ziz (1982) e irei expor um subcapítulo acerca da criatividade e da escrita, que se encontra relacionado com o trabalho realizado pelos discentes. Por fim, encerro esta primeira etapa com as breves opiniões dos humoristas através de entrevistas exploratórias, que têm como objetivo “revelar determinados aspectos do fenómeno estudado em que o investigador não teria espontaneamente pensado por si mesmo e, assim, completar as pistas de trabalho sugeridas pelas suas leituras” (Quivy, 2005, p. 69), sendo tudo isto explicado no subcapítulo “Ó chefe, você é que sabe!”.

### **Humor: o que já existe e blá blá blá**

O conceito-chave deste relatório é o vocábulo *humor* e, como tal, inicio este subcapítulo por definir o que é o humor. Segundo vários autores, e através de uma breve leitura da bibliografia disponível, verifica-se que estes estão de acordo em como este é um tema estudado, porém difícil de explicar e, por vezes, está associado a definições pouco explícitas. À partida, é algo que sentimos ou sabemos o que é, mas criar uma definição completa torna-se um desafio.

Iniciei por fazer uma rápida consulta no dicionário online da *Porto Editora* e os resultados foram ambíguos.<sup>2</sup> O vocábulo humor pode ter dois significados. O primeiro, de origem do latim *humōre*, significa líquido ou substância líquida. O segundo, associado à anatomia, tem associados os conceitos de “humor aquoso” e “humor vítreo” relacionados com uma substância líquida que enche o globo ocular.

Todavia, a definição que nos importa é o *humour*, do inglês, como “qualidade do que é divertido ou cómico”; “modo de agir que faz com que as outras pessoas riem e fiquem bem-dispostas”; “capacidade para apreciar o que é divertido ou cómico” e “disposição de ânimo, estado de espírito”. Ou seja, podemos reter que é um conceito complexo, que na sua própria definição pode ser uma qualidade, uma capacidade ou um modo de agir e de estar. Ainda podemos encontrar expressões associadas ao conceito como “humor de cão” e “estar com os humores”, ambas relacionadas com o estar de mau humor e com má disposição. Por fim, também temos o “humor negro”, referente às situações vistas como graves, infelizes e mórbidas. Geralmente, é o humor que nem toda a gente aprecia, pela sua capacidade de chocar as pessoas e de as fazer sentir pouco à-vontade.

Mas outros autores apresentam diversas definições e perspetivas sobre o humor. Segundo Pierre Daninos, este define o humor como algo mais genérico:

É antes de tudo, a meu ver, uma disposição de espírito que nos permite rir de tudo sob a máscara da seriedade. Tratar com graça coisas graves e com gravidade de coisas graciosas sem nunca a si próprio se levar a sério tem sido sempre o próprio humorista. Mercê disso, ele pode, muitas vezes, dizer tudo sem dar a impressão de fazê-lo. (1958, cit. Minois, 2007, p. 72-73).

Indo ao encontro da definição de Daninos, Robert Escarpit define o humor como uma maneira de agir perante a condição humana “[...] uma maneira de viver, de ver e de fazer ver o mundo que não é necessariamente cómica” (1960, cit. Minois, 2007, p. 191). Também Acselrad (2009) associa o humor ao “sentimento do contrário” na medida em que, por vezes, temos a necessidade de observar as coisas pelo lado ao oposto, exigindo simultaneamente uma capacidade de reflexão (Acselrad, 2009, p. 4). Zilles (2013) vai

---

<sup>2</sup> *humor* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em < <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/humor>>. [Consulta realizada em 20/04/2020].

mais longe, afirmando que nos dias de hoje falta humor à sociedade para “tornar a vida mais suportável e mais humana” (Zilles, 2013, p. 89). Ziz segue o mesmo parecer, afirmando que o humor contribui para o desanuviamento no “mundo sério” em que vivemos (Ziz, 1982, p. 52), acrescentando que o humor faz parte do nosso cotidiano e expressa-se em variadíssimas áreas, desde o teatro, à literatura, ao desenho ou à música (Ziz, 1982, p. 11). Talvez, por isso, haja dificuldade em definir este termo, uma vez que é um conceito bastante flexível.

George Minois acredita que o humor não tem uma identidade única, nem “idade nem pátria”. Da mesma forma que o tempo não influencia o humor, pois uma piada de há dois mil anos pode fazer-nos rir nos dias de hoje, tal como “um camponês egípcio do Império Médio podia perfeitamente ter um sentido de humor tão desenvolvido como o de Oscar Wilde” (Minois, 2007, p. 10). De modo geral, rimo-nos das mesmas coisas que os nossos antepassados, tal como, e segundo Minois, certamente os nossos antepassados iriam soltar gargalhadas com as nossas piadas (2007, p. 663).

Aqui temos de destacar outro elemento importante que está relacionado com o humor – o riso. Este é uma característica universal e, como afirmava Aristóteles, o que nos distingue dos animais: “de entre os animais apenas o homem tem o condão de rir”. Também em meados dos séculos X e XI, Notker Labeo, um monge de Saint Gall, na Suíça, escreveu algo como: “*homo est animal rationale, mortale, risus capax*” que traduzido significa “o homem é um animal racional, mortal, capaz de rir” (Esteves, 2015, p. 13).

Rir é um comportamento que surge quando somos bebés, por volta dos quatro meses de idade, quando começamos a ter um maior controlo sobre o riso e consciência do prazer que nos dá quando nos rimos (Lovorn, 2008, p. 3). Além disso, segundo Ziz, há inúmeros risos com diferentes significados, como é o caso do riso de boas-vindas, de alívio, de cumplicidade, de desprezo, de aprovação, entre outros (Ziz, 1982, p. 12).

O riso é uma maneira eficaz de expressar ideias ou sentimentos que, por vezes, seriam difíceis de transmitir. Além disso, estudos comprovam que ao inserir, por exemplo, uma piada num discurso ou na área publicitária, como assistimos diariamente, existe, geralmente, uma reação positiva por parte da audiência (Lovorn, 2008, p. 2). Também desenvolve as nossas relações humanas, fortifica as relações de amizade e de amor, e citando James Martin “Talvez a pessoa que perceba melhor as nossas piadas seja aquela com quem mais partilhámos” (Martin, 2012, p. 141). Na mesma linha de

pensamento, Ziz compara o humor com o amor, no sentido em que pode ser partilhado pois não é uma atividade individual, mas coletiva (Ziz, 1982, p. 6). Pode ser uma forma de expressar ou de transmitir uma mensagem, ou uma forma de reagir perante uma situação. O riso tem a capacidade de criar um ambiente mais agradável e relaxado e de gerar laços, encurtando o distanciamento entre as pessoas (Ziz, 1982, p. 39).

Será indispensável ter algum talento ou habilidade para produzir humor? Ziz responde que possivelmente não, dado que o humor faz parte do nosso dia-a-dia, “[...] pois se olharmos à nossa volta, verificaremos que o riso é um comportamento quotidiano. A maior parte de nós ri (ou pelo menos sorri) várias vezes por dia”. Porém, admite que é mais vulgar apreciar o humor do que propriamente criá-lo, ou seja, “[...] é mais fácil rir do que fazer rir” (Ziz, 1982, p. 101).

Para além de relacionarmos o humor a uma reação positiva e otimista, este tem outros benefícios físicos, psicológicos e sociais... melhor do que alguns suplementos para os ossos e articulações. Quando nos rimos, o nosso rosto transforma-se fisicamente (experimente... já experimentou? Continuemos). Mas também ocorrem outras mudanças psicológicas e fisiológicas no nosso corpo, como a libertação de endorfinas, uma substância química com a função de analgésico. O riso intensifica também o fluxo sanguíneo, ajuda a libertar o *stress* e a relaxar, dando a sensação de bem-estar físico (Martin, 2012, p. 113). Ao rir, também estamos a exercitar o funcionamento mental e dos dois hemisférios do cérebro (Strean, 2008, p. 78).

O humor é algo que também varia consoante o gosto e opinião pessoal. Existem diferentes tipos e formas de humor e, segundo Ocon citando Mark Nichol, pode-se subdividir, por exemplo, em: o humor que se refere a histórias pessoais cómicas (“anecdotal”); “dark ou morbid”, o conhecido o humor negro; “high ou highbrow”, um humor sofisticado e relacionado com cultura. Também temos o “ironic” ou ironia, que consiste em transmitir o oposto daquilo que é pretendido; o “satirical” ou satírico, em que goza com aspetos sociais ou defeitos do ser humano e “situational”, humor que decorre de situações quotidianas (2011, cit. Ocon, 2015, p. 3-4).

Apesar dos diferentes tipos e formas em que o humor se apresenta, para o orador romano Cícero, o humor era visto como “um utensílio, uma arma, um instrumento”, e podia ser útil para a oratória para alcançar diferentes fins, desde persuadir, defender,

atacar ou até mesmo aprender (Minois, 2007, p. 100). Será que ao longo do tempo o humor foi sempre visto deste modo?

## **Breve história: tentativa 2.0.**

No presente subcapítulo tenciono traçar uma breve abordagem da história do riso e do humor, uma vez que, estando ligados, é importante compreender a sua evolução ao longo do tempo. Para esta tarefa, recorri, principalmente, à obra de George Minois, *História do riso e do escárnio* (2007). Após uma pesquisa bibliográfica do estado da arte, até ao momento é a obra que melhor nos elucida sobre a sua história. Recapitulando, com este subcapítulo desejo demonstrar a história mais relevante do riso desde a sua origem até aos dias de hoje. Começemos então!

-Era uma vez...

Nos primórdios da História, o humor e o riso estavam relacionados com a mitologia. Sendo os deuses seres superiores, divinos e de adoração, também se riam. De acordo com o papiro de Leiden, datado do século III d. C., registou o surgimento do universo através de uma gargalhada, “Depois de o deus rir, nasceram os sete deuses que governam o mundo [...]” (Minois, 2007, p. 13). O facto de uma gargalhada ser a causa da origem do universo, segundo o papiro, demonstra que rir era um ato divino e opulento. Além disso, o facto de os sacerdotes realizarem cerimónias e ritos com gargalhadas e haver deuses associados ao riso e à felicidade, como a deusa egípcia Maet, conduz-nos à ideia de George Minois de que os deuses, novamente, também se riem e este gesto pressupunha uma ligação divina com o Homem.

No entanto, se nas civilizações do Médio Oriente já se registavam sinais da sua presença, as suas raízes estavam na Grécia Antiga. Concordando com o historiador francês Jean-Pierre Vernan, *os gregos inventaram tudo*, os registos da época riem-se do próprio Homem e em torno dos deuses do Mundo Olímpio (Minois, 2007, p. 14). Também soltavam gargalhadas acerca da vida escolar. Um manuscrito do século X, incluindo eventualmente piadas datadas do século III a.C., registava 265 piadas gregas, sendo cerca de 110 sobre o ambiente académico (p. 50). Se os gregos se riam sobre a escola, nos dias de hoje podemos rir na escola?

Voltemos aos deuses.

Dado que o riso assumiu uma carga divina e essencial para os deuses, também deveria estar presente nas festas e nos cultos em sua honra. Era uma forma de manter a ordem e de se divertirem com tudo. Poderíamos dizer que *os deuses andavam loucos*, todavia o «riso da festa» era uma demonstração de convívio com o mundo. Ao mesmo tempo, tinha carácter obrigatório, e os deuses castigavam aqueles que abandonavam ou não se “libertavam” nas cerimónias (Minois, 2007, p. 24-25). E para juntar à festa, não podíamos esquecer o deus Dioniso, deus do vinho, e as Grandes Dionísias. Durante estes festivais tumultuosos, presenciavam-se várias representações, estando elas na origem do aparecimento do teatro. Apesar de a tragédia ter ganhado notoriedade, a comédia não ficaria atrás (Minois, 2007, p. 27-28). Ao longo do tempo, o teatro iria aperfeiçoar-se, sobretudo na época moderna, onde foi um meio de melhor expressão que incorporava o humor.

Mas regressemos à Idade Antiga! No final da celebração, aparecia um *komos*, bêbados que cantavam e riam, dando origem aos termos *komodía*, comédia, e os *komo-doi*, os comediantes. Na literatura dramática, destaquemos a sátira de Aristófanes que ridicularizava os defeitos e os vícios de toda gente, mesmo os poderosos como os deuses, os filósofos e os políticos, troçando da sociedade do seu tempo (Minois, 2007, p. 29-30).

Contudo, nos finais do século V a.C. e a partir do século IV a.C., o humor agressivo e desordeiro acabaria por mudar nos domínios político, cultural e religioso. Já não se ria de forma barulhenta, desordeira e agressiva, por outras palavras, ria-se menos e discretamente e de forma bem-educada, havendo um «adoçamento do riso». Os políticos atenienses consideravam que não podiam ser alvo de troça, uma vez que eram representantes do povo, ao ponto de ser aprovada uma lei que proibia a ridicularização dos políticos no teatro (Minois, 2007, p. 32-33). Da mesma forma que Platão afirmava ser impensável que os deuses rissem, muito menos se poderia rir da política, pois o riso provocava a perda do controlo e da lucidez nos políticos e estes deveriam cumprir as suas funções com seriedade (Minois, 2007, p. 63). Contrariamente ao ponto de vista de Platão, Demócrito de Abdera, também conhecido por filósofo que ri, afirmava que o riso era uma forma de crítica do conhecimento e de expressão de sabedoria. Tal como ria do Homem por ser um ser cheio de incertezas e que não sabia nada, ou seja, «filosofar era aprender a rir» (Minois, 2007, p. 53-54).

Se a Grécia foi conquistada pela Roma, o contrário também aconteceu, incluindo no humor. A sátira foi a melhor manifestação do verdadeiro riso romano. Um truão (semelhante a um bobo) ridicularizava o imperador, imitando as suas particularidades durante o cortejo fúnebre, para glorificar o defunto como o novo sucessor. Em síntese, nem a política fugia ao sentido humor, nem na morte os mais poderosos escapavam à sátira (Minois, 2007, p. 86). Depreendemos também que todos os mortais estavam condicionados ao riso e, da mesma maneira, o humor era uma forma de prestar homenagem e consagrar o culto ao imperador.

À semelhança da Grécia Antiga, os romanos realizavam celebrações, como as saturnais, em que o riso era uma componente fundamental e estava associado à manifestação divina. Nestes rituais tudo ocorria ao contrário e a desordem era frequente. Os homens disfarçavam-se de mulheres e entoavam em falsete, algo que nos dias de hoje designaríamos de matrafonas. O mesmo sucedia com a «inversão social» em que, durante a celebração, os escravos comiam com os seus donos e, inclusivamente, poderiam dar-lhes ordens (Minois, 2007, p. 91).

Ao mesmo tempo que Roma dava sinais de decadência, também o riso acompanhava esse declínio. Para o orador Quintiliano, o riso tinha uma conceção negativa e receosa e qualquer orador que usasse o humor como estratégia na oratória era visto como desordeiro e perigoso. Além disso, o riso estava associado a algo demoníaco devido ao seu carácter inexplicável e misterioso, passando a usar-se o riso de forma prudente e moderada e limitando o alvo da troça (Minois, 2007, p. 101-102).

À medida que o tempo passava, o riso perdia o significado que continha nos primórdios, e entramos na Idade Média. Apesar de relacionarmos logo à partida a Idade Média à “Idade das Trevas”, tragédia por todo lado, o fim apocalíptico, não foi um período tão obscuro como pensamos. E porquê? A resposta é o humor.

Em primeiro lugar, avançaremos na Alta Idade Média com Minois a contestar a ideia de que o cristianismo condena o riso. Este começa por afirmar que na Bíblia tem episódios humorísticos, apesar de não estar especificamente explícito. A Bíblia? Um conjunto de livros nos quais estão a palavra de Deus? Sim, como é o caso da história de Abraão e Sara, um casal com cerca de 100 e 90 anos de idade respetivamente, que ao

receberem a notícia de que seriam pais, a primeira reação dos dois foi rir até não poderem mais. Quando nasceu a criança, chamou-se Isaac, que significa «Deus ri» (Minois, 2007, p. 106-107).

Contrariamente ao discurso benévolo do Antigo Testamento, no Novo Testamento o discurso era mais severo. Por volta do fim do século IV, João Crisóstomo afirmava que Jesus Cristo nunca se riu. Se Jesus era visto como uma pessoa que nunca se ria, a humanidade devia seguir os mesmos princípios. Somente os seus inimigos e adversários se riem, logo o riso era condenado (Minois, 2007, p. 113). Na comunidade monástica, na *Regra de São Bento* encontram-se trechos sobre repreensões relativas ao riso na vida monástica. “Condenamos absolutamente em todos os locais qualquer tipo de vulgaridade e coscuvilhice, ou conversa que conduza ao riso, e não permitimos que um discípulo diga palavra desse tipo” (Martin, 2012, p. 106). Contudo, recorrendo às palavras de Minois, Jesus Cristo riu-se, ao contrário do que João Crisóstomo afirmava. “Atire-lhe a primeira pedra aquele que nunca tiver pecado”, esta expressão proferida por Jesus Cristo demonstra sentido de humor e ironia, uma vez que dá a entender o contrário daquilo que pretendia (Minois, 2007, p. 117).

No ponto de vista do cristão medieval, o riso possuía uma conceção negativa e associava-se às imperfeições humanas e às heresias. Quem se risse era um sinal de posseção demoníaca. O cristianismo foi o principal responsável por aliar o riso ao pecado, ao satanás e ao paganismo (Minois, 2007, p. 119). No Império cristão, o riso também foi condenado. Foi decretada a proibição das festas pagãs e dos divertimentos e espetáculos de circo aos domingos e nas comemorações religiosas. Todavia, e como assegura Minois, o cristianismo não podia eliminar o riso, “começou a assimilá-lo”, como por exemplo, adaptou as festas pagãs para festas de cariz religioso (Minois, 2007, p. 131).

Já no final da Idade Média, os pregadores aproveitaram o humor como um meio de cativar os seus fiéis. Caso contrário, o auditório adormecia durante as pregações, como afirmava o teólogo Jacques de Vitry (Minois, 2007, p. 212). Isto demonstra que o humor tem a capacidade de captar a atenção do outro e de despertar interesse. Os frades franciscanos não hesitavam em juntar o humor ao sagrado, incluindo ridicularizar os vícios do próprio clero, no final da época medieval (Minois, 2007, p. 216). Na obra de James Martin, *Deus ri: alegria, humor e riso na vida espiritual* (2012), este procura demonstrar o lado humorístico da igreja católica. São Lourenço, condenado à morte por

vivicombúrio, as suas últimas palavras teriam sido: “Este lado já está bem passado. Virem-me e provem um pedaço” (Martin, 2012, p. 224). Creio que atualmente a dúvida ainda persiste: será que estas palavras foram efetivamente proferidas pelo mártir ou faz parte da tradição oral? O que importa demonstrar é que o humor não é algo nocivo ou demoníaco. Um mártir, defensor da sua religião e notável devoção religiosa, dispunha de sentido de humor, inclusive no seu sofrimento.

Com o riso, o ser humano mudou paulatinamente a sua perspetiva séria sobre o mundo, aproveitando para brincar com os vícios e defeitos uns dos outros. Este riso popular e coletivo expressava-se, principalmente, nas festas populares e nas peças cómicas, afastando-se das regras e valores severos que a religião impunha. Nas festas, como o carnaval, manifestava-se o espírito renovador, libertador e igualitário através do riso. Nas obras literárias também se exprimia este carácter cómico e emancipador com as paródias da vida popular e as blasfémias, nomeadamente através da criação de um vocabulário grosseiro (Minois, 2007, p. 152-153). Escreviam-se os *fabliaux*, pequenos contos em verso datados principalmente entre finais do século XII e na primeira metade do século XIV, que tinham como principal objetivo o de fazer rir. Eram lidos nas cortes e nas praças públicas (Minois, 2007, p. 192). Este ambiente festivo e alegre permitia ao Homem medieval “soltar-se” e livrar-se dos dogmas, por uns breves momentos.

Quando pensamos na Idade Média, lembramo-nos de reis, de cavaleiros, de cruzadas... Mas se pensarmos no humor, vêm-nos logo à cabeça o rei deles todos: o bobo da corte. Proveniente do termo *fou*, que significa louco, e com o uso de um traje peculiar (Minois, 2007, p. 226), o bobo tinha um cargo importante e respeitado com a função de fazer rir o rei, do mesmo modo que dispunha da liberdade de poder troçá-lo ou expressar o que pensava a maioria da corte (Minois, 2007, p. 229-230). Ou por outras palavras *a rir, a rir, muitas verdades se dizem*. Este atrevimento e ousadia por parte dos bobos (e também das bobas) era tolerado. Eram aceites como “porta-vozes” e usavam o humor, associado à loucura, como um mecanismo capaz de dizer a verdade das coisas desagradáveis.

Se recordarmos a “famosa triste trilogia” da época medieval, guerra, fome e covid... desculpem – peste, como refere Minois “Não havia, pois, de que rir” (Minois, 2007, p. 245). Mais uma vez, se encararmos esta época como a “Idade das Trevas”, evidente-

mente não havia motivos para rir. Contudo, e como indica Minois, enquanto uns rezavam para se salvarem, outros riam da situação. O quê? Na Idade Média as pessoas riam-se? Sim, rir de tudo era a solução para expulsar os males. Riam-se do diabo, do inferno, do anticristo, ao ponto de serem representados nas festas carnavalescas (Minois, 2007, p. 248-249). Afinal, a Idade Média não foi um período tão obscuro como pensamos...

O riso foi um dos agentes que marcou uma viragem no mundo medieval para a Idade Moderna, nomeadamente durante o Renascimento, rejeitando a cultura da Idade Média através do riso popular segundo Mikhaïl Bakhtin (Minois, 2007, p. 276). O riso não era somente sinónimo de festa e de divertimento e, lembrando o que Demócrito de Abdera afirmara, rir significava raciocinar, símbolo de sabedoria. Assim, seguindo as heranças greco-latinas, o humor surgiu na literatura, particularmente através de autores como François Rabelais, Miguel de Cervantes, William Shakespeare e Ben Jonson (Minois, 2007, p. 299-300).

O aparecimento da caricatura foi, também, um meio importante para o género cómico. Retratava as pessoas com exagero ou troçava do mal. Um pouco semelhante à figura do bobo ao imitar e gozar com toda a gente. Em suma, a literatura e a caricatura foram difusoras do humor, graças ao progresso técnico da imprensa que permitia reproduzir em maior quantidade e com melhor qualidade, chegando a um vasto número de pessoas desde as mais ricas até aos iletrados (Minois, 2007, p. 304).

A partir do século XVI, o riso mudou, seguindo um pouco a “lengalenga” do que aconteceu nos finais da Idade Antiga. Não se admitia o riso barulhento e desordeiro, nem a irresponsabilidade social, como era o caso do carnaval. O riso deveria ser discreto e silencioso, bem como ser educado e seguir uma “etiqueta”. Implantavam-se valores e crenças de um mundo sério, responsável e civilizado. A população deveria obedecer ao rei, cada vez mais absoluto, e não se deveria gozar com ele, o que fez desaparecer o bobo da corte. Além disso, com a criação de uma aliança com a igreja, o rei era o representante da autoridade de Deus na terra (Minois, 2007, p. 326-327). Não nos esqueçamos que, aos olhos da igreja, o riso detinha ainda uma conotação negativa, ligada ao pecado.

Se inicialmente a autoridade, principalmente a eclesiástica, procurou limitar e censurar as festividades, isto rapidamente transbordou para todas as atividades culturais, resultando na proibição do carnaval. Porém, a população resistia procedendo com

indignação e motins contra o clero. Estes eram alvo de troça e de escárnio, e eram queimados bonecos com as suas representações ou expulsos os bispos das catedrais. Por vezes, as autoridades foram obrigadas a ceder e ajustar-se à realidade, autorizando a realização das festividades (Minois, 2007, p. 338-339).

Na primeira metade do século XVII, o riso assumia-se como um meio de crítica e de sátira. O Homem tomava consciência do uso do humor que, por vezes, tinha como objetivo ofender e destruir. Ao mesmo tempo que tratava o riso como se fosse uma arma, o Homem dominava o riso. Nas palavras de Minois “[...] civilizava-se, intelectualizava-se e refinava-se.” (Minois, 2007, p. 378). Era uma arma poderosa que permitia denunciar as injustiças e os abusos. Na Guerra dos Trinta Anos, o humor tomou parte ao divulgar as contestações e as insurreições através, por exemplo, das caricaturas. Assim, o humor e a sátira não só serviam para expressar e criticar os assuntos de natureza social ou religiosa, como também política e militar como os conflitos armados, “O riso participou então em todos os combates [...]” (Minois, 2007, p. 405).

Por meio do testemunho de escritos, como uma correspondência privada ou um tratado científico, o humor era evidente na escrita. Minois afirma que nas obras de Galileu Galilei, *Saggiotore* e *Dialogo*, o sarcasmo salta-nos à vista demonstrando que se podia fazer humor na física com o intuito de, “[...] *uma novidade reveladora: para seduzir, para persuadir, era preciso fazer rir.*” (Minois, 2007, p. 397). Outro exemplo foram os *jest books*, livros que contavam histórias engraçadas – por outras palavras, anedotas – que acabaram por ter bastante sucesso e que se escutavam nos salões, o centro da vida cultural e social (Minois, 2007, p. 398). Durante a Época das Luzes ou o Iluminismo, nestes salões reuniam-se vários intelectuais, dando provas de que o riso era uma manifestação de inteligência e de progresso de princípios morais.

À luz do mundo antigo, os filósofos procuraram compreender a natureza do riso. Para René Descartes, o riso era um movimento físico e mecânico e que podia ser estimulado tanto pela alegria como pela indignação. Este argumentava que quanto menos saudável fosse a pessoa, mais esta se ria ou entristecia (Minois, 2007, p. 432). Já Cureau de La Chambre, médico de Luís XIV e também investigador, definiu riso como um ataque. Uma crise de risos era uma manifestação tão intensa que o sujeito enfraquecia, podendo causar a morte (Minois, 2007, p. 434).

[Agora, um pequeno aparte: esta explicação de Cureau de La Chambre lembra-me um sketch dos Monty Python, *The funniest joke in the world*, a anedota mais engraçada do mundo. Era tão poderosa que provocava imensas gargalhadas, mas era, ao mesmo tempo, mortífera e provocava a morte do seu criador e de quem a lia ou ouvia. Foi também usada como uma arma estratégica pelas forças aliadas para derrotar o exército alemão, durante a Segunda Guerra Mundial.]

Todavia, já os Gregos teriam lidado com o termo “morrer a rir”. O filósofo Crisipo morreu às gargalhadas ao deparar-se com um burro a comer figos (Minois, 2007, p. 21). Jean-Pierre Vernan tinha razão ao afirmar que *os gregos inventaram tudo*.

Mas retornemos à investigação de Cureau de La Chambre. Este continuava a querer compreender o porquê do Homem – um ser racional e dominante da natureza – se rir sem ter controlo e justificação. A sua origem encontrava-se relacionada com duas ideias: a opinião de superioridade (“[...] nós ríamos ao notar nos outros uma falta ou uma debilidade [...]”) e o «efeito de surpresa» (“[...] os seres mais frágeis, mais cândidos e mais ignorantes eram os que mais facilmente se surpreendiam e também os que mais frequentemente eram presas da hilaridade.”) (Minois, 2007, p. 435). Segundo a perspectiva de Cureau de La Chambre, quem se ria pouco eram os intelectuais e os sábios, contrariamente aos ignorantes e aos ingénuos, recordando o provérbio que diz que quem tem “*Muito riso, pouco siso*”. Desvalorizava-se o riso, associando-o ao mal e à loucura. Os filósofos Baruch Spinoza e Immanuel Kant apresentavam uma perspetiva mais benevolente. Inclusive, Kant procurou explicar como acontecia o riso, associando-o a uma ação conjunta dos diversos sistemas do corpo com o espírito, admitindo que rir tinha «valor terapêutico» (Minois, 2007, p. 436).

A caricatura continuou a desenvolver-se e registou-se um aperfeiçoamento técnico, porém esta servia apenas como um entretenimento. Só no século XVIII é que se profissionalizou pelo caricaturista italiano Pier-Leone Ghezzi, e em Inglaterra a caricatura tornou-se um instrumento humorístico por excelência para criticar o poder político através dos desenhos rebuscados e grosseiros (Minois, 2007, p. 449-450). O mesmo se sucedeu pela Europa, sobretudo na França. Já lá iremos!

A pintura e o humor assumiam-se como um veículo de transmissão de mensagem. O humor estava presente na pintura ao representar o povo a rir-se e a divertir-se no seu dia-a-dia, a fumar, a beber, a dançar... Nas obras do pintor holandês Jan Steen, o

riso popular é evidente e propaga-se em cada rosto no quadro (Minois, 2007, p. 469-470). É tão contagioso que o observador também fica com vontade de rir. Contudo, algumas obras eram encomendadas para demonstrar o comportamento degradante e os maus exemplos da sociedade, porque uma imagem vale mais do que mil palavras. Da mesma maneira, servia para ridicularizar o comportamento do outro por ser inferior (Minois, 2007, p. 471-472).

No final do século XVIII e início do século XIX, desencadeava-se por um pouco por todo o mundo uma vaga de revoluções liberais, especialmente a Revolução Francesa, que deixou marcas profundas e assinalou o fim do Antigo Regime e o início da Idade Contemporânea. Durante este período revolucionário e conturbado, o humor também teve participação e voltou a assumir-se como uma arma com carácter odioso, violento e insultuoso, como afirma Minois: “Já não se ria, berrava-se o ódio [...]” (2007, p. 482). No decorrer da revolução, defensora do direito da liberdade de expressão e de imprensa, a caricatura divulgou-se exponencialmente, alcançando um vasto público. A caricatura foi um dos principais meios de divulgação da mensagem humorística, desacreditando e rebaixando o Antigo Regime. Os alvos de gozo e de escárnio iam desde os líderes que participavam na revolução, aos «antigos líderes» como Luís XVI e a família real, e as ordens privilegiadas, a nobreza e o clero (Minois, 2007, p. 490-491).

No século XIX destacaram-se dois nomes na literatura como no humor, atravessando fronteiras: Oscar Wilde e Mark Twain. Para o escritor britânico, o humor era segredo para superar os problemas do mundo e para o escritor norte-americano era a solução para compreender o mundo, que era visto como impenetrável. Como esclarece Minois, por vezes o humor associava-se aos pessimistas e a uma filosofia sóbria, “[...] mais necessitava de humor para vencer o desespero. Por isso os mais pessimistas são, tantas vezes, os mais humoristas”. Isto é, havia uma necessidade de usar o humor para enfrentar o lado negativo do mundo, como se fosse uma boia salva-vidas (Minois, 2007, p. 520-521). Por falar em pessimismo, ainda no mesmo século, a relação entre a Igreja e o humor mantinha-se turbulenta e o riso permanecia um pecado, algo diabólico que evocava o mal e o desprezo. Quando uma pessoa expressava um sorriso, aos olhos da Igreja, era uma deformação do rosto que retirava a sua beleza (Minois, 2007, p. 522-523). Será que este relacionamento amor-ódio iria perdurar?

Ainda no século XIX, os filósofos retomavam o riso como tema de investigação. Certos filósofos encaravam-no como uma «regra de vida», outros tratavam-no como um comportamento condenável e imoral (Minois, 2007, p. 536). Independentemente das várias considerações, estas demonstram uma evidente influência e curiosidade em estudar o riso, e de compreender o seu comportamento quanto à sua essência social e psicológica.

Entremos na última fase, os séculos XX e XXI, nos quais o riso e o humor ocupam um lugar distinto. O século XX foi um período conturbado, apelidado o «século das catástrofes», pelo historiador Eric Hobsbawm, n'A *Era dos Extremos*. Presenciou duas guerras mundiais, dois dos mais mortíferos e desastrosos eventos dos muitos que ainda iriam acontecer, para além de crises económico-financeiras, instabilidade política, ascensão de regimes totalitários e agitação social. Qual a solução encontrada para salvar de todas as desgraças? O humor ou, como Minois refere, o «século XX, morto de riso» (Minois, 2007, p. 580-581). Novamente, se compararmos à época medieval, como se fosse a “Idade das Trevas”, não havia motivos para rir na presença de numerosas catástrofes. Contudo, e mais uma vez, o Homem conseguiu dar a volta e superar. Minois exemplifica o sentido de humor, através do exemplo de prisioneiros que se encontravam nos campos de concentração a rir-se da sua própria situação. Acaba por comparar o humor a uma droga atenuante nas situações mais dolorosas e extremas (Minois, 2007, p. 582). Era um sorriso forçado para suportar a dor, o desespero e o medo, não obtendo qualquer carácter de espontaneidade como é característico ao rir. Se há risos que dão vontade de chorar, há lágrimas que dão vontade de rir.

Mais uma vez, o humor foi uma arma poderosa contra o poder e uma forma de exprimir a liberdade individual. Mesmo sendo diminuto, foi um escudo de combate e de resistência aos regimes totalitários (Minois, 2007, p. 625-626). Colocou em risco os regimes e estes sentiram medo do humor. Conseguiu também demonstrar a capacidade e a coragem que o ser humano possui, ao nunca ter perdido o seu sentido de humor. Há sorrisos que conseguem ferir como punhais.

Ainda no século XX, a ironia vulgarizava-se e, por ironia do destino, a Igreja e o humor fizeram as pazes. O riso passou a ser visto como algo benéfico e saudável, deixando de ser nocivo. Finalmente, admitiu-se que Jesus Cristo se riu e os sacerdotes utilizavam o humor para explicar a doutrina e para atrair os seus fiéis (Minois, 2007, p. 599-

600). Como vimos, apesar de a relação não ter sido fácil, não deixou de ser um grande passo de audácia, permitindo uma maior aproximação com a Igreja e o indivíduo, tornando-se mais flexível e adaptada aos dias de hoje.

Por fim, também se notou o crescimento de um dos colossais meios de comunicação, para além da imprensa e do rádio – o cinema. “O século XX foi também o século do cinema; e o cinema foi o triunfo do escárnio [...]” (Minois, 2007, p. 615). Graças à sétima arte, ria-se de tudo e do mais absurdo, nomeadamente do ator e comediante inglês, Charles Chaplin. Era permitida uma maior ilusão do que aquela presente na literatura e no teatro e havia um distanciamento entre o que estava a ser projetado numa tela e o espetador, havendo a possibilidade de se gozar com tudo. “Foi o cinema que mostrou que se podia rir de tudo e que tudo tinha um aspecto ridículo: a miséria, a guerra, a estupidez, a ditadura, a glória, a morte, a deportação, o trabalho, o desemprego, o sagrado.” (Minois, 2007, p. 616).

Minois também declara a morte do riso nos finais do século XX e inícios do século XXI. Encontrava-se nas várias áreas, como o cinema, a literatura, o teatro e a pintura, entre outras que não foram referidas neste capítulo. O riso foi generalizado e passou a ser obrigatório como, por exemplo, ao inserirem risos já gravados ou ao terem um público destinado para tal nas séries e nos programas de entretenimento (Minois, 2007, p. 634). Por vezes, não há um riso espontâneo, mas sim artificial, o que retira a sua magia sendo apenas um movimento mecanizado. É como se fosse uma pastilha elástica, «que se prova, mastiga e deita fora, sem demora».

Nos dias de hoje, há uma variadíssima gama de programas de humor e de espetáculos de *stand-up* para entreter diferentes públicos disponíveis, em múltiplas plataformas. Inclusivamente, a propósito da circunstância pandémica que estamos a viver, o último seguimento do telejornal da SIC, “O mundo em casa”, mostrou-nos como as pessoas estão a lidar com a situação e ajuda a passar o tempo através do humor e da criatividade. Mesmo nos tempos mais difíceis, o humor tem sido uma solução potente e, como sabemos, *para grandes males grandes remédios*.

Em síntese, certamente não haverá concordância acerca da história do riso e do humor. Estiveram presentes no centro de investigações e obtiveram várias funções, desde um recurso para convencer, a uma tática de crítica e ataque, mas também uma

estratégia de aprendizagem. Será que o uso do humor resulta como estratégia de aprendizagem na sala de aula?

### **Quem ri por último, aprende melhor?**

*Goooooooood Mooooorning Vietnam!* Quão desafiante pode ser despertar uma turma às 9:25 numa segunda-feira? Ou a uma quinta-feira às 8:20? Ou ainda manter a atenção dos alunos a tempo inteiro? Todos os dias, a qualquer hora... Nem com um grito entusiástico da personagem de Adrian Cronauer, do filme *Good Morning, Vietnam* (1987)! É uma missão impossível. E é um dos maiores desafios e funções de um professor, para além da promoção da aprendizagem dos alunos. Posto isto, neste subcapítulo pretendo dar a conhecer as várias informações reunidas acerca do uso do humor como promotor da aprendizagem, bem como a reação dos alunos e o papel do docente em contexto de sala de aula, através de artigos disponíveis na base de dados da biblioteca da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e da obra de Avner Ziz (1982).

É preciso ter em conta que nós somos todos diferentes e cada um tem o seu esquema de aprendizagem. Ocon refere que as diferentes gerações, desde os *Baby Boomers* (nascidos entre 1946 a 1964), os *Generation X* (1965 a 1980) e os *Millennials* (1981 a 2000) aprenderam de maneiras diferentes (Ocon, 2015, p. 2). No caso dos meus alunos, estes pertencem à *Generation Z*, nascidos entre 2000 e 2010, uma geração que vive no mundo das novas tecnologias. E o humor? Será que facilita a aprendizagem da Geração Z?

Relativamente à ligação entre o humor e a educação, há quem afirme que o humor pode ser uma ferramenta para transmitir mensagens de várias formas, desde observações esporádicas do nosso dia a dia a denúncias sociais. Acrescenta-se também que o humor pode ser um ponto de partida para introdução de debates e de consciência crítica, designadamente questões de justiça social (Mora, Weaver & Lindo, 2015, p. 2).

Vários estudos afirmam que o humor funciona na sala de aula. Acselrad vai mais longe, afirmando que o riso está em falta na pedagogia nos dias de hoje: “[e]nsinar deveria ser algo realizado com arte, com leveza, com humor.” (Acselrad, 2009, p. 5). Um estudo realizado a 270 alunos universitários revelou as três principais razões para o uso

do humor na sala de aula. Em primeiro lugar, alivia a tensão entre alunos e professor, em segundo capta a atenção dos alunos e, por fim, desperta a curiosidade dos alunos para a aula (Wandersee, 1982, p. 213).

Numa investigação realizada por Charles R. Gruner, reuniram-se quatro grupos de estudantes a assistir à mesma conferência, apresentada em quatro modos diferentes por quatro conferencistas distintos. No primeiro modo, o conferencista usou uma voz viva e entusiasmante, sendo o conteúdo sério; no segundo modo foi usado o mesmo tom de voz, sendo adicionadas ao conteúdo observações humorísticas adequadas; no terceiro modo, o conferencista utilizou uma voz monótona e desinteressante, falando de conteúdos sérios; por fim, no quarto modo, foi aplicado o mesmo tom de voz aborrecido, mas realizaram-se observações humorísticas adequadas ao conteúdo. Posto isto, foi pedido aos alunos que avaliassem a conferência conforme o grau de interesse e o grau de competência de cada conferencista. O resultado demonstrou que os alunos preferiam as duas conferências nas quais se utilizou o humor, independentemente do tom de voz e do discurso (Ziz, 1982, p. 52-53). Contudo, não podemos esquecer que estamos a trabalhar com alunos do ensino secundário e não do ensino superior.

Concluimos que um dos objetivos do humor é cativar a atenção e concentração do público. Quantas vezes não estivemos numa aula ou até numa conferência, na qual nos estamos a divertir, olhamos para o relógio e pensamos: já passou tanto tempo? Para esclarecer melhor, Burgess refere que o humor faz com que o tempo passe mais depressa. Os alunos ficam mais envolvidos na aula e motivados para aprender, tornando o ensino mais divertido e o ambiente de sala de aula mais afetuoso e agradável (Lovorn, 2008, p. 6). Para além destes benefícios, o uso do humor na sala de aula desenvolve também a criatividade e estimula a mentalidade aberta dos alunos. Estes arriscam mais, criando-se uma maior união na turma e os resultados nas avaliações tornam-se melhores (Ocon, 2015, pp. 4-5). Outras conclusões de estudos apresentam que o uso do humor possibilita uma melhor capacidade de retenção de informação e ajuda os alunos a lembrarem-se rapidamente de um assunto (Strean, 2008, p. 78).

Será que ter sentido de humor deve fazer parte do perfil do professor? Numa das investigações de Ziz, foi pedido a 12 000 alunos que descrevessem “O professor que mais me ajudou”. Das 62 categorias de respostas dadas pelos alunos, o sentido de humor ocupava o 7.º lugar. Existem também outros estudos sobre os requisitos de um professor,

onde o humor é sempre referido de modo direto ou indireto (Ziz, 1982, p. 42). Outro dado importante das investigações de Ziz é a ligação entre a importância do humor no professor e as faixas etárias dos alunos. Chega-se à conclusão de que a apreciação do humor do docente aumenta com idade dos alunos, desde 6 a 7 anos, aos 16 a 17 anos. Também com base na realização de 70 entrevistas a crianças sobre o humor nos professores, demonstrou-se que estas sentiam simpatia pelo docente, o que diminuía a distância psicológica entre o professor e os alunos, criando uma noção diferente da função do professor (Ziz, 1982, p. 44-45). James Wandersee (1982) concorda que o humor é uma das qualidades mais importantes para um bom professor. Não só ajuda na concentração, como estabelece uma boa relação de união entre o professor e o aluno (Wandersee, 1982, p. 213).

Nos dias de hoje, ser professor implica estar atualizado sobre novas estratégias de aprendizagem e recursos didáticos, como as tecnologias, de modo a ser capaz de promover a aprendizagem dos alunos (Lovorn, 2008, p. 1). Esteban afirma que o humor pode ser um desses recursos didáticos para ser aplicado na sala de aula. “A utilização do humor não tem a intenção de converter os professores em humoristas, mas pode ser uma estratégia didática.” (Esteban, 2013, p. 22). O humor tem a capacidade de ultrapassar a barreira da imaginação e de se moldar, incentivando e encorajando a participação dos alunos. Isto aumenta o nível e a qualidade das suas participações, fazendo com que se sintam mais entusiasmados com a disciplina e à-vontade para comunicar (Ocon, 2015, p. 4).

E quanto à “dose” de humor na sala de aula? De acordo com um estudo de Wandersee, numa aula de 60 minutos em que 55 minutos são de trabalho e 5 minutos são de risos, isto equivale ao dobro de uma hora de trabalho sem pausas. Wandersee recomenda também que, no seu dia a dia, o professor deva reservar um tempo de humor no seu plano de aula (Wandersee, 1982, p. 217). Strean sugere iniciar a aula com sentido de humor, começar em grande. E quais as estratégias que se podem usar? Este sugere o uso de citações cómicas, de música ou de jogos inspirados em programas de televisão (*Quem quer ser milionário*). Recordam-se da história do avental de David e do facto de ainda me lembrar da aula sobre o Renascimento? Strean também propõe algo mais arrojado como o uso de trajes ou adereços, por exemplo, de uma personalidade histórica. A construção, a flexibilidade e a diversidade de recursos humorísticos

possibilitam aos professores ir mais além, seleccionando o humor com que mais se identificam e que se adequa à sala de aula (Strean, 2008, p. 79-80). Esteban apresenta um conjunto de características que um recurso cómico deve seguir. Deve ser, nomeadamente, engraçado e atrativo, agradando aos alunos e ao professor; deve incentivar a criatividade e ser de fácil compreensão, podendo ser “mais fácil de compreender do que os textos” e deve dinamizar a turma (Esteban, 2013, p. 29).

Além disso, como refere Ocon, é necessário ter uma mente aberta sobre o que é engraçado. Há várias atividades e temáticas que se podem integrar no humor, mas deve-se ir ajustando consoante o método de ensino e o à-vontade de cada professor. Também não devemos esquecer de usar aquilo que se adequa à sala de aula e é confortável para quem estamos a ensinar. Isto leva tempo e preparação, resultados por tentativa e erro, de forma a integrar de maneira eficaz o humor na sala de aula (Ocon, 2015, p. 10).

Contudo, há cuidados e aspetos que temos de ter em consideração quando trazemos o humor para a sala de aula. Nunca podemos usar o humor para ridicularizar ou prejudicar o aluno. Devemos utilizar o humor adequado ao nível das capacidades dos alunos, fazendo com que seja intelectualmente desafiador (Jonas & Bradley, 2013, p. 141). Wandersee compara o humor à dinamite, porque a qualquer instante pode “explodir”. Por isso, é necessário manejar cuidadosamente e escolher bem os tipos de humor, aplicando-os corretamente (Wandersee, 1982, p. 212). O caso do humor provocador e sarcástico pode ser inadequado e não deve ser usado com intenção maliciosa. Além disso, há temas ou assuntos que não são apropriados para o uso do humor em contexto de sala de aula, como é o caso de piadas de natureza religiosa, sexual, ou que envolvam estereótipos ou raça (Ocon, 2015, p. 13).

Strean afirma “*when in doubt, leave it out*” (“em caso de dúvida, deixe de fora”), ou seja, quando tivermos dúvidas sobre algum recurso humorístico poder ou não deixar os alunos ou professores desconfortáveis, a melhor solução é não aplicá-lo. É fundamental ter em conta as emoções dos alunos e o facto de muitos não partilharem o mesmo tipo de humor. Além disso, usar o humor depende de variadíssimos fatores e temos de ter em consideração se os alunos riem ou como está a disposição da turma ou o ambiente de sala de aula. Caso os alunos não se riem, temos de ser capazes de dar a volta (Strean, 2008, p. 80) e, como professores, devemos ter a capacidade de corrigir os nossos próprios erros, encarando-os com sentido de humor.

Pode-se usar sempre o humor? Há momentos e situações em que o riso e o humor podem e devem ser evitados. Alguns estudos afirmam que, nas situações inoportunas, não se pode usar o humor ofensivo ou humilhante. Isto pode confundir a mente de um aluno ou transmitir a mensagem errada. Os professores não podem permitir que os alunos usem o humor como um instrumento para depreciar ou rebaixar (Lovorn, 2008, p. 8).

“Do sublime ao ridículo, vai apenas um passo.” (Minois, 2007, p. 568). Esta frase, proferida por Napoleão Bonaparte, poderia retratar um dos principais cuidados que um professor deve ter quando traz o humor para a sala de aula. O professor pode tornar-se um “palhaço” e é perigoso quando não é levado a sério. Como afirma Ziz, “[t]rata-se de rir *com* alguém e não de rir *de* alguém”. O professor tem de ser cauteloso, devendo “manter as distâncias”, embora o uso do humor permita diminuir o distanciamento entre docente e aluno. Contudo, a utilização do humor pode levar ao oposto, distanciar em vez de aproximar (Ziz, 1982, p. 45-46).

Outro dos desafios do uso do humor para o professor pode ser o medo de perder o controlo dos alunos. Além disso, segundo Lovorn e Holaway, há uma pressão e resistência, uma hesitação geral por parte dos professores em utilizar o humor nas aulas (Lovorn & Holaway, 2015, p. 25).

Como indica Ocon, os alunos não estão à espera de nenhum palhaço ou de um humorista. O professor não pode esquecer as suas funções nem o seu papel no processo de ensino. É essencial que demonstre disciplina e deve utilizar o humor quando houver oportunidade e quando for apropriado. O professor e, especialmente, os alunos devem compreender que o humor é algo secundário ou um auxílio na aprendizagem, não sendo o foco principal. O humor não deve substituir o conteúdo temático e não deve ser alvo de distração da aprendizagem. Pode haver alunos que querem assumir o papel de chamar a atenção, os designados “palhaços da turma”, tal como pode haver alunos que vão para a sala de aula com o espírito de só quererem rir (Ocon, 2015, p. 11). Mais uma vez, é importante que o professor e os alunos se sintam bem perante o humor na sala de aula, usando este recurso de maneira proveitosa.

Para terminar, Ziz questiona se é possível “ensinar” o humor. Este indica que quando um aluno é avaliado pelo seu humor e recebe uma avaliação positiva, isso encoraja-o a usá-lo recorrentemente. Caso o feedback seja negativo, o aluno tem a

tendência a não o utilizar novamente. Como se se tratasse de um reforço, passo a citar a experiência dos ratos e a gaiola de Skinner (Ziz, 1982, p. 92-93). Este afirma que “[...] parece que se pode «ensinar» o humor. O que significa que, encorajando a expressão humorística, é possível incitar o desejo de utilizar este modo de expressão.” (Ziz, 1982, p. 95). Ou seja, para se “ensinar” o humor, Ziz propõe como estratégia o incentivo e o encorajamento para usar o humor.

### **Humor + criatividade x sala de aula =**

Nas linhas anteriores, abordamos um conceito associado ao humor e à vida escolar: a criatividade. Ziz corrobora esta ligação entre o humor e a criatividade, afirmando que “[...] existem laços significativos entre o humor e a criatividade, sendo esses laços mais fortes na dimensão da originalidade.” (Ziz, 1982, p. 107). Alguns autores indicam que a aplicação do humor na sala de aula pode incentivar a criatividade (Mora, Weaver & Lindo, 2015, p. 2). Ziz concorda com esta ideia, afirmando que o humor pode ser utilizado “[...] como um dos meios que podem contribuir para desenvolver a criatividade nos alunos.” (Ziz, 1982, p. 123).

Do mesmo modo, outros autores indicam que a interação entre o humor e o ensino, apropriados à idade dos alunos, desenvolve um pensamento de ordem superior, um maior conhecimento referente a um determinado assunto e ajuda-os a serem mais criativos (Lovorn & Holaway, 2015, p. 25). Neste subcapítulo pretendo definir a criatividade, uma vez que pretendia trazer um pouco de criatividade, juntamente com o humor, para sala de aula.

Da mesma forma como procedi com o conceito “humor”, comecei por realizar uma consulta no dicionário online da *Porto Editora*, procurando a definição de criatividade.<sup>3</sup> Esta, relacionado com a área da psicologia, define-se como uma “capacidade de produção do artista, do descobridor e do inventor que se manifesta pela originalidade inventiva”, mas também como uma “faculdade de encontrar soluções diferentes e originais” perante “novas situações”. Podemos concluir que a criatividade

---

<sup>3</sup> Criatividade in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/criatividade>>. [Consulta realizada em 16/04/2020].

se associa a outros vocábulos como aptidão, capacidade, original, invenção, diferente e novo.

Na dissertação de mestrado de Handerson Aguiar Engrácio, *O Humor na Educação* (2008), são reunidas também definições sobre o que é a criatividade. Para a maioria dos autores, trata-se de um conceito simples que significa gerar algo novo, como Robert J. Sternberg (1999, cit. Engrácio, 2008, p. 24) “A criatividade é a capacidade de criar algo de novo e apropriado”, ou para Filipe Rocha (1988, cit. Engrácio, 2008, p. 24) “A criatividade é, pois, a capacidade e a tendência para produzir algo novo seja em que campo for”. Ziz define a criatividade como a resolução de problema de forma original: “Ver os dados de um problema, percepção das relações possíveis entre estes dados de uma maneira fora do habitual e dar uma solução nova e válida [...]” (Ziz, 1982, p. 102).

Contudo, para alguns é um conceito complexo, como explica Terry Dartnall (1994, cit. Engrácio, 2008, p. 24), afirmando que é algo intuitivo. James B. Kaufman e John Baer (2006, cit. Engrácio, 2008, p. 24) vão mais além ao afirmar que não se pode teorizar a criatividade por ser como “uma construção em alicerces movediços” (Engrácio, 2008, p. 24). Por outras palavras, trata-se de um conceito versátil e flexível, com várias perspectivas, que se associa à criação de algo novo e à novidade, variando de área para área.

Mencionando o pensamento de Bergson, Ziz afirma que quando se cria algo que nos aparenta ser contraditório, uma das nossas reações é rirmo-nos. Por se tratar de algo novo ou de diferente, requer um “esforço de compreensão” podendo suscitar tensão até que se torna evidente:

“[...] a História está cheia de exemplos de ideias originais que foram ridiculizadas e só vieram a ser aceites passado muito tempo. A pintura moderna, a música contemporânea, a ideia de que a terra é redonda e a teoria psicanalítica são exemplos de criatividade acolhida com riso daqueles que tentaram eliminar estas ideias ridiculizando-as.” (Ziz, 1982, p. 103).

Pensamos que ser criativo é uma capacidade que não é para todos, e só as pessoas mais ilustres ou os “génios” o conseguem ser. Todavia, é algo natural, presente em todos os seres humanos (Esteban, 2013, p. 9). Para ser criativo é essencial estar motivado, e “só se cria quando se está comprometido com o que se faz”. Ser criativo também demonstra ter conhecimentos e capacidade de fazer associações entre vários

tipos de informação. Maria de Fátima Morais indica que a criatividade está relacionada com determinados traços da personalidade de cada indivíduo. É evidente que não basta ter certas características para garantir se o indivíduo é criativo ou não. No entanto, geralmente, para se ser criativo é necessário ter autonomia e autoconfiança, ser persistente e tolerante à ambiguidade. Só assim é que o indivíduo é capaz de acreditar em si e no seu trabalho, de resistir a várias pressões e de ser original. “Ser criativo associa-se ainda a processos cognitivos.”. Ou seja, os indivíduos mais criativos têm um pensamento mais flexível e usam mais a «imagética» (Morais, 2015, p. 4).

Inês Ferreira afirma que, nos dias de hoje, num mundo de constantes mudanças, com vastíssima e variadíssima informação, ajuda de novas tecnologias e disponibilidade de recursos, as pessoas têm a “obrigação” de serem criativas (Ferreira, 2015, p. 387). Inês Ferreira declara também que é uma capacidade importante em diferentes contextos e distingue dois conceitos: «criatividade radical» e «criatividade de todos os dias». O primeiro conceito é um grande feito e raro, pois “[...] depende da genialidade de alguns – poucos – seres humanos [...]” com a capacidade de mudar o mundo. No segundo, todos têm essa capacidade, sendo ela treinável e havendo várias investigações sobre como promovê-la (Ferreira, 2015, p. 389).

“[...] é preciso investir na criatividade”, citando Sternberg e Lubart, Nogueira e Baía. Estes apelam à criatividade nos dias de hoje, por ser uma forma de desenvolver conhecimento em várias áreas como a artística, científica ou humanística e por verem a comunidade escolar como meio para fortalecer a criatividade (1996, cit. Nogueira & Baía, 2006, p. 48). A escola é um dos meios mais importantes para promover a criatividade dos alunos (Esteban, 2013, p. 11).

Se alargarmos o conceito de criatividade para outras áreas, como o ensino, este pode expressar-se de distintas maneiras. Engrácio salienta que é preciso ter em conta que estamos a lidar com as capacidades, as emoções e as personalidades de cada aluno (Engrácio, 2008, p. 25). Seguindo a teoria de Mel Rhodes, o ato criativo depende de quatro fatores: *Press*, *Person*, *Process* e *Product*, ou seja, o «ambiente ou contexto», a «pessoa criativa», o «processo criativo» e o «produto criativo», respetivamente. A junção e a variedade destes quatro fatores permitem desenvolver a criatividade e o conhecimento do aluno (Ribeiro, Aguaded & Pedreira, 2019, pp. 58-59).

Morais explica que, por vezes, associamos a criatividade só à área artística, esquecendo as restantes áreas como as ciências humanas e sociais ou desportivas. Por isso devemos reconhecer e desenvolver a criatividade nas diferentes áreas. Outro mito que Moraes aponta, segundo alguns estudos, é o facto de os professores não elegerem os alunos que são identificados com características criativas por se sentirem desconfortáveis com a autonomia, a curiosidade, e por terem receio da perturbação e também do humor. Contudo, e citando Cropley, a criatividade pode partir da estimulação do bom comportamento, “Criatividade, contrariamente ao mito, pode aumentar a probabilidade de comportamentos sadios e adaptados.” (Morais, 2015, p. 6-7).

Inês Ferreira também afirma que a motivação e a autoconfiança são fatores importantes para uma pessoa ser criativa, bem como, e citando Adair, quanto maior e diverso for o conhecimento e a experiência, maior será a criatividade. Outro fator dinamizador é o tempo, “[...] é preciso tempo para responder criativamente a qualquer situação” (Ferreira, 2015, p. 391). No que toca ao ambiente ou contexto criativo há um conjunto de meios que podem estimular a criatividade na sala de aula, como dar oportunidade ao aluno de participar; incentivar para que escreva histórias e poemas; dar tempo para o aluno refletir sobre as suas ideias; salvaguardar o trabalho criativo do aluno de alguma crítica destrutiva dos colegas; valorizar o trabalho do aluno e aceitar a espontaneidade e o sentido de humor do aluno (Ribeiro, Aguaded & Pedreira, 2019, p. 62).

Se definir o conceito criatividade é difícil, também é difícil avaliá-lo. Uma forma de avaliar a criatividade é analisando os produtos criativos. Estes podem ser examinados de acordo com vários critérios e, citando a teoria de Besemer e de Treffinger, avaliam-se através de três dimensões: a novidade, a resolução do produto (relativamente ao grau de adequação) e, por fim, a elaboração e síntese. A primeira dimensão subdivide-se na originalidade, na germinabilidade (capacidade de fazer surgir novos produtos) e no poder de transformação (nova perspetiva de um produto). A segunda dimensão desdobra-se na adequação, na validade, na utilidade, na lógica e se é apropriado. A última dimensão – elaboração e síntese – divide-se quanto à sua expressividade, complexidade, atratividade, aperfeiçoamento (referente à correspondência entre o nível do produto, o esforço e cuidado do seu desenvolvimento), integração e elegância (1981, cit. Nogueira & Baía, 2006, p. 67).

Se juntarmos o riso à criatividade, conseguimos encarar um assunto ou problema de um modo diferente e criar uma outra perspectiva da realidade (Esteban, 2013, p. 31). No caso dos trabalhos realizados pelos alunos, irei analisar o seu sentido de humor e criatividade, tendo em conta alguns critérios apresentados como a sua originalidade, a germinabilidade, a adequação e a expressividade, adequando-os ao trabalho proposto.

### **Ó chefe, você é que sabe!**

Com a leitura do *Manual de investigação em Ciências Sociais*, um dos passos propostos na segunda etapa são as designadas “entrevistas exploratórias”, “[...] uma técnica surpreendente, preciosa para uma grande variedade de trabalhos de investigação social. No entanto, os investigadores utilizam-na pouco e mal.” (Quivy, 2005, p. 70).

Como foi referido, estas entrevistas exploratórias têm como objetivo apenas “abrir pistas de reflexão, alargar e precisar os horizontes de leituras, tomar consciência das dimensões e dos aspetos de um dado problema, nos quais o investigador não teria decerto pensado espontaneamente”. Por outras palavras, estas entrevistas servem unicamente para clarear e conceber novas ideias sobre a temática, através do ponto de vista dos humoristas, e não para “verificar hipóteses nem recolher ou analisar dados específicos” (Quivy, 2005, p. 79).

Assim, pretendia recolher opiniões de humoristas sobre o uso do humor como ferramenta promotora de aprendizagem. Também, em nota de curiosidade, apresentarei os seus testemunhos sobre a sua vida escolar, nomeadamente da disciplina de História, perguntando-lhes o seguinte conjunto de questões:

#### **Guião de entrevista**

1. O humor deve ser aplicado em contexto de sala de aula?
2. Os professores deveriam ter alguma formação na área humorística?
3. Na sua vida escolar, teve alguma experiência em que o uso do humor na sala de aula por parte do(a) professor(a) o tenha marcado? E no caso da disciplina de História?
4. O humor pode promover a aprendizagem em geral? E a aprendizagem da História, em particular?

## 5. Acredita que a História pode ser divertida?

Tinha a intenção de começar este processo entre os meses de fevereiro e março. Contudo, devido à acumulação do trabalho e adaptação a uma nova realidade, só foi possível entrar em contacto com os humoristas no final do mês de março.

Na seleção dos humoristas, escolhi aqueles que se assumem como tal e dos que conheço pessoalmente o seu trabalho. Sendo impossível entrar em contacto com todos os humoristas, entrei em contacto com cerca de 20 humoristas, 5 do sexo feminino e 15 do sexo masculino. Após ter conversado com a professora Cláudia, decidi entrar em contacto com eles de forma descontraída, através das redes sociais, sobretudo o *Instagram*, uma vez que a maioria dos humoristas está mais ativa nessa plataforma. Contactei por *e-mail* apenas um humorista, um dos elementos do *Gato Fedorento*, no dia 30 de março de 2020. Até ao momento não obtive qualquer resposta.

Tinha consciência de que seria muito difícil obter respostas. Grande parte não viu a minha mensagem a solicitar a sua colaboração. Contudo, também tive dois humoristas que visualizaram o meu pedido e ignoraram o mesmo com sucesso, dando uma valente “tampa”. Tive três casos em que me pediram para enviar o guião das questões para os seus *e-mails*, mas acabei por não obter quaisquer respostas.

No total, só obtive três respostas de humoristas: Marco Horácio, Diogo Faro e Luís Filipe Borges. Estes responderam ao meu apelo via áudio ou *e-mail* (Anexos 1 e 2). Mais uma vez, gostaria de agradecer profundamente a sua disponibilidade e contributo neste relatório.

A entrevista exploratória respondida por áudio por Marco Horácio infelizmente foi interrompida a meio e não obtive todas as respostas, uma vez que o entrevistado não seguiu o guião da entrevista. No entanto, o humorista afirma que na sua perspetiva o “*humor é fundamental em tudo na vida*”, nomeadamente “*nestas alturas de grande ansiedade e crises*”. No que toca à disciplina de História, Marco Horácio recorda-se do seu tempo no secundário, de um professor que “[...] *dava as aulas de forma muito divertida e muito entusiasmada, o que me fez gostar de História [...]*”. Marco Horácio deu outro exemplo do seu professor que “*quando falava das batalhas, utilizava expressões como «andavam à pancadaria, andava à pantufada» e explicava a História de uma*

*forma muito descontraída, mas muita divertida*". Termina a entrevista afirmando que *"depende muito dos professores e da pessoa"*.

Nas entrevistas exploratórias via e-mail, o humorista Diogo Faro, em resposta à questão "O humor deve ser aplicado em contexto de sala de aula?" concorda que pode ser utilizado como uma estratégia de aprendizagem e acredita que *"uma certa dose de humor, ou leveza pelo menos, na transmissão do conhecimento, este pode ser muito mais facilmente aprendido"*. O humorista Luís Filipe Borges também vai ao encontro da mesma resposta, referente ao uso do humor na sala de aula: *"O humor é, simultaneamente, uma ferramenta de sedução, um sinal de inteligência, e um chamariz. [...] E os grandes professores que me ficaram na memória também o faziam"*. Ou seja, podemos inferir que o humor tem a capacidade de captar a atenção, como tivemos a oportunidade de analisar anteriormente, e de ficar marcado na nossa memória, facilitando a transmissão de conhecimentos.

Na questão "Os professores deveriam ter alguma formação na área humorística?", Diogo Faro não acorda afirmando que *"Cada professor terá o seu método de ensino, e é uma área que eu não domino de todo"*. Luís Filipe Borges também pactua afirmando que os professores *"[...] devem contar com dom natural e charme próprio. Quem tiver"*.

Relativamente à terceira questão, Diogo Faro não tem recordações da sua vida escolar, contudo acredita que seja *"[...] normal que se desenvolva um maior afeto por professores/as que passem o conhecimento com alegria (não tem que ser necessariamente a dizer piadas)"*. Luís Filipe Borges confessa que a História é a sua disciplina favorita, porém partilha que teve um professor de Economia *"absolutamente hilariante"*, ficando na sua memória.

Na questão "O humor pode promover a aprendizagem em geral? E a aprendizagem da História, em particular?", Diogo Faro responde que sim juntamente à questão seguinte "Acredita que a História pode ser divertida?" declarando que *"[...] todas as disciplinas podem ser divertidas, dentro da seriedade que também lhes é imanente"*. Luís Filipe Borges concorda que o humor pode promover a aprendizagem, afirmando também que *"O humor, como recusa do formalismo, sobre o cinzento com muitas cambiantes de cor. E pode assim ser a diferença que faz abrir caminho e espaço nas nossas memórias"*. Termina respondendo à questão "Acredita que a História pode ser divertida?"

acreditando que pode e recomendando um dos seus *“projetos de vida”*, um programa da RTP 1, com que teve *“orgulho e a honra de conduzir ao lado do Professor Fernando Casqueira”* – *Conta-me História* (2012).

Do meu ponto de vista, apesar de este método não ser muito recorrente e ter demonstrado algumas fragilidades, como o número de respostas por parte dos humoristas, permitiu ainda assim introduzir algo diferente nesta investigação e saber a opinião de quem lê, escreve e trabalha com o humor diariamente. Em suma, concordam que o humor pode ser uma ferramenta de aprendizagem para o ensino geral, tendo em conta o método de ensino de cada professor e a seriedade da disciplina.

Relembro novamente que este método tem a principal função de adquirir novas informações sobre o funcionamento do humor, uma vez que pretendo recolher as opiniões dos alunos. Passemos, sem mais demora, para um novo capítulo – o enquadramento metodológico, *“Falam, falam, falam, mas não os vejo a fazer nada...”*.

## **Falam, falam, falam, mas não os vejo a fazer nada...**

Após termos (espero eu!) realizado as nossas leituras e depois de darmos a conhecer algumas curiosidades sobre o humor e a sua história, o seu envolvimento em sala de aula e o ponto de vista de alguns humoristas, passemos à experiência!

Encontramo-nos na terceira etapa, “A problemática” como designa Quivy, que consiste na “abordagem ou a perspectiva teórica que decidimos adoptar para tratarmos o problema formulado pela pergunta de partida” (Quivy, 2005, p. 90). Por outras palavras, procura-se “responder à pergunta «como vou abordar este fenómeno?»” (Quivy, 2005, p. 150). Assim, apresento as problemáticas que orientaram o meu trabalho:

- De que forma podemos recorrer ao humor na sala de aula?
- Como é que os alunos lidam com o humor na sala de aula?

Também inserida neste capítulo encontra-se a quarta etapa, “A construção do modelo de análise” e a quinta “A observação”. A quarta etapa é uma fase interessante, pois “constitui a melhor forma de a conduzir com ordem e rigor, sem por isso sacrificar o espírito de descoberta e de curiosidade” (Quivy, 2005, p. 119), ou seja, consiste em formular hipóteses que permitirão posteriormente confrontar a conclusão da análise da informação. Por conseguinte, as hipóteses que formulei são as seguintes:

- Será que os alunos apreciam a presença do humor na sala de aula?
- Será que os alunos gostam que um professor utilize o humor na sala de aula?
- Será que o humor facilita e/ou promove a aprendizagem dos alunos?

Na etapa “A observação” insere-se a fase em que se reúne um vasto conjunto de operações, procurando responder às três perguntas seguintes: “observar o quê?; em quem?; como?” (Quivy, 2005, p. 155). Neste caso em particular, pretendo observar se é possível a inserção do humor na sala de aula. Para a questão “em quem?”, o alvo será o conjunto de alunos das três turmas em que dei aulas, de dois anos letivos, de forma a ter uma maior disponibilidade de dados e de informações. A questão “como?” será respondida através de um registo de observações das estratégias humorísticas, realização de um trabalho e a aplicação de um inquérito por questionário.

Um dos métodos que acabei de referir é a “observação direta” que tem como objetivo observar os comportamentos e as reações dos alunos, e como aponta Quivy:

“[...] os métodos de observação directa constituem os únicos métodos de investigação social que captam os comportamentos no momento em que eles se produzem e em si mesmos, sem a mediação de um documento ou de um testemunho.” (Quivy, 2005, p. 196).

As principais vantagens do método de recolha de informação residem no imediatismo da sua recolha, “no próprio momento em que se produzem” e também na autenticidade e na espontaneidade da mesma. “É mais fácil mentir com a boca do que com o corpo.” (Quivy, 2005, p. 199).

Relativamente às desvantagens, a principal está no seu registo pois “O investigador não pode confiar unicamente na sua recordação dos acontecimentos apreendidos «ao vivo», dado que a memória é selectiva [...]” (Quivy, 2005, p. 199). Como tal, fui sempre registando e tomando notas durante a aula e no final da mesma. Outro problema do método da observação é a sua interpretação, correndo o risco de interpretar algo incorretamente. No entanto, para colmatar esse problema, mais uma vez, a solução será a aplicação de um inquérito por questionário no final da investigação para averiguar a informação recolhida.

## **Na Piscina dos Grandes**

Passando da teoria para a prática, realizei o estágio na Escola Dr. Manuel Laranjeira, no concelho de Espinho, pertencente ao distrito de Aveiro. Fundada em 1967 como Secção Liceal do Liceu Nacional de Vila Nova de Gaia, posteriormente, autonomizou-se com a designação de Liceu Nacional de Espinho (1971). Receberia no ano de 1978 a designação atual e teria como patrono da escola, Manuel Fernandes Laranjeira (1877-1912), médico e poeta. Pertence ao Agrupamento de Escolas Dr. Manuel Laranjeira, estabelecido em julho de 2012. Atualmente o agrupamento agrega seis unidades escolares, englobando também freguesias pertencentes ao concelho, como Anta e Guetim.<sup>4</sup>

Tal como foi mencionado, foram atribuídas à minha Orientadora Cooperante duas turmas de 10.º ano e uma turma de 11.º ano do Curso Científico-Humanístico de Línguas e Humanidades. Por uma questão de anonimato e de proteção de dados, as

---

<sup>4</sup> Informação sobre a história do Agrupamento AE Manuel Laranjeira. Disponível em <<http://www.aemla-ranjeira.pt/index.php/agrupamento/historia-do-agrupamento>> [Consulta realizada em 08/04/2020].

turmas de 10.º ano passaram a ser designadas por A e B, respetivamente, e a de 11.º de C.

Relativamente à composição das turmas, a mobilidade de alunos foi uma característica que se verificou nas três turmas. A turma do 10.º A era, inicialmente, composta por 26 discentes, mas em janeiro, com a abertura do *mercado de transferências*, dois alunos acabariam por sair e entrariam dois reforços, ficando um total de 26 alunos. Esta turma passaria, então, a ser composta por 18 alunos do sexo feminino e 8 do sexo masculino.

Inicialmente, a turma do 10.º B era composta por 17 discentes, mas em janeiro ficou com 19 alunos, 10 do sexo feminino e 9 do sexo masculino. No caso desta turma, destacou-se a integração, pela primeira vez, de dois alunos com nacionalidade venezuelana, havendo uma adaptação ao novo ambiente de sala de aula e à turma.

A turma do 11.º C era composta por 29 alunos, porém três alunos não estavam inscritos na disciplina de História A e apenas assistiam e compareciam de vez em quando às aulas. Houve também uma desistência logo no início do ano e o caso de um aluno que frequentou apenas um mês, ficando assim um total de 25 alunos, 18 do sexo feminino e 7 do sexo masculino.

No total, as três turmas contabilizavam 70 alunos, sendo que estas eram dominadas pelo sexo feminino (Anexo 3).

As aulas de história eram lecionadas de segunda a quinta, três blocos de 100 minutos semanais, compostas por duas partes de 50 minutos, com intervalos a meio com duração de 5 a 10 minutos.

Neste capítulo pretendo demonstrar as estratégias humorísticas aplicadas e explicar o seu processo. Iniciaremos com a apresentação das estratégias em cada turma e, posteriormente, uma atividade realizada em conjunto com as três fora da sala de aula.

Poderia apresentar a metodologia de forma cronológica ao longo do estágio, contudo, no meu entender considerei que poderia ficar confusa a sua apresentação. Dito isto, encontra-se disponível uma tabela com as aulas lecionadas por ordem cronológica para o leitor poder consultar, de forma a auxiliar a sua leitura (Anexo 4).

Além do mais, estas estratégias foram pensadas consoante a temática da aula que me coincidia lecionar, enquanto a planeava. Algumas das estratégias já conhecia e outras surgiram com as leituras de pesquisa sobre o humor. As aulas lecionadas eram

também acompanhadas por uma apresentação de *PowerPoint*, realizada por mim, e pelo manual escolar.<sup>5</sup> No final de cada subcapítulo encontram-se as minhas observações e reflexões sobre o que aconteceu nas aulas em cada turma e em torno da atividade extra.

Comecemos então por saber como é que tudo aconteceu.

## **Foi assim que aconteceu**

### **10.º A e B**

No 10.º ano as estratégias humorísticas foram aplicadas em ambas as turmas. Porém, houve determinadas aulas em que fiquei responsável por uma turma e o meu colega de estágio ficou responsável por outra, uma vez que, inicialmente, o meu colega se sentia mais à-vontade com uma turma do que com a outra.

A experiência da aplicação das estratégias permitiu-me observar a reação dos alunos não só no papel de professora, como também de espectadora no fundo da sala. Mais uma vez, agradeço ao meu colega de estágio por ter aceitado de braços abertos as minhas ideias e sugestões humorísticas, aplicando-as nas suas aulas.

Como foi referido no capítulo do enquadramento teórico, procurei reservar um momento do plano de aula para aplicar o humor. Planifiquei constantemente antes de colocar em prática e refleti sobre as variadíssimas hipóteses e consequências resultantes da aplicação de uma determinada estratégia, sendo uma delas a reação dos alunos. Não podemos esquecer que estamos a lidar com “dinamite”.

No entanto, isto foi feito sempre a pensar no humor como meio de aprendizagem da História, procurando facilitar aos alunos a compreensão da matéria, enquanto se riam, mas também mantendo o foco de aprendizagem em cada aula.

## **No Mundo Romano**

### **Primeira aula**

---

<sup>5</sup> O manual adotado foi “Um novo tempo da História” das autoras Célia Couto e Maria Antónia Rosas, constituído por três partes.

Uma das minhas estratégias foi o uso de sketches humorísticos, sendo a sua maioria retirada de excertos de filmes de comédia, com uma média de duração de quatro minutos. Por um lado, com o intuito de captar a atenção dos alunos, por outro, caso fossem longos, para não perder a sua atenção e não os distrair. Foram apresentados no início da aula como motivação ou durante a aula como uma estratégia de aprendizagem, como se se tratasse de um documento escrito ou iconográfico. Todos os vídeos que utilizei nas três turmas foram retirados dos respectivos filmes originais, sempre acompanhados por legendas.

O primeiro recurso foi utilizado na aula da subunidade “2.1. Roma, cidade ordenadora de um império urbano”, inserida na “Unidade 2 – O Modelo Romano”, do “Módulo 1 – Raízes mediterrâneas da civilização europeia – cidade, cidadania e império na Antiguidade Clássica”. Esta aula teve como tema central a unidade do mundo imperial, na qual iríamos abordar o culto à cidade de Roma e à figura do imperador, a codificação do Direito e a progressiva extensão da cidadania. Uma vez que não dava para lecionar em apenas 100 minutos, foi-me dada a oportunidade de lecionar em 150 minutos, sendo os primeiros 50 minutos no dia 24 de outubro de 2019 às duas turmas, e os restantes 100 minutos no dia 28 de outubro à turma 10.º B e no dia 29 ao 10.º A.

Como estratégia, optei por usar, no início da aula, como motivação, um excerto do filme *Life of Brian* (1979), dos Monty Python (Figura 1). O filme retrata a vida de Brian Cohen, uma personagem que vive no mesmo tempo que Jesus Cristo e que acaba por ser confundido pela população como o Messias. No entanto, o filme consegue demonstrar uma visão irónica do domínio do império romano, nomeadamente na Judeia.

Já a escolha do excerto, com duração de cerca de dois minutos, consistia na reunião do grupo People’s Front of Judea, que era contra a presença romana no seu território. O sketch gira em torno da questão que Reg, o líder do grupo, dirige aos elementos que o constituem: “*What have the Romans ever done for us?*” (traduzido como *O que é que os Romanos alguma vez fizeram por nós?*). Aconselho a fazer uma



Fonte: <https://www.imdb.com/title/tt0079470/mediaviewer/lm4232844288>

Figura 1 – Filme Monty Python’s *Life of Brian*, Monty Python, 1979

breve pesquisa no *Youtube*,<sup>6</sup> por *What have the Romans ever done for us?* e certamente que vai encontrar o excerto ou poderá ver o filme completo.

Escolhi este sketch porque expõe o impacto do legado romano e a sua importância na união dos diferentes povos do império. Ao longo da aula, os alunos teriam de ser capazes de relacionar isto com outros meios de coesão, como a nível político através do culto a Roma e ao imperador, a codificação do Direito e a concessão progressiva da cidadania, possibilitando a administração de um vasto império, onde a convivência pacífica entre povos demonstrou uma maior necessidade de administração, de modo a manter esta conjuntura positiva.

Também poderia usar este sketch para abordar a romanização e os instrumentos de aculturação. Porém, como não sabia se iria ter oportunidade de lecionar estes temas, optei por usar nesta temática. Por coincidência acabaria por ensinar estes assuntos, mas já lá iremos.

Para esta estratégia foi importante analisar as reações dos alunos em três momentos: antes, durante e depois do visionamento. Comecei por perguntar se conheciam ou se tinham ouvido, alguma vez, falar dos Monty Python ou no filme. Nas duas turmas nenhum aluno conhecia e, como tal, fiz uma brevíssima apresentação do grupo de comédia e do filme, explicando nomeadamente o enquadramento do sketch que iriam observar. Disse que estavam à-vontade para fazerem os seus apontamentos. Os alunos, em ambas as turmas, demonstravam estar ansiosos e entusiasmados, principalmente a turma 10.º B, porque iam iniciar a aula de uma maneira diferente. Em ambas as turmas perguntaram a duração do vídeo ou se iam ver o filme na sua totalidade. Partilho com o leitor que a duração do sketch foi algo que nunca os contentou, pedindo constantemente para que os vídeos fossem mais longos ou para ver o filme.

Durante a visualização, as reações das duas turmas foram semelhantes, sendo a turma do 10.º B mais expressiva e extrovertida do que a turma do 10.º A, mais tímida. Para meu espanto, os alunos riram-se desde o início até ao fim, mantendo-se concentrados, e a maioria registou apontamentos nos cadernos.

---

<sup>6</sup> Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=Qc7HmhrGTuQ>

Após o visionamento do vídeo, seguiu-se um momento de troca de ideias e de opiniões, não só para saber se tinham gostado, como para saber se tinham compreendido a mensagem e a conexão com a matéria da aula. Em primeiro lugar, questionei se tinham gostado e se consideraram que o sketch tinha sentido de humor. Os alunos que participaram responderam que tinham gostado e quanto ao sentido de humor também concordaram que este estava presente, à exceção de um aluno na turma 10.<sup>9</sup> A que respondeu que não. Pedi-lhe que justificasse a sua opinião, ao que ele respondeu “*Não achei piada porque não. Foi chato*”. Confesso que não era o tipo de argumentação que estava à espera, contudo respeitei a sua opinião.

Perguntei se houve algum momento humorístico de que tinham gostado em especial e as respostas variaram (aconselho novamente a pesquisar sobre o sketch, caso contrário o leitor não vai compreender). Em ambas as turmas, a maioria respondeu “*a parte do vinho*”, a prestação da personagem Stan (o indivíduo que está do lado direito do líder) e quando Reg manda calar no final um dos elementos do grupo quando este refere “trazer paz”.

Deste modo, estando inserido no contexto da temática da aula, lancei a questão que Reg fez ao grupo: “O que é que os Romanos alguma vez fizeram por nós?”. Os alunos começaram a enumerar respostas que foram referidas no vídeo como o vinho (curiosamente foi a primeira resposta dada nas duas turmas), os aquedutos, as estradas, a medicina e a paz. Os alunos foram também capazes de mencionar respostas que não estavam presentes no sketch, como as termas e a língua.

Como referi, com este excerto pretendia demonstrar a coesão e a pacificação de um vasto império pois, como foi referido no vídeo, os Romanos trouxeram a paz. Este excerto serviu também como um mote e ligação para iniciar a aula e perceber um pouco mais sobre a importância da paz ou *pax romana*, ao analisarmos um documento iconográfico que representa a *Ara Pacis Augustae* (Altar da Paz Augusta) e a leitura de um documento sobre a mesma e a figura do imperador (Anexo 5).

Visto agora a esta distância, admito que houve um aspeto que poderia ainda ter aprofundado mais e que me passou despercebido, que se encontra relacionado com a questão do legado: a durabilidade do extenso império que marcou séculos da História. Poderia ter pedido aos alunos para relacionarem ou comentarem o momento em que a personagem Stan repete várias vezes “*And from our fathers' fathers' fathers*”.

Quando pensamos em Romanos, certamente que nos lembramos das aventuras de *Astérix e de Obélix*. Na mesma aula, enquanto abordava a divinização do imperador e de Roma, expliquei-lhes o significado do acrónimo SPQR (*Senadus Populusque Romanus* ou *O Senado e o Povo Romano*) (Anexo 6). Porém, também contei um trocadilho da banda desenhada *Astérix e Obélix*, na versão italiana ao SPQR quando o Obélix via o SPQR nos estandartes das legiões romanas, pensava que significava *Sono Pazzi Questi Romani*, que traduzido significa “*estes romanos são loucos*”. É uma curiosidade cómica que os alunos consideraram ter graça e ajudou a recordarem o verdadeiro significado do acrónimo.

### Segunda e terceira aulas

Inserido no mesmo módulo e unidade, o tema seguinte foi a subunidade: “2.3. A integração de uma região periférica no universo imperial: a romanização na Península Ibérica”. Uma vez que o planeamento dos conteúdos era extenso para uma aula, o tema foi lecionado em duas aulas nos dias 20 e 21 de novembro de 2019, ficando eu responsável pela turma 10.º A e o meu colega pelo 10.º B. Estas aulas tinham como objetivo de aprendizagem a identificação dos instrumentos de aculturação das populações submetidas ao domínio romano, principalmente na Península Ibérica.

Na primeira aula lemos um documento escrito (Anexo 7) a demonstrar o ponto de vista dos romanos sobre os lusitanos, com o intuito de se comparar o nível civilizacional entre os dois povos. Uma das características que os diferenciava era o facto de os lusitanos beberem água ou, nas palavras de Estrabão, “Todos os montanheseiros são sóbrios [...]”. Aproveitei o momento e questionei se se lembravam de algo com esta afirmação de Estrabão. Rapidamente, os alunos recordaram-se do “*vídeo do vinho*” ou “*vídeo sobre a paz*”. O mesmo se sucedeu na outra turma, quando o meu colega fez a mesma pergunta. Como tivemos a oportunidade de verificar no enquadramento teórico, com o humor os alunos conseguiram memorizar a informação e, neste caso, relembrar do sketch “*What have the Romans ever done for us?*”

A segunda aula foi planificada em formato jogo, “Quem quer ser romanizado”, do género *Quem quer ser milionário* com uma *Roda da Sorte* (Anexo 8). Uma estratégia

lúdico-didática com uma roleta, em que cada vez que se rodava e saía um número específico poderia sair a casa “Tenta Novamente” ou veículos da romanização desde o “Direito”, o “desenvolvimento económico”, a “religião”, a “rede viária”, entre outros. Optamos por usar esta estratégia com o objetivo de dinamizar a aula, para que os alunos ficassem motivados, uma vez que os veículos da romanização, pouco a pouco, são abordados ao longo da unidade 2. Por outras palavras, para não ser uma aula maçadora e, de certa forma, repetitiva para os alunos.

No que diz respeito ao comportamento dos alunos das duas turmas, quando souberam que a aula ia ser dada com um jogo, estes mostraram-se entusiasmados. Uma vez que o 10.<sup>o</sup> A demonstrou ser sempre menos expressivo e mais reservado que o 10.<sup>o</sup> B, esta foi uma aula em que se verificou precisamente o contrário, dando oportunidade aos alunos menos participativos de se envolverem na atividade. Todavia, continuava a haver ainda uma minoria de alunos tímidos que não participava.

Cada veículo da romanização possuía ou um documento escrito, iconográfico ou um mapa. Mas o que usar para o latim? Os alunos já sabiam que o latim fazia parte, porém era importante que percebessem o porquê. Solução? Mais um excerto de *Life of Brian* dos Monty Python, com duração de 3 minutos e desta vez do sketch “*Romani ite Domum*”, traduzido para *Romanos voltem para casa*. De novo, recomendo a pesquisa do sketch no Youtube.<sup>7</sup> O sketch escolhido mostra a personagem principal, Brian, a demonstrar o seu desagrado perante a presença romana. Este escreve numa parede *Romanes eunt domus* (em inglês *People called Romanes they go to the house*, algo como *Pessoas chamadas Romanos eles vão para casa*) pensando que estava a escrever corretamente *Romanos voltem para casa*. Contudo, é apanhado por um legionário romano que o obriga a escrever corretamente a frase cem vezes. Antes da visualização foi-lhes explicado que o excerto tinha sido retirado do mesmo filme do vídeo que tinham visto, ou como eles o designavam “o vídeo do vinho”.

Comparando com o primeiro visionamento do sketch, em ambas as turmas, os alunos não estavam tão entusiasmados, no entanto riram-se mais e estavam mais à vontade. Riram-se quando a personagem Brian levou um valente “raspanete” do legionário, desde o pormenor do puxão de orelhas por estar a escrever com erros, por não saber

---

<sup>7</sup> Recuperado de [https://www.youtube.com/watch?v=0lczHvB3Y9s&list=RD0lczHvB3Y9s&start\\_radio=1](https://www.youtube.com/watch?v=0lczHvB3Y9s&list=RD0lczHvB3Y9s&start_radio=1)

latim, ao castigo que o obrigou a escrever a frase cem vezes. Ouviu-se nas duas turmas algum burburinho e verificaram-se algumas caras de suspense quando se questionou o facto de Brian ter escrito ou não, bem como comentários *“tchiii fogo escrever 100 vezes”* ou *“não acredito que vai escrever 100 vezes”*. Acredito que todos nós passamos um pouco por isto nas aulas de português no 1.º ciclo, nomeadamente enquanto corrigíamos os erros de um ditado...

Depois do visionamento, seguiu-se o momento de reflexão. Em ambas as turmas foi questionado se tinham gostado do sketch e os alunos responderam que sim. Foi perguntada também, a partir do visionamento do sketch, qual era a importância do latim no mundo romano. Os alunos mais participativos das duas turmas responderam com o facto de ser um elemento de comunicação e de uniformização entre os diferentes povos. Também abordaram a dificuldade que seria comunicar, escrever ou ler algo que não percebíamos, como foi o caso de Brian, e o facto de a língua ter sido uma das heranças mais duradouras, estando na base de outras línguas como a língua portuguesa.

Para finalizar, aplicamos um mini desafio bónus inspirado no sketch. Apresentamos uma frase em latim num mosaico e os alunos tinham de tentar adivinhar qual das opções seria a correta (a resposta correta seria a D). Foi um momento divertido e de descontração, mas ao mesmo tempo de competição entre os alunos nas duas turmas.

#### Quarta aula

Na última aula falou-se sobre o mundo romano da subunidade “3.2. Prenúncios de uma nova geografia política”, inserida na “Unidade 3 – O espaço civilizacional greco-latino à beira da mudança” e, mais uma vez, fiquei responsável pela turma 10.º A e o meu colega pelo 10.º B. Estas aulas foram lecionadas no dia 4 de dezembro de 2019.

Abordamos o estado de crise em que se encontrava o império, a sua definitiva divisão, juntamente com as grandes invasões e o fim do Mundo Antigo. Referimos o fim do Império Romano do Ocidente em 476 com a deposição do imperador romano pelo chefe dos Hérulos. Em ambas as turmas, os alunos acharam graça à coincidência do nome do último imperador romano, Rómulo Augusto, ser o mesmo nome do fundador

da cidade de Roma e do primeiro rei. Não foi nenhuma estratégia, apenas um facto histórico que por si só é irónico. No entanto, os alunos de ambas as turmas ficaram fascinados. Afinal, a História está repleta de coincidências.

Na aula seguinte iniciáramos a 2.<sup>a</sup> parte do manual e coincidiria com uma aula supervisionada, sendo fundamental que os alunos não se esquecessem do material. Por isso, no final da aula decidimos avisar e relembrar os alunos através de um *meme* (Anexo 9). O que é um *meme*?<sup>8</sup> Trata-se de uma imagem, vídeo ou outro conteúdo com carácter humorístico que é reproduzido e divulgado rapidamente através da internet. Uma vez que o humor tem a capacidade de captar a atenção, foi uma simples estratégia para que os alunos não se esquecessem do manual. Quanto às reações, nas duas turmas, os alunos ficaram surpresos quando viram que os “stores” tinham usado um *meme* e acharam engraçado, o que despertou gargalhadas no final da aula (Alerta spoiler: em ambas as turmas, houve apenas um aluno que não pôde levar o manual, contudo foi apresentada uma justificação válida).

### No mundo medieval: senhorios, reinos e império

Na aula seguinte, dia 5 de dezembro de 2019, foi novamente aplicada a mesma aula às duas turmas, ficando eu responsável pela turma 10.<sup>o</sup> A. Iniciamos com a subunidade “1.1. Poderes e crenças – multiplicidade e unidade”, inserida na “Unidade 1 – A identidade civilizacional da Europa Ocidental”, do “Módulo 2 – O dinamismo civilizacional da Europa Ocidental nos séculos XIII a XIV – espaços, poderes e vivências”.

A aula tinha como objetivo de aprendizagem o conhecimento das diversas unidades políticas na Europa do século XIII e a sua distinção, como reinos e senhorios. Além disso, pretendia-se que os alunos compreendessem a questão da persistência da ideia de um império romano e cristão, como se sucedeu com o Sacro Império Romano-Germânico. Pessoalmente, considero ser um tema pouco atrativo, especialmente para os alunos. Por se tratar de uma aula supervisionada, sabia que havia o risco de os alunos

---

<sup>8</sup> *meme* in Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora, 2003-2020. Disponível em <<https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/meme>>. [Consulta realizada em 20/05/2020].

não estarem confortáveis. Era necessário desanuviar o ambiente da sala de aula e tentar transparecer normalidade. Era necessário motivá-los (e a mim também...).

Recorri, de novo, aos Monty Python. Desta vez utilizei o filme *Monty Python and the Holy Grail* (1975) (Figura 2). O filme apresenta as aventuras e as peripécias do rei Artur, juntamente com os Cavaleiros da Távola Redonda, à procura do Holy Grail, o cálice de Jesus Cristo, na Última Ceia.

Como motivação para a aula, selecionei um excerto com duração de 3 minutos. Este mostrava o rei Artur acompanhado pelo seu escudeiro Patty e a questionar camponeses britânicos sobre quem era o seu senhor ou a quem estariam a prestar vassalagem. Recomendo



Figura 2 – Filme *Monty Python and the Holy Grail*, Monty Python, 1975

Fonte: <https://www.indb.com/title/tt0071853/mediaviewer/rm1943276800>

o visionamento do filme ou do pequeno vídeo, pesquisando por “I’m being repressed” no *Youtube*.<sup>9</sup> O excerto que foi projetado aos alunos sofreu algumas mudanças, por exemplo, indicando o tempo e o espaço da ação que se apresenta logo no início do filme.

Para além de satirizar o mundo na época medieval, a escolha deste sketch tinha como intuito introduzir os conceitos estruturantes de senhorio, de reino e de uma nova realidade na Europa Ocidental. No caso do conceito “império” os alunos já tinham aprendido a sua explicação nos dois módulos anteriores referentes ao mundo romano.

Antes do visionamento, as turmas encontravam-se um pouco desconfortáveis, mas quando lhes foi dito que iriam ver um vídeo, os alunos ficaram mais relaxados. No caso da minha turma, iniciei por fazer uma brevíssima síntese da sinopse do filme. Porém, desta vez não lhes expliquei o seu contexto, uma vez que as indicações de tempo, espaço e as personagens apareciam ao longo do vídeo e tudo isto seria questionado após o visionamento. Aconselhei o registo de apontamentos nos seus cadernos pessoais.

Quanto ao visionamento, em ambas as turmas os alunos riram-se, porém, senti que não estavam tão à-vontade como era costume. Após a visualização, seguiu-se o momento de reflexão. Na minha turma, comecei por perguntar se tinham gostado do vídeo,

<sup>9</sup> Recuperado de <https://www.youtube.com/watch?v=ZtYU87QNjPw>

ao que os alunos responderam que sim. Pedi para identificarem o tempo e o espaço e, para meu espanto, os alunos que não foram tão participativos nas outras aulas pediram para responder e intervir ao longo das questões.

Discutimos o facto de os dois camponeses representados no sketch não conhecerem o rei Artur, mesmo quando ele se apresenta como seu soberano e quando ele questiona quem é o seu senhor e eles respondem que não têm e não estão dependentes de ninguém. Apesar de não ser evidente a distinção dos dois conceitos - senhorio e reino - isto foi trabalhado, sendo o vídeo várias vezes referido ao longo da aula, nomeadamente quando estivemos a analisar as condições para a criação de um reino, como o reconhecimento da autoridade suprema do rei e de os seus súbditos estarem dependentes de si por terem nascido no seu reino, havendo relações de vassalagem, algo que visivelmente não havia entre o rei Artur e os camponeses. Do meu ponto de vista, acredito que tanto o vídeo como a motivação proporcionada pelo mesmo funcionaram como uma boa estratégia de aprendizagem. O vídeo ajudou também os alunos a perceber a conjuntura vivida nesta altura, em particular o estado em que se encontrava a Europa Ocidental após a queda do império romano do ocidente, algo que acabou por assinalar o começo de uma nova época – a Idade Média.

Antes de apresentar as estratégias usadas na turma do 11.º C, pretendo apontar algumas considerações relativamente ao 10.º ano. Concluí que, apesar de serem dois professores distintos e duas turmas separadas, a reação perante a mesma estratégia humorística foi semelhante. Ambas se riram ou esboçaram sorrisos e os comentários foram idênticos.

Não deixa de ser curioso que a escolha destes sketches tenha demonstrado que, apesar de pertencerem a filmes com mais de 40 anos, ainda conseguem fazer rir jovens entre os 14 a 17 anos. Isto comprova a opinião de George Minois referente ao tempo não influenciar o humor, podendo-nos rir de uma piada de há dois mil anos.

Do meu ponto de vista, à frente da turma e sentada no fundo da sala de aula, o facto de dedicar um segmento da aula ao humor conseguiu captar a atenção e motivar os alunos. Tal como foi mencionado, o uso de um vídeo humorístico pode ser uma estratégia de aprendizagem, tal como um documento escrito ou iconográfico, procurando ao máximo relacionar o mesmo com a matéria, dando oportunidade aos alunos de participar e de relacionar com o tema. Comprovou-se também que o que é divertido e nos

faz rir não se esquece tão facilmente. Além disso, o facto de ter apresentado o sketch no início permitiu, por vezes, recorrer ao mesmo ao longo da aula, provando ser um recurso versátil.

Relativamente à participação dos alunos, geralmente havia uma maior adesão pelos alunos habituais, havendo esporadicamente algumas participações de alunos mais tímidos e reservados, como se sucedeu na terceira aula sobre o mundo romano e medieval.

Mas para saber se estou correta na análise que faço, teremos de aguardar pelas respostas ao inquérito.

### **11.º C**

No 11.º ano a abordagem foi diferente em relação ao 10.º ano. Foi possível explorar estratégias e recursos humorísticos, para além do uso de sketches, como motivação ou estratégia de aprendizagem. Um dos recursos que queria trabalhar com os alunos era o humor gráfico, principalmente as caricaturas. Como tivemos a oportunidade de observar no capítulo sobre a breve história do humor, as caricaturas assumiram um papel importante, com a capacidade de fazer rir e de criticar alguém ou algo através do exagero das formas. Além disso, a caricatura tem uma semiótica, sendo necessário desconstruir a sua simbologia. Esta consegue ser uma fonte que indica muito sobre uma determinada época.

### **Sistema financeira da Inglaterra: *Old Lady***

A primeira aula foi lecionada no dia 5 de novembro de 2019, inserida na subunidade “3.2. A hegemonia económica britânica”, da “Unidade 3 – Triunfo dos estados e dinâmicas nos séculos XVII e XVIII” inserida no “Módulo 4 – A Europa nos séculos XVII e XVIII – sociedade, poder e dinâmicas coloniais”. Os principais objetivos de aprendizagem da aula eram evidenciar o impacto do alargamento dos mercados interno e externo na economia inglesa, realçar a superioridade do sistema financeiro e relacionar estes fatores com a impulsão da hegemonia económica britânica e, consequentemente, o seu arranque na Revolução Industrial.



de identificar, por isso indiquei tratar-se do primeiro-ministro, William Pitt, *o novo*. Rapidamente os alunos foram capazes de interpretar a mensagem da caricatura e o facto de se tratar de uma crítica ao primeiro-ministro que está a tentar “seduzir” a *Old Lady* (ou o Banco de Inglaterra) para tentar colocar as mãos no ouro.

Voltando à figura da *Old Lady*, nomeadamente o seu vestido, passamos para a leitura de um documento (Anexo 12) sobre a importância do papel-moeda que possuía o valor de uma verdadeira moeda.

A mensagem da caricatura não era propriamente a mais relevante em relação à matéria. O que se pretendia salientar era a importância do banco e das operações que eram possíveis, sendo uma delas a emissão do papel-moeda. Todas estas condições do sistema financeiro impulsionaram o caminho para a hegemonia britânica. De novo, não tinha qualquer intuito de fazer rir, mas sim demonstrar que a ironia está presente numa caricatura. Foi um pequeno exercício que é normal fazermos no dia-a-dia, como analisar um documento iconográfico, sobretudo privilegiar uma caricatura num tema que não gira de todo em torno do humor. Foram mais ou menos três minutos de volta de uma caricatura e de uma estratégia de aprendizagem que me permitiram captar a atenção dos alunos a meio de uma aula.

## **Revolução Americana e uma reclamação...**

### **Primeira aula**

Ficaria responsável por lecionar toda a subunidade “1.1. Nascimento de uma nação sob a égide dos ideais iluministas”, da “Unidade 1 – A Revolução Americana, uma revolução fundadora”, pertencente ao “Módulo 5 – O Liberalismo – Ideologia e Revolução, modelos e práticas nos séculos XVIII e XIX”. Por ser uma subunidade extensa para ser lecionada numa aula de 100 minutos, foi lecionada em duas aulas nos dias 7 e 9 de janeiro de 2020.

A primeira aula seria a introdução de movimentos de contestação ao Antigo Regime, sendo uma das revoluções liberais a Revolução Americana. Seria também apresentado um novo período cronológico – a Época Contemporânea.

Começamos por analisar os antecedentes da revolução e a reação das colónias que culminaria na declaração de independência. No contexto da explicação da imposição de taxas alfandegárias às colónias, para suportar os custos do esforço de guerra entre Inglaterra e França, Guerra dos Sete Anos (1756-1763), decidi utilizar uma animação no *PowerPoint*, uma estratégia humorística utilizada por Hugo Campos nas suas aulas. Decidi colocar o mapa das treze colónias americanas com várias transformações territoriais antes e após o conflito e sobre o mesmo uma chuva repetitiva do símbolo da libra acompanhado por um som de moedas a cair sobre o mapa (Figura 4).

Figura 4 – Alterações no mapa das colónias inglesas



A animação surgiu enquanto explicava as consequências após o conflito e o facto de a Inglaterra encontrar os seus cofres vazios e necessitar do contributo financeiro por parte das colónias. Relativamente à reação da turma foi surpreendente, os alunos riram-se pela primeira vez. Confesso que não estava a contar com essa reação, por se tratar apenas de uma animação no *PowerPoint* e por não ser algo fora do comum.

Mas a aula tinha de continuar e analisamos a aplicação de taxas alfandegárias sobre os produtos, o facto de as colónias inglesas não se encontrarem representadas no parlamento britânico e de lhes terem retirado a exclusividade de venda de alguns produtos. Isto faria emergir o descontentamento das colónias, o que culminaria na declaração de independência.

No final da primeira aula foi solicitado aos alunos que escrevessem uma carta de reclamação como trabalho de casa. Teriam de personificar uma pessoa que vivesse nas colónias inglesas a escrever uma carta de indignação ao rei Jorge III (Figura 5).

Figura 5 – PowerPoint: Carta de reclamação

**Carta de reclamação**

**Objetivo:** Escrever uma carta a reclamar ao rei Jorge III

**Regras:**

- ✓ Número de linhas: **mínimo de 10 linhas;**
- ✓ Devem **indicar assunto, onde, quando e porquê** e usar **obrigatoriamente** as seguintes palavras:

- Chá
- Impostos
- Açúcar
- Loucura
- Liberdade
- Nação



Como qualquer trabalho, é importante que o professor indique algumas orientações para os alunos não se perderem e não se sentirem inseguros. Foram dadas indicações relativas ao número mínimo de linhas, à identificação do assunto, local, data e ao motivo pelo qual estavam a escrever. Também, como desafio, teriam de usar seis palavras. Esperava-se, evidentemente, que a escrita tivesse sentido de humor. O uso “obrigatório” das palavras acabaria por não se concretizar, sendo utilizadas só como ajuda ou guia para a escrita da carta.

O trabalho seria recolhido na aula seguinte e, por isso, teriam dois dias para realizar a tarefa. Poderia ter concedido mais tempo para a sua realização, mas pretendia recolher o trabalho no dia em que terminava a temática. Poderia também ter apresentado uma carta modelo do que pretendia, porém não queria que os alunos imitassem a mesma ideia e queria que fossem o mais criativos possível. Curiosamente, o Hugo Campos no seu relatório de estágio propôs um trabalho semelhante aos seus alunos e apresentou um exemplar. Os alunos acabariam por seguir o trabalho que foi apresentado por ele. Este foi mais um motivo pelo qual não quis arriscar e não mostrei nenhuma carta modelo.

Quanto à reação dos alunos, inicialmente ficaram pouco recetivos à concretização da tarefa escutando alguns comentários como “*Ó stora fazer uma carta? Como assim?*”; “*Escrever dá muito trabalho, ó stora*”; “*Temos de apresentar à turma?*”; “*Temos de ler à turma?*” e “*Conta para a nota?*”. Ou seja, estavam confusos e pouco confiantes. Então expliquei-lhes que o meu relatório de estágio tinha como tema o humor e que o

trabalho deles iria fazer parte do mesmo, salvaguardando sempre o seu anonimato. Também esclareci que não iria servir como instrumento de avaliação, e que respeitava o facto de não se sentirem à-vontade para apresentarem a carta à turma, visto que era a primeira vez que lhes era proposto este tipo de trabalho. Fiz questão de dizer que confiava neles e no seu sentido de humor e criatividade, para eles acreditarem no seu trabalho. Devido à circunstância pandémica, foi a primeira e, infelizmente, a única oportunidade de os alunos poderem trabalhar a escrita do humor. Gostaria de ter aplicado mais este tipo de tarefas, havendo eventualmente a possibilidade de apresentarem à turma.

Para ser sincera, confesso que não tinha elevadas expectativas quanto à realização do trabalho pelos alunos. Em primeiro lugar, por se tratar de um trabalho de casa como todos os outros e, apesar de ser algo diferente, não passar de um “TPC”. Também por não ter nenhuma componente avaliativa direta e por terem demonstrado um certo desconforto, talvez por nunca ter sido pedido qualquer trabalho deste género. Todavia, tinha de acreditar nos alunos.

## Segunda aula

Na aula seguinte, iniciei com a recolha das possíveis cartas, se é que havia... Para o meu espanto, vinte alunos realizaram o trabalho de casa e cinco alunos não (na verdade, apenas três, pois dois dos alunos estiveram ausentes durante duas semanas, não sendo possível realizarem o exercício). Fiquei radiante e enquanto recolhia as cartas fui perguntando se sentiram dificuldades e alguns alunos confessaram que sim, ouvindo também respostas como *“a stôra vai-se rir bué com a minha carta”*, *“ó stora não consegui escrever a carta usando as palavras todas, mas vai-se rir”*.

Posto isto, demos seguimento à aula concluindo o módulo 5. Para terminar, demonstrei no 11.º ano que a História tem momentos caricatos. Algo semelhante ao que realizei no 10.º ano com o nome Rómulo, o último imperador e o fundador da cidade de Roma. No que toca à temática da Revolução Americana, expliquei-lhes que o principal aliado dos Estados Unidos na luta para a sua independência foi a França. Alguns alunos ficaram espantados, enquanto outros consideraram ter piada por ser uma maneira de França derrotar a Inglaterra e vingar-se da mesma pela derrota da Guerra dos Sete Anos.

Contudo, era contraditório visto que a França era um símbolo do Antigo Regime. Ou seja, um país absolutista, mas rival de Inglaterra, que estava disposto a ajudar as colônias inglesas a lutar pela sua independência. A França presenteou, inclusivamente, os Estados Unidos com a famosa Estátua da Liberdade, a qual tivemos oportunidade de observar e analisar antes de terminar a aula.

### Análise e reflexão do caso prático

Passaremos então à análise das cartas realizadas pelos alunos e a respetiva reflexão. Como professora devo ter a mente aberta e recetiva aos trabalhos dos alunos quanto à sua análise, criatividade e sentido de humor. Não se trata de humoristas profissionais, mas sim de alunos do ensino secundário.

Por se tratar de uma carta, a maioria dos alunos preocupou-se em seguir as regras básicas da estrutura de uma carta como a identificação do local, a data, a morada do remetente e também do destinatário, a saudação, o corpo da carta, a despedida, a assinatura e também o P.S. (*post scriptum*). Quero destacar o trabalho de um aluno que foi ainda mais longe e entregou o seu trabalho num envelope como se se tratasse efetivamente de uma carta, visto que era esse o seu propósito.

Quanto ao local da morada, poucos alunos o colocaram e os que o fizeram optaram por escolher como local a cidade de Boston ou a cidade de Espinho. Outros foram mais abrangentes, optando por colocar Europa e um caso mais específico preferiu utilizar “*Rua do Deserto do Sara, n.º 0*”.

Quanto à saudação da carta, a maioria dirigiu-se ao rei com formalismo “*Excelentíssimo Rei Jorge III*”, “*Vossa Majestade*” e “*Excelentíssimo Senhor*”. Outros optaram por uma saudação informal como “*Olá Jorge*”, “*Então rei Jorge tá tudo bem com você?*”. Em alguns casos houve uma saudação ternurenta como “*Querido fofito Jorge III*”, “*Fofito D. Jorge III*” e até em inglês “*Dear darling friend Jorge III*” e “*My darling Jorge III*”.

Relativamente ao corpo da carta, todos os alunos foram capazes de escrever um texto inserindo as palavras que deixaram de ser obrigatórias. Metade da turma não foi capaz de ir além do rigor científico histórico, referindo só o seu descontentamento acerca das taxas sobre os produtos, como podemos observar um dos dois exemplos (Anexos 13 e 14):

**C1:** [...] Vim por este meio fazer uma reclamação sobre os impostos aplicados. Sou um colono, mais especificamente de Filadélfia, e acho inadmissível em pleno século XVIII haver impostos sobre o açúcar e o chá, ainda por cima são altos.

De tal modo que, os restantes colonos estão a chegar à loucura. De facto, estes só querem a sua liberdade e defender a sua nação e claro, pagar menos impostos.

Agradeço a sua atenção e espero que pense e resolva o assunto. [...]

Resumindo, aplicaram apenas os seus conhecimentos de acordo com a matéria, não inserindo o sentido de humor como era proposto. No que diz respeito à criatividade, acredito que não investiram tanto na originalidade nem na germinabilidade, sendo que a adequação e a expressividade dos seus trabalhos foram satisfatórias.

Do meu ponto de vista, também houve dois trabalhos (Anexos 15 e 16) que não investiram tanto no sentido de humor. Contudo, merecem ser destacados pela aplicação do seu conhecimento adquirido e pela sua criatividade, desde a originalidade até à expressividade, destacando-se da turma. Como exemplo apresento o trabalho seguinte de um dos alunos que escreveu um poema:

**C3:** [...] Perante a minha liberdade,  
Uma reclamação venho fazer embora não o agrade  
Mas a minha nação assim o permite  
E, por isso, a minha pessoa não o omite  
  
O chá é servido em bules de prata  
Como se essa tradição fosse barata  
  
No comércio do açúcar são aplicados impostos  
Para sustento dos cofres do Estado  
Pelo rei são propostos  
O que por mim é contestado  
  
Tudo isto é uma loucura  
E conto com o seu sentimento de ternura  
Para mudar esta realidade dura  
Como o exige a sua postura. [...]

Os restantes oito trabalhos demonstraram, cada um à sua maneira, seu sentido de humor e criatividade. A maioria aproveitou a palavra “chá” e a circunstância da taxa aplicada fazendo uma piada com o chá das cinco, como podemos observar no exemplo seguinte (Anexo 17):

**C5:** [...] Venho por este meio reclamar o aumento que o excelentíssimo fez aos impostos, pois agora não posso beber o meu chá da 5h com as minhas besties e isso leva-me a mim e à nação à loucura. O pior é que agora nem açúcar posso colocar no meu chazinho, porque um pequeno cubo está mais caro que o meu colar de pérolas [...]

Outro trabalho que destacaria pela espontaneidade e originalidade da escolha da personificação do colono escolhido por este aluno, neste caso Donald Trump (Anexo 18):

**C6:** [...] Eu, Donald Trump, venho dar um aviso o rei Jorge III. Se não retirarem os impostos que impuseram no açúcar, no papel, no selo e principalmente no nosso precioso chá que tomo sempre todos os domingos com a minha amável esposa, Melania Trump. [...]

Finalmente, na minha perspetiva, apresento o melhor trabalho entre os oito trabalhos, realizado por um aluno que cumpriu os parâmetros pretendidos. Demonstrou o seu sentido de humor e a sua criatividade com expressividade, adequação e germinabilidade, mas também os seus conhecimentos adquiridos (Anexo 19):

**C7:** [...] Isto é uma tremenda loucura, darling. Por acaso acha bem eu ter de roubar dinheiro aos pobres para pôr açúcar no chá antes de dormir? Espero que tenha a noção que está a prejudicar o meu sono de beleza e isso não perdoo. Uns com tanto aí em Inglaterra e nós com tão pouco. Vossa alteza irá morrer de diabetes, fofo. Para além disto, está a privar os americanos dos maiores lucros que tinham ao revender o vosso querido chá. Irão morrer todos de overdose deste tão apreciado produto. Onde irei eu buscar dinheiro para comprar as mais belas perucas? [...]

Em conclusão, foi uma atividade em que houve uma inversão de papéis. Foram os alunos a promover o humor. Esta era também uma oportunidade de fortalecer a criatividade dos alunos e, simultaneamente, um momento para desenvolver a sua capacidade escrita e de expressão. Na minha opinião, acredito que se não os tivesse incentivado e motivado, os alunos não teriam realizado a tarefa. Não nos esqueçamos que esta era uma atividade livre, sem qualquer cariz obrigatório ou avaliativo, ou como os alunos dizem “*não conta para a nota*”.

Outro aspeto importante para avaliar a criatividade, e que não explorei no enquadramento teórico, é a auto e heteroavaliação dos alunos. No entanto, não tive oportunidade de o fazer. Acredito que para alguns alunos tenha sido fácil enquanto para

outros tenha sido mais desafiante. Houve alunos que se sentiram mais confortáveis e se divertiram enquanto outros ficaram desconfortáveis e sentiram que era um trabalho massacrante. Citando as palavras de Ziz:

[...] nem toda a gente tem a mesma capacidade de criar ou mesmo contar uma anedota. Alguns de nós são mais dotados que outros neste domínio, como aliás em qualquer outra atividade humana. (1982, p. 91).

Além disso, é mais difícil realizar o humor escrito sem qualquer ajuda da transmissão da imagem ou da voz ou do som.

Foi-lhes dada novamente a oportunidade de ler alguns trabalhos para os colegas da turma, mas a maior parte não se sentiu à vontade. No entanto, também sei que tinha prometido que não iriam apresentar à turma caso não se sentissem confortáveis para tal.

## **Revolução Francesa: o início e o fim**

### **Primeira aula**

A aula seguinte seria no dia 13 de janeiro de 2020 e no início falei com os alunos acerca dos trabalhos entregues, dando o meu feedback. Disse que estava orgulhosa deles, que a maioria tinha conseguido atingir os objetivos e que me ri com as suas cartas. Conseguia-se ver nos rostos que se sentiam orgulhosos e perguntaram “*ó stôra gostou da minha carta?*”. Perguntei-lhes se queriam apresentar à turma, no entanto ninguém quis.

Iniciámos a subunidade “2.1. A França nas vésperas da Revolução”, da “Unidade 2 – A Revolução Francesa – paradigma das revoluções liberais e burguesas”, com o objetivo de os alunos analisarem e compreenderem o contexto em que a França se encontrava nas vésperas da Revolução.

Recorri novamente ao uso de sketch como estratégia humorística. Optei por utilizar como motivação um excerto do filme de Mel Brooks, *History of the World: Part I* (1981) (Figura 6). Certamente que o leitor pensou que usaria Monty Python outra vez. Como o título do filme indica, este trata-se de uma comédia onde são retratados alguns momentos da História, desde a Idade da Pedra até à Revolução Francesa, de uma maneira cómica.

O sketch escolhido trata a *French Revolution*, *Revolução Francesa*, que começa por demonstrar as condições precárias em que a população francesa vivia. Entretanto surge a Madame Defarge, inspirada numa personagem da obra de Charles Dickens, *Um conto de duas cidades*, que convence a população a revoltar-se perante a situação, inclusivamente a matar o rei Luís XVI. Eu tinha como intuito mostrar o estado de crise da França de forma hilariante e relacionar com a aula.

A duração do sketch era cerca de 3 minutos e da mesma forma que utilizei no 10.º ano, apresentei-o no início da aula como motivação. Era a primeira vez que aplicava esta estratégia no 11.º ano e estava receosa pela forma como iria correr e pela reação dos alunos.

Antes do visionamento expliquei brevemente o contexto do filme e do excerto selecionado, nomeadamente a personagem Madame Defarge. Relativamente à reação dos alunos esta não demonstrou qualquer entusiasmo ou emoção, ao contrário do que sucedeu no 10.º ano, deixando-me com dúvidas sobre o resultado da aplicação da estratégia.

De novo, a turma 11.º C conseguiu surpreender-me. Durante o visionamento, os alunos riram-se do início ao fim e foram mais expressivos do que os alunos do 10.º ano. Riram-se quando apareceu no sketch a placa da rua, “Rue de Merde”, quando a cena decorre na rua e os vendedores desesperados tentam vender os seus produtos e quando a Madame Defarge discursa perante os presentes.

Após a visualização, prossegui com o momento de discussão do recurso utilizado. Em primeiro lugar questionei se o sketch tinha sentido de humor e a turma concordou. Questionei qual era a melodia com que se iniciava o vídeo e um aluno indicou que se tratava da *Marsehesa*, o hino da França. Aproveitei o momento para explicar que o hino surgiu no contexto da Revolução Francesa e que se tratou do cântico de apelo ao patriotismo. Também pedi para identificarem um dos ícones dos monumentos franceses que surge no fundo da cena, a catedral de Notre Dame, ao que o mesmo aluno respondeu

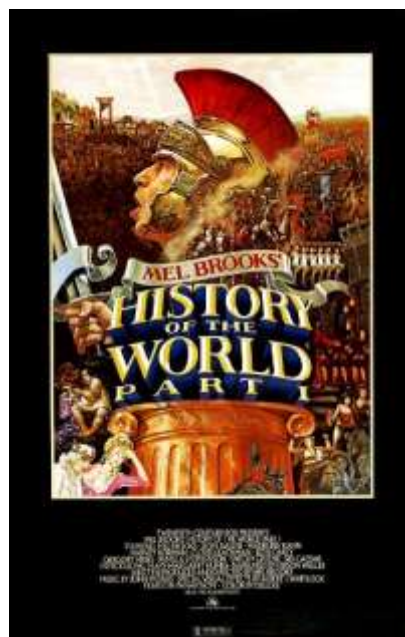


Figura 6 – Filme *History of the World: Part I*, Mel Brooks, 1981

Fonte: [https://www.imdb.com/title/tt0082517/mediaviewer/rm2889368832?ref=it\\_ov\\_i](https://www.imdb.com/title/tt0082517/mediaviewer/rm2889368832?ref=it_ov_i)

corretamente. Depois expliquei que a catedral seria alvo de vários saques durante a revolução.

De seguida lancei a questão que também iria guiar a nossa aula: a partir do vídeo, como se encontrava a situação social da França nas vésperas da revolução? Alunos que raramente participavam nas aulas pediram para responder e indicaram que o ambiente era de miséria, dando exemplos do que tinham visto como pessoas a mendigar e a dizer que tinham fome. Houve ainda a resposta de um aluno que raramente participava que afirmou *“Estava na mesma situação que o nome da rua. Estavam na miséria e em crise ao ponto de um vendedor estar a vender absolutamente nada”*.

Por fim, analisamos o discurso da Madame Defarge, questionando o que ela criticava e o que propunha, os alunos também foram capazes de responder corretamente. Assim, partimos para a compreensão da conjuntura económico-financeira.

Outra estratégia que implementei na aula foi a análise de caricaturas. Desta vez optei por recorrer a caricaturas conhecidas sobre o Terceiro Estado, em que este aparece a carregar às costas as ordens privilegiadas e a ser esmagado e oprimido por tributos (impostos e pesadas cargas tributárias, corveia, talha) (Anexo 20) sendo que uma se encontra disponível no manual e a outra na apresentação de *PowerPoint* da aula. Tinha como objetivo que compreendessem, através das caricaturas, que a França continuava com uma sociedade desigual, a velha sociedade de ordens do Antigo Regime.

Ao contrário do que sucedeu na análise da caricatura da *Old Lady*, os alunos não ficaram tão curiosos e atentos nem mostraram risos na sua observação. Creio que não deve ter captado a atenção, uma vez que as caricaturas se encontram frequentemente nos manuais escolares e, por isso, não é algo novo capaz de cativar os alunos. Apesar de a reação não ter sido a expectável, identificamos cada ordem social, analisamos os vários pormenores com a leitura da legenda e os alunos foram capazes de compreender a mensagem das caricaturas.

Mais à frente analisamos novamente caricaturas, mas desta vez dos monarcas, Luís XVI e Maria Antonieta, que se encontram disponíveis no manual (Anexo 21). Como vimos no capítulo da breve História do riso, havia uma necessidade de troçar de tudo e de todos, e nem os monarcas escapavam numa conjuntura de fragilidade. Com as caricaturas, estes rapidamente se tornaram alvos de troça, chegando às camadas populares. O meu intuito era que os alunos compreendessem como eram vistos os membros da

família real aos olhos dos revoltosos, o porquê de serem figuras controversas e o motivo pelo qual eram alvo de troça.

Contrariamente ao que sucedeu na observação das caricaturas anteriores e, de novo, para meu espanto, os alunos esboçaram pequenos risos enquanto analisamos as caricaturas, sobretudo a caricatura de Luís XVI. Além disso, foram mais céleres a inferir o objetivo das caricaturas e a relacioná-las com os conteúdos da aula.

## Segunda aula

A última aula em que tive oportunidade de aplicar mais uma estratégia “engraçada” foi lecionada no dia 20 de janeiro, coincidindo com uma aula supervisionada que incidiu sobre o fim da revolução francesa. Iria abordar as fases do Diretório e do Consulado com o intuito de os alunos perceberem a ação do Diretório e relacionarem o triunfo da revolução burguesa com a intervenção política de Napoleão Bonaparte.

Uma personalidade histórica marcante e, confesso, que sempre me despertou curiosidade ao longo das aulas de História. Esta figura era, simultaneamente, das mais controversas, havendo sempre aquela dúvida sobre o lado a que pertence – o “lado dos bons” ou dos “maus da fita”?

Quando pensamos ou referimos o nome de Napoleão só pensamos no único conhecido. E no humor? Certamente todos fizemos a piada “De que cor era o cavalo branco de Napoleão?”. Acredito que há todo um aparato em torno da sua figura, especialmente no humor. A quantidade de piadas referentes à sua imagem, desde a sua altura, à singularidade do traje militar e do seu icónico chapéu bicorne, até à pose da mão dentro do casaco, é extremamente extensa. Também existe a sua presença na arte, em vários retratos pintados por Jacques-Louis David, como o da sua cerimónia de coroação em que Napoleão tornando-se imperador da França. Surgem também piadas sobre a sua carreira militar, sobretudo sobre o seu fracasso na invasão da Rússia e a sua derrota na batalha final de Waterloo, ao ponto de inspirar a vencedora canção do Festival Eurovisão da Canção, de 1974.

Admitindo um gosto especial por esta temática, pensei nas estratégias que poderia usar e no que poderia trazer de diferente para a sala de aula, para além do conhecimento geral. Como tivemos a oportunidade de ver no capítulo “Quem ri por último, aprende melhor”, uma das sugestões estratégicas humorísticas que Strean propunha era o uso de acessórios ou trajes. Para isso, decidi estampar uma camisola com a pintura “Napoleão no Grande São Bernardo”, também conhecido como “Napoleão atravessando os Alpes”, de Jacques-Louis David (Figura 7).



Fonte: <https://www.khm.at/objektdb/detail/570/>

Figura 7 – “Napoleão no Grande São Bernardo”, de Jacques-Louis David, de 1802-1803. Óleo sobre tela, 246 x 231 cm. Localizada no Museu Kunsthistorisches, em Viena, Áustria.

A aula estava dividida em duas partes, sendo que num primeiro momento trabalharíamos o Diretório até ao seu final resultando no Golpe de 18 do Brumário. Só neste momento de passagem para a segunda parte da aula é que mostrei a t-shirt de Napoleão. Quanto à apresentação da t-shirt, decidi mostrá-la de modo discreto enquanto os alunos estavam concentrados a passar a resposta da primeira questão-orientadora. Lentamente os alunos foram acabando de passar os apontamentos para o caderno e quando se aperceberam que estava a usar a t-shirt de Napoleão despertaram algumas gargalhadas e risos.

O segundo momento foi dedicado ao Consulado e às medidas impostas por Napoleão após o triunfo da revolução burguesa. Por uma questão de gestão de tempo e de planeamento, optei por aproveitar um pouco de tempo no final da aula para explorar a biografia de Napoleão Bonaparte, utilizando o Dossiê do final de cada tema disponível no manual escolar.

Para mostrar um pouco mais sobre o fracasso da invasão da *Grande Armée* na Rússia, decidi pedir a um aluno com experiência em teatro para apresentar à turma um excerto, através da leitura de uma das *Cartas de Napoleão a Maria Luísa* (1935) (Anexo 22). De novo, usando como estratégia o uso de acessórios, o aluno leu a carta usando um bicorne a imitar o de Napoleão Bonaparte.

Poderão questionar-se se estaria a colocar um aluno como alvo de troça. Contudo, enquanto planeava a aula conversei com o aluno e propus a minha ideia, à qual o aluno respondeu positivamente, mostrando-se confortável para usar o chapéu e para encarnar a personagem. No que diz respeito à reação da turma, os alunos ficaram entusiasmados e riram por ver o seu colega a “representar”. Quando mostrei o chapéu e o aluno o colocou, os alunos ficaram atentos à leitura. Leitura que, posteriormente, tivemos oportunidade de analisar, percebendo o principal motivo da causa da derrota na perspetiva de Napoleão.

Considero que foi fundamental a participação e o à-vontade do aluno a representar a personalidade histórica. Foi uma simples estratégia onde um chapéu fez toda a diferença para que os alunos ficassem atentos.

Em relação às outras estratégias aplicadas julgo que, de um modo geral, foram bem-sucedidas, tendo-me surpreendido, como referi ao longo do subcapítulo. Em relação ao visionamento do sketch, comparativamente às turmas do 10.º ano, no 11.º C não houve muito entusiasmo antes do visionamento, mas houve uma maior participação pelos alunos reservados e tímidos. No entanto, só tive uma oportunidade de aplicar esta estratégia e não sei se numa próxima vez se verificaria a mesma situação.

Referente ao uso do humor gráfico através da caricatura, acredito que funcionou, no sentido de terem compreendido a mensagem, muitas vezes melhor do que a análise de um documento escrito. Obviamente, este recurso nem sempre era utilizado com o intuito de fazer rir, como se observou no comportamento dos alunos. As gargalhadas nem sempre foram audíveis, mas os sorrisos eram regularmente visíveis.

### **Uma (Re)Descoberta do Brasil**

Antes de passarmos à apresentação dos dados do inquérito por questionário, ainda houve uma pequena estratégia aplicada fora do contexto de sala de aula. No âmbito da unidade curricular, Problemáticas Históricas, tivemos oportunidade de apresentar uma dramatização contando com a participação dos alunos. Neste momento o leitor poderá perguntar *“E isso interessa para quê?”*. Pois bem, eu e o meu colega decidimos realizar uma dramatização com as nossas três turmas e esta foi mais uma excelente oportunidade para aplicar o humor.

Inicialmente escrevemos uma peça intitulada “Da descoberta do Brasil à chegada da família real”, abordando a descoberta do Brasil e a chegada da família real em 1807, um tema relacionado com o 10.º ano e outro com o 11.º ano. Contudo, devido às desistências dos alunos na participação da atividade, tivemos de optar por tratar só a primeira temática, ficando a peça “(Re) Descoberta do Brasil” (Anexo 23), apresentada no dia 28 de fevereiro, sexta-feira de tarde, no auditório da escola.

Foi uma atividade que não foi aplicada com todos os alunos das três turmas. Participaram no total 17 alunos, 4 alunos da turma do 10.º A, 6 alunos do 10.º B e 7 alunos do 11.º C. Era uma atividade livre, não obrigatória e fora do contexto de sala de aula, que consistia na apresentação de uma peça de teatro, num anfiteatro, com um público a assistir. Também poderia ser adaptado e apresentado em sala de aula. Porém, não deixou de ser uma atividade exigente e de longo trabalho, desde os ensaios até à preparação do vestuário e dos adereços.

Tinha como um dos objetivos discutir sobre a problemática do “Descobrimento do Brasil”. Não pretendo discutir aqui as diferentes perspetivas sobre o desenvolvimento da “descoberta” ou “achamento”, ou se foi “acaso ou intencional”, mas sim o uso do humor juntamente com o teatro para ensinar História de forma diferente.

O feedback dos alunos foi bastante positivo. Gostaram de participar na atividade e solicitaram várias vezes a repetição da peça ou a realização de outra dramatização. Não houve nenhuma componente avaliativa, mas, devido às circunstâncias pré-covid e numa fase de intenso trabalho, também não foi possível realizar um inquérito por questionário acerca da atividade. Seria interessante ter dados em concreto para analisar as suas opiniões.

Do meu ponto de vista, penso que foi uma estratégia com resultados positivos. Para além de os alunos se terem divertido com a atividade, simultaneamente aprendemos mais sobre a descoberta do Brasil. Demos oportunidade aos alunos de ajudar na elaboração e discussão do texto, e também de aprender história de forma divertida e descobrir um pouco mais, como por exemplo, com a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, a sua importância enquanto fonte do relato da viagem e das primeiras descrições do novo mundo e dos povos indígenas. Gostaria de ter lecionado a temática no 10.º ano, na subunidade “5.1. O encontro de culturas e as dificuldades de aceitação do princípio da

unidade do gênero”, inserida na “Unidade 5 – As novas representações da Humanidade” e, possivelmente, aproveitar a dramatização e inseri-la em contexto de sala de aula.

Foi mais uma estratégia em que o humor e a história, com uma mãozinha da dramatização, ajudaram a promover a aprendizagem.

### **Rir ou não rir: eis a questão**

Chegou o momento da verdade: rir ou não rir, usar ou não o humor na sala de aula. Ficaremos a conhecer a opinião dos alunos sobre o uso do humor como estratégia de aprendizagem da História e se as estratégias humorísticas aplicadas na sala de aula deram frutos.

Além disso, as hipóteses propostas ainda se encontram frescas na minha cabeça, mas com uma pandemia que ainda não terminou e um inquérito por aplicar, não percam mais tempo, e relembremos: será que os alunos apreciam a presença do humor na sala de aula? Será que os alunos gostam que um professor utilize o humor na sala de aula? Será que o que o humor facilita e/ou promove a aprendizagem dos alunos?

Por outras palavras, encontramo-nos na sexta etapa, “Análise das informações”, com o intuito de analisar “a informação obtida através da observação para a apresentar de forma a poder comparar os resultados observados com os esperados a partir da hipótese” (Quivy, 2005, p. 238). Para além disso, ficámos também a saber se as leituras realizadas em torno do tema central e a minha perceção ao longo das aulas vão ao encontro das opiniões recolhidas.

Decidi dividir este processo em quatro passos: elaborar, aplicar, analisar e refletir. Em primeiro lugar, pretendo explicar a elaboração e a aplicação do inquérito. Para a realização do inquérito por questionário, para além do *Manual de investigação em educação* segui as linhas de dois autores, J. Bell e B. W. Tuckman, e, como indica Bell, “Planificar um bom inquérito é mais difícil do que imagina” (Bell, 2004, p. 117). De seguida, exibo a análise dos dados recolhidos apresentando também exemplos de respostas às questões de resposta aberta, transcrevendo tal e qual como me foi entregue, podendo apresentar algum erro ortográfico. Finalmente, elaboro uma brevíssima reflexão sobre os mesmos exemplos, confrontando as minhas hipóteses com a análise da informação obtida.

## Elaboração e aplicação do inquérito

A minha ideia inicial era aplicar um inquérito por questionário em formato papel, aos alunos, por volta do mês de abril. Contudo, com o início da conjuntura pandémica, as aulas presenciais deram lugar às aulas à distância, como aconteceu por todo o país. No caso da Escola Dr. Manuel Laranjeira, as aulas passariam a ser lecionadas na plataforma *Microsoft Teams*.

No entanto, não foi concedida permissão de acesso aos núcleos de estágio e eu e o meu colega não conseguimos acompanhar as aulas ou contactar os alunos. Após várias solicitações da nossa Orientadora Cooperante, foi-nos atribuído um *e-mail* e palavra-passe de acesso à plataforma a 18 de maio, mas novamente não conseguimos ter acesso. A situação ficaria resolvida no dia 15 de junho quando tardiamente tivemos acesso à plataforma.

Após ter conversado com a Professora Cláudia, a solução seria transformar o inquérito de formato papel para *online*, através da plataforma *Google Forms* (Anexo 24). Dado o impedimento de acesso para conversar com os alunos, tive de pedir autorização e solicitar à Orientadora Cooperante para partilhar o *link* do inquérito com os alunos, pois esta era a única opção.

Para além do *e-mail* enviado aos alunos, no cabeçalho do inquérito encontrava-se explicado o “objetivo da investigação” e, como indica Tuckman, é importante que os inquiridos saibam como será feita a utilização dos seus dados e “suavizar quaisquer dúvidas relativamente ao facto da participação no estudo poder constituir uma ameaça à sua privacidade e reputação.”. Da mesma forma, é essencial garantir a proteção dos dados, assegurando o anonimato das informações recolhidas para o inquérito, “Os sujeitos têm o direito de saber como é que a sua privacidade e confidencialidade será garantida.” (Tuckman, 2000, p. 343).

Procurei realizar um inquérito simples, rápido e de fácil realização, tendo cuidado na sua elaboração, “na selecção do tipo de questões, na sua formulação, apresentação, ensaio, distribuição e devolução dos questionários.” (Bell, 2004, p. 117). No que diz respeito à sua estrutura, encontrava-se dividido em três secções. A primeira parte consistia no preenchimento dos Dados Pessoais. A segunda parte “O humor na sala de aula: parte

I” era constituída por um conjunto de sete questões às quais se deveria responder consoante o grau de concordância. Para tal, as questões de seleção foram classificadas na escala tipo *Likert*, (*Discordo fortemente, Discordo, Nem concordo/nem discordo, Concordo e Concordo fortemente*). Este tipo de “resposta por escala” é uma das formas mais vulgares para que os inquiridos possam exprimir “a sua aprovação ou rejeição relativamente a uma afirmação-atitude” (Tuckman, 2000, p. 313).

A última parte, “O Humor na sala de aula: parte II” era constituída por um conjunto de quatro questões de resposta aberta, sendo que três eram de cariz obrigatório. Como indica Bell citando Youngman, as questões de tipo verbal ou aberta permitem:

[...] produzir informações úteis, mas a sua análise levanta alguns problemas. [...] Pode, por exemplo, considerar necessário dar aos respondentes a oportunidade de exprimirem as suas opiniões sobre o tópico a ser investigado – ou de apresentarem algumas queixas. (1986, cit. Bell, 2004, p. 119).

Para analisar as questões de tipo verbal ou aberta, optei pela “análise categorial” que passa por quantificar e comparar as respostas e agrupar em categorias, como afirma Quivy: “Baseia-se na hipótese segundo a qual uma característica é tanto mais frequentemente citada quanto mais importante é para o locutor.” (Quivy, 2005, p. 228).

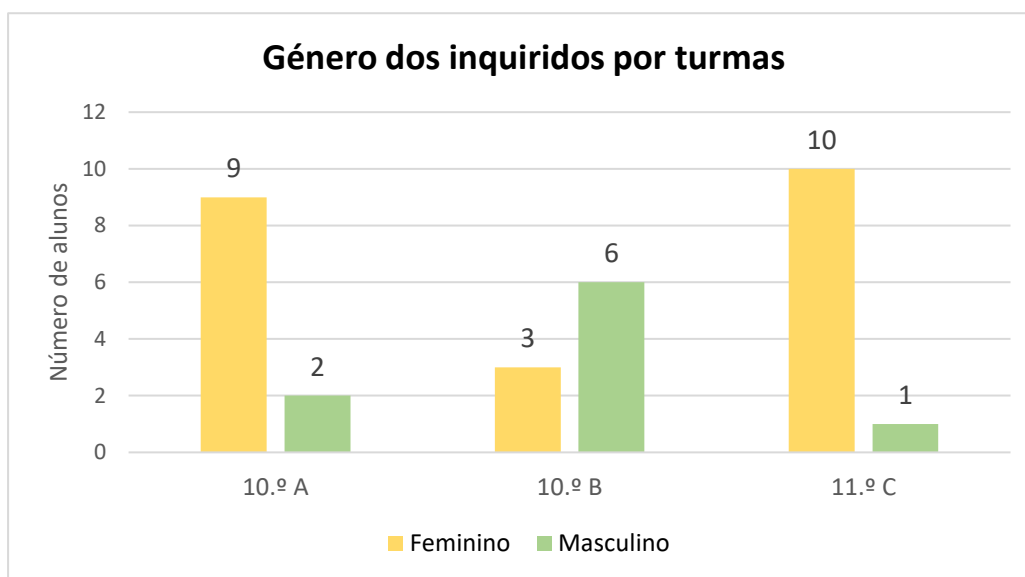
Enviado no dia 7 de maio de 2020, na primeira semana tinha recebido 31 respostas, mas depois não recebi mais nenhuma. Solicitei diversas vezes à minha Orientadora Cooperante que incentivasse os alunos a responder aos inquéritos, uma vez presente a impossibilidade de entrar em contacto. O inquérito ficou disponível até ao dia 9 de junho de 2020, mas só foram recebidas as iniciais 31 respostas.

Descreveria este processo como a Batalha de Waterloo (1815). Por um lado, foi uma vitória, porque apesar das várias adversidades, e com ajuda das orientadoras, consegui dar a volta e aplicar o inquérito. Por outro lado, a batalha ficaria sempre na memória como a derrota de Napoleão, e neste caso ficou-me gravado na memória o número de respostas da amostra recolhida. Era a oportunidade de dar voz aos alunos, porque é importante saber o que eles pensam. Com o questionário pretendia não só obter informações sobre o humor, como também aspetos sociais, emocionais, motivacionais e cognitivos. Pretendia recolher mais informação sobre a relação entre professor e aluno, o interesse e motivação pela disciplina de História e o seu aproveitamento com o humor. Contudo, foi esta amostra que obtive, portanto passemos à sua análise.

## Análise dos resultados

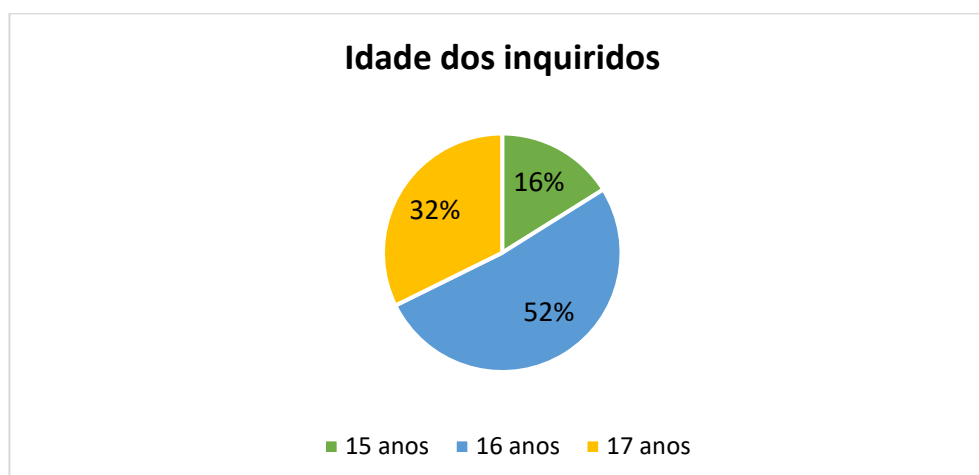
Quanto aos dados pessoais, de 31 respostas cerca de 22 inquiridos são do sexo feminino (71%) e 9 do sexo masculino (29%) (Anexo 25) com idades compreendidas entre os 15 anos (16,1%), 16 anos (51,6%) e 17 anos (32,3%) (Gráfico 1).

Gráfico 1 – Distribuição dos alunos inquiridos por idade



Quanto à distribuição de respostas consoante as turmas cerca de 11 alunos (35,5%) pertenciam à turma do 10.º A, 9 alunos (29%) do 10.º B e 11 alunos (35,5%) do 11.º C (Anexo 26). Na turma do 10.º A, 9 inquiridos eram do sexo feminino e 2 do masculino, no 10.º B 3 eram do sexo feminino e 6 do masculino e no 11.º C 10 eram do sexo feminino e 1 do masculino (Gráfico 2).

Gráfico 2 – Distribuição dos alunos inquiridos por género e turma



Inserida na segunda parte do inquérito, à questão “Aprecio pessoas com sentido de humor” cerca de 23 inquiridos (74,2%) responderam *Concordo fortemente* e 8 (25,8%) *Concordo* (Anexo 27). Podemos concluir que a nossa amostra aprecia o sentido de humor, não registando nenhum *Discordo* ou *Nem concordo nem discordo*.

Na segunda questão, “O humor cria um ambiente agradável na sala de aula” cerca de 20 (64,5%) responderam *Concordo fortemente*, 10 (32,3%) responderam *Concordo* e 1 (3,2%) manifestou *Nem concordo nem discordo* (Anexo 28). Um maior número de alunos acredita que o humor pode ser um fator que proporciona um ambiente agradável na sala de aula, havendo apenas um inquirido que afirma ser uma posição indifferente.

Na questão seguinte “O humor pode ser uma ferramenta útil para a aprendizagem da História” 13 (41,9%) responderam *Concordo fortemente* e 13 (41,9%) manifestaram a resposta *Concordo*. Porém, 3 (9,7%) discentes selecionaram *Nem concordo nem discordo* e 2 (6,5%) selecionaram *Discordo* (Anexo 29). Depreendemos que a maior parte dos inquiridos, cerca de 26 alunos, está de acordo que o humor pode ser um instrumento que o professor pode usar para promover a disciplina de História. Destacam-se também as duas respostas que não concordam com o uso do humor para estimular a aprendizagem da História.

Na questão “O humor permite diminuir a distância entre o professor e o aluno” cerca de 17 (54,8%) manifestaram *Concordo fortemente*, 6 (19,4%) discentes responderam *Concordo*, 5 (16,1%) *Nem concordo nem discordo*, 2 (6,5%) selecionaram *Discordo*

e 1 (3,2%) selecionou *Discordo fortemente* (Anexo 30). Podemos inferir que nesta questão não houve uma total unanimidade na escolha de resposta. Não obstante ao resultado, uma vez que 26 alunos concordam que o humor diminui as distâncias entre o professor e o aluno. Contrariamente, cerca de 3 alunos afirmam que não diminui o distanciamento.

Na quinta questão, “O professor deve ter sentido de humor”, cerca de 18 (58,1%) responderam *Concordo fortemente*, 7 (22,6%) *Concordo*, 5 (16,1%) *Nem concordo nem discordo* e 1 (3,2%) respondeu *Discordo* (Anexo 31). Novamente, a maioria da nossa amostra, cerca de 25 alunos, indica que um docente deve ter sentido de humor.

Na questão “O professor deve utilizar o humor na sala de aula” cerca de 16 alunos (51,6%) responderam *Concordo fortemente*, 11 (35,5%) *Concordo*, apenas 1 (3,2%) selecionou *Nem concordo nem discordo* e 3 (9,7%) responderam *Discordo* (Anexo 32). No total, 27 discentes afirmaram que um professor pode utilizar o humor em contexto de sala de aula, enquanto que 3 alunos defendem o contrário.

Na última questão “A História pode ser divertida” cerca de 21 alunos (67,7%) responderam *Concordo fortemente*, 9 (29%) *Concordo* e apenas 1 (3,2%) respondeu *Discordo* (Anexo 33). Ou seja, cerca de 30 alunos concordaram que a disciplina de História pode ser divertida, contrariamente à opinião de 1 aluno.

Na terceira parte do inquérito, na primeira questão “Consideras que o humor promove o interesse pela História” o maior número de alunos respondeu unanimemente *Sim* e apenas 1 resposta claramente *Não*:

**R6:** Não porque às vezes humor é uma coisa difícil de entender e história como sendo uma disciplina bastante teórica ainda seria mais difícil entender.

Além disso, obtive uma resposta neutra no sentido em que o aluno nem considera nem desconsidera a afirmação:

**R15:** Por um lado sim, pois ajuda a captar interesse na disciplina, porém por outro lado não, visto que pode distrair os alunos.

Uma vez que a maioria dos alunos respondeu *Sim*, optei por criar as seguintes categorias com as justificações das respostas apresentadas pelos mesmos (Tabela 1):

Tabela 1 – Categorização da resposta aberta "8. Consideras que o humor promove o interesse pela História. Justifica a tua resposta"

| <b>Categoria</b>                                               | <b>Número de correspondências</b> |
|----------------------------------------------------------------|-----------------------------------|
| <b>A.</b> Cria o gosto de aprender História                    | 6                                 |
| <b>B.</b> Maior concentração na sala de aula                   | 10                                |
| <b>C.</b> Aprender de forma divertida e descontraída           | 8                                 |
| <b>D.</b> Memorização da matéria                               | 1                                 |
| <b>E.</b> Diminuição do distanciamento entre professor e aluno | 1                                 |
| <b>F.</b> Não justifica a sua resposta                         | 3                                 |

A categoria A abrange as respostas dos alunos que com o humor criaram um gosto de aprender a História:

**R27:** Sim, porque os professores ao ter sentido de humor contagiam a maior parte dos alunos o que faz muitas vezes gostar mais dessa disciplina do que outras.

Já a categoria B engloba as respostas dos alunos que com o humor sentem uma maior concentração nas aulas de História, com maior número de correspondência:

**R2:** Sim, considero que o humor promova interesse pela história visto que, por vezes pode ser um motivo para estar atento na sala de aula, principalmente para alguns alunos que têm dificuldade a estar concentrados. De facto, o humor pode nos despertar e fazer com que estejamos mais interessados no tema solicitado.

**R19:** Sim. Em aulas secantes e monótonas os alunos não retêm tanta informação e acabam por “desligar a ficha”. Se os professores tiverem sentido de humor e alegrarem um pouco a aula, penso que os alunos ficam mais concentrados e em sintonia.

**R25:** Sim. O humor pode ser uma boa ferramenta para ajudar os alunos a “acordar” e entender mais facilmente o que está a ser dado.

Na categoria C são apresentadas as respostas que concordam que com o humor as aulas de História tornam-se mais divertidas e descontraídas:

**R9:** Sim, pois haverá sempre aqueles momentos de descontração sempre dentro do contexto de matéria e de aprendizagem.

**R10:** Sim pois é uma maneira divertida de aprender.

Já nas categorias D e E, cada uma engloba apenas uma correspondência, respetivamente. Na categoria D com o humor a facilitar memorização da matéria e na E com a diminuição da distância entre o professor e o aluno:

**R14:** Sim, pois ajude-nos a lembrar de partes importantes a história que decoramos devido a algo engraçado que aconteceu enquanto essa matéria era dada.

**R29:** Sim facilita o interesse porque retira a distância professor aluno.

Para terminar, criei a categoria F na qual estão inseridos os alunos não apresentaram a sua justificação, respondendo apenas que concordam com a afirmação.

Na questão “Consideras que o humor pode ajudar a compreender melhor a matéria de História?” a maior parte respondeu *Sim* e dois alunos responderam *Não*, sendo que um não apresentou a sua justificação e o outro respondeu:

**R2:** Não concordo plenamente, pois nem todos os temas na disciplina de história estão adequados ao humor e, por isso não deve ser utilizado diariamente.

Novamente, para a maioria respondeu que *Sim* criei as seguintes categorias com respetivos números de correspondências (Tabela 2):

Tabela 2 – Categorização da resposta aberta "9. Consideras que o humor pode ajudar a compreender melhor a matéria de História? Justifica a tua resposta"

| Categoria                                 | Número de correspondências |
|-------------------------------------------|----------------------------|
| A. Capta atenção                          | 5                          |
| B. Interesse pelas aulas de História      | 7                          |
| C. Atitude do professor                   | 2                          |
| D. Simplicidade na compreensão da matéria | 13                         |
| E. Não justifica a sua resposta           | 2                          |

Na categoria A reúnem-se as respostas em que com o humor ajudou a compreender melhor a matéria de História porque conseguiu captar a sua atenção:

**R3:** Sim considero porque faz com que a nossa atenção seja captada.

**R24:** Sim, porque capta mais a atenção e temos mais vontade de ir para as aulas se elas forem divertidas e relaxadas.

Na categoria B os alunos descrevem que com o humor ganharam um maior interesse pela disciplina de História, criando uma perspetiva diferente sobre a mesma:

**R7:** Eu acho que ajuda muito, porque temos outra visão sobre a História.

**R9:** Claramente, pois faz com que olhemos para as aulas de outra maneira, menos secantes, etc...

Na categoria C referem que a relação do aluno com o comportamento do professor com sentido de humor ajudou a compreender a matéria de História:

**R11:** Em parte sim, pois é disciplina de muita teórica e se não existir humor por parte do aluno e especialmente do professor da disciplina poderá ser um pouco aborrecido.

**R19:** Sim porque quando os professores são antipáticos e demasiado sérios, os alunos acabam por ficar no “mundo da lua” e não prestar atenção à matéria. Os professores com humor cativam-nos e ouvimos e percebemos melhor a aula.

Já na categoria D, com a maior número de correspondências, os alunos responderam que com o humor torna-se mais simples a compreensão da matéria de História:

**R4:** Sim. Porque parece que dessa forma a disciplina fica mais interessante e faz com que os alunos saibam a matéria mais facilmente.

**R6:** Sim, eu gosto muito do humor, se existisse humor na matéria de história compreenderíamos melhor.

Novamente, criei uma categoria (E) para os alunos que não apresentaram a sua justificação, respondendo apenas que concordam com a afirmação.

Na questão “Que estratégias ‘humorísticas’ pode o professor usar na sala de aula?”, os alunos deram vários exemplos de estratégias como podemos ver na tabela seguinte (Tabela 3):

Tabela 3 – Categorização da resposta aberta “10. Que estratégias “humorísticas” pode o professor usar na sala de aula?”

| Categoria                                       | Número de correspondências |
|-------------------------------------------------|----------------------------|
| A. Uso de jogos                                 | 3                          |
| B. Visionamento de vídeos                       | 5                          |
| C. Interpretação de uma personalidade histórica | 2                          |
| D. Contar piadas                                | 18                         |
| E. Modo de ensino                               | 1                          |
| F. Não sabe ou não respondeu                    | 3                          |

Na categoria A, os alunos escolheram como estratégia humorística o uso de jogos:

**R20:** Jogos e atividades lúdicas.

Na categoria B responderam como estratégia humorística o visionamento de vídeos, nomeadamente com sentido de humor, para explicar matéria e na categoria C a interpretação de uma personalidade histórica:

**R4:** Por exemplo, interpretar uma pessoa histórica arranjando elementos que o caracterizem. Ou vendo filmes que definam a época que estamos a estudar.

Na categoria D grande parte dos alunos sugeriu que se contassem piadas sobre uma determinada matéria ou episódios caricatos da História.

**R14:** Piadas com a personalidade das pessoas da história que estamos a falar no momento para no futuro ser fácil associar.

**R19:** Uma espécie de piada de em vez em quando, exemplos históricos caricatos.

Na categoria E apenas uma resposta aborda sobre o modo de ensino por parte do professor:

**R27:** O professor pode usar o seu humor enquanto explica porque acho que assim os alunos aprendem melhor e não se torna uma aula secante, como por exemplo no seu modo alegre de falar e fazer gestos.

Na categoria F os alunos não foram capazes de dar exemplos de estratégias humorísticas, respondendo a maioria *Não sei*. Além disso, apesar de não responderem diretamente e de não se enquadrarem na tabela de categorias, houve duas respostas que referiram que o humor pode ser usado em tudo, não indicando nenhuma estratégia humorística:

**R30:** Pode usar todo o tipo de humor para que o ambiente seja ótimo na sala de aula.

Por fim, na última questão “Houve algum momento que consideraste mais hilariante durante as aulas de História? Qual?” obtive 23 respostas por se tratar de uma pergunta facultativa. Poderia ter colocado de resposta obrigatória, contudo era uma questão de cariz sugestivo. Sabia o risco que corria ao ser facultativa, como podemos ver na tabela seguinte (Tabela 4):

Tabela 4 – Categorização da resposta aberta "11. Houve algum momento que consideraste mais hilariante durante as aulas de História? Qual?"

| Categoria                        | Número de correspondências |
|----------------------------------|----------------------------|
| A. Não respondeu                 | 8                          |
| B. Não justificou a sua resposta | 8                          |

|                                            |   |
|--------------------------------------------|---|
| <b>C.</b> Uso do <i>meme</i>               | 2 |
| <b>D.</b> Visionamento de sketches/ filmes | 2 |
| <b>E.</b> Jogo “Quem quer ser romanizado”  | 2 |
| <b>F.</b> Aula de Napoleão Bonaparte       | 3 |
| <b>G.</b> Participação dos alunos          | 2 |
| <b>H.</b> Atitude do professor             | 3 |

Para além dos alunos que deixaram a questão em branco (categoria A), alguns alunos que responderam não justificaram a sua resposta (categoria B):

**R2:** Não me recordo, mas creio que já houveram bastantes.

**R25:** Muitos.

Na categoria C os alunos escolheram o uso do *meme* para não se esquecerem do material para a aula seguinte como um momento hilariante:

**R16:** Quando a professora fez um meme para ninguém se esquecer de levar o livro.

Na categoria D os alunos referem ao visionamento de excertos de filmes e na categoria E o uso de jogos durante as aulas:

**R3:** Quando mostravam excertos de filmes de comédia.

**R11:** Sim, um jogo de roleta sobre a matéria que estávamos a estudar.

Na categoria F os alunos selecionaram a aula lecionada sobre o fim da Revolução Francesa, sobretudo acerca de Napoleão Bonaparte. Na categoria G escolheram os momentos em que os alunos tinham a oportunidade de escutar as participações ou as explicações dos seus colegas a cerca da matéria com uma lente humorística:

**R14:** Quando a professora Maria João deu a aula sobre Napoleão com a camisola do mesmo.

**R9:** Sim, por vezes as apresentações dos estagiários, mas também intervenções dos alunos como por exemplo do [nome do aluno], que querendo ou não, abre momentos de descontração nas aulas que contribui sem dúvida para aprendizagem explicando ele de outra forma certos pontos ficando mais fácil de entender, mesmo assim, o mesmo acaba por ser bastante oprimido e desvalorizado, quanto aos estagiários creio que o humor trazido por ambos, foi algo bastante positivo e importante.

Na categoria H os alunos destacaram a forma como os professores lecionam as aulas, como por exemplo na transmissão do conhecimento:

**R6:** Sim, a emoção ao contar algo muito interessante.

Para finalizar houve uma resposta que não escolheu um momento de sala de aula, a dramatização “(Re) Descoberta do Brasil” e, por isso, optei por não incluir na tabela de categorização da resposta:

**R7:** Mesmo que em si não tenha nada que ver com as aulas, para mim os momentos mais hilariantes eram os do teatro.

### **Reflexão dos resultados**

Retomando as hipóteses propostas para este trabalho: será que os alunos apreciam a presença do humor na sala de aula? Segundo a amostra inquirida, a nossa Geração Z admite que aprecia a utilização do humor na sala de aula, pois é criado um ambiente de sala de aula mais agradável.

Será que os alunos gostam que um professor utilize o humor na sala de aula? Em geral, também admitem concordar que um professor deve ter sentido de humor e que pode utilizar o mesmo em contexto de sala de aula. Também, desta mesma forma, estabelece-se uma maior aproximação na relação entre o professor e os alunos.

Será que o que o humor facilita e/ou promove a aprendizagem dos alunos? É reconfortante saber que, segundo a maioria dos alunos, pode facilitar a compreensão da matéria. Destaco, também, o reconhecimento dos alunos ao referirem a necessidade de se concentrarem na sala de aula e, na sua perspetiva, o humor pode auxiliar nesse sentido. Podemos inferir que a maioria dos resultados vai ao encontro das ideias apresentadas no enquadramento teórico.

Não nos podemos esquecer dos alunos que não concordaram com as afirmações. Como se costuma dizer, “não é possível agradar a Gregos e a Troianos”. Como podemos analisar, ainda que as respostas tenham sido poucas, nem todos consideram que o professor deve utilizar sentido de humor ou que este diminui o distanciamento entre o aluno e o docente.

Um aspeto curioso foi que o grande número de alunos que considerou que a disciplina de História pode ser divertida. No entanto, as suas respostas às questões abertas permitiram inferir que alguns veem a História como uma disciplina “bastante teórica” (**R6**), que “tende a ser entediante” (**R3**) e não os faz ter interesse em aprender. O

humor demonstrou que a História pode ser “menos secante” (R9), ajudando os alunos a desenvolver um maior gosto e apreço pela disciplina de História.

Algo que também me surpreendeu, relativamente aos momentos mais hilariantes na sala de aula, foi a variedade de respostas. Apesar de as respostas terem sido poucas, uns escolheram, por exemplo, um simples *meme* para não se esquecerem do manual, enquanto outros escolheram o jogo ou o visionamento de sketches. Houve ainda quem escolhesse os momentos em que estavam a participar e se sentiam à vontade para se exprimir com sentido de humor.

De novo, refiro que gostaria de ter conseguido um maior número de respostas e que, nos poucos casos em que os discentes discordavam ou até que concordavam com as afirmações, os alunos pudessem ter justificado e explicado o seu ponto de vista, uma vez que enriqueceria os dois pontos de vista sobre o uso do humor.

Acredito que possa ter havido algumas dúvidas ou dificuldades no preenchimento do inquérito e que, infelizmente, não me tenha sido possível auxiliar os alunos. No entanto, não deixo de demonstrar satisfação perante os resultados obtidos, não obstante os entraves que surgiram ao longo do processo.

## Ó tempo volta para trás

Aproximamo-nos do final e chegamos à sétima e última etapa, “As conclusões”. Um momento de ponderação acerca da investigação realizada que optei por designar “Ó tempo volta para trás” inspirado na canção de António Mourão.

Voltemos atrás e relembremos a nossa pergunta de partida: em que medida o humor promove a aprendizagem da História?

Como podemos concluir, a partir dos dados recolhidos através do inquérito por questionário, o humor ajuda a criar um ambiente agradável na sala de aula e consegue manter os alunos concentrados. Além disso, e na minha opinião, outro aspeto importante é que ajuda a promover o gosto pela aprendizagem e permite que os alunos estejam mais envolvidos na disciplina de História. Uma coisa é aprender, porque no final há uma componente avaliativa, como uma ficha de avaliação ou um exame para avaliar os conhecimentos. No entanto, outra coisa necessária é o gosto pelo que estamos a fazer que, neste caso, nos ajuda a adquirir novos conhecimentos de uma área que é fundamental para o nosso ser.

Quanto ao cumprimento dos objetivos e das problemáticas que orientaram este trabalho, referidos no capítulo de enquadramento metodológico, acredito que, de uma maneira geral, foram cumpridos e respondidos. Tentei demonstrar que o humor é libertador e pode ser uma ferramenta que facilita a aprendizagem através de visionamento de sketches ou do relato de episódios caricatos da História ou histórias engraçadas relacionadas com a matéria, e muito mais, como tivemos a oportunidade de observar nas respostas ao inquérito.

O humor traz a vantagem de podermos sair *fora da caixa* e ir mais além. Contudo, o professor pode ter algumas preocupações quando recorre ao humor na sala de aula, como também tivemos oportunidade de compreender. No fundo, o professor é um equilibrista quando recorre ao humor como ferramenta de aprendizagem.

Quando planificava as aulas pensava sempre “como é que posso usar o humor nesta matéria ou nesta aula”. Reconheço que, às vezes, focava-me tanto nessa ideia que acabava por esquecer o mais importante que era: ensinar a divertir. Naturalmente surgiam ideias sobre como ensinar História de uma forma divertida. Nunca pensei em trans-

formar as aulas em espetáculos de *stand-up comedy*. Mesmo que se tratasse de um espetáculo destes, haveria certamente gente que não iria rir ou compreender as piadas ou identificar-se com esse registo.

Sabia que a escolha de trabalhar o humor tratar-se-ia de lidar com a subjetividade e poderia trazer alguns riscos. Em geral, não houve problemas registados na sala de aula. Do mesmo modo, haveria estratégias que poderiam correr bem ou mal, mas na sua totalidade correram bem. Foram momentos em que não havia qualquer perturbação e os alunos estavam concentrados. Haverá certamente outros materiais humorísticos que poderiam ser aplicados, os quais ainda desconheço, pois considero que o humor e a criatividade não têm limites.

Se um professor deve ou não ter formação humorística, na minha perspetiva, indo ao encontro das opiniões dos humoristas, acredito que o humor e como saber aplicá-lo deve ser encarado como um *dom natural* do professor, sendo algo intuitivo que segue a forma de ensino de cada um. No meu caso, não tive qualquer experiência na área humorística. Apliquei com base em memórias que tenho das observações dos meus professores como estudante, para além das leituras realizadas. Se um professor tiver essa qualidade, porque não aproveitá-la no seu método de ensino?

Quanto às limitações deste trabalho, fui referindo ao longo dos capítulos como a falta de tempo ou um melhor planeamento da investigação. Acrescento também a escassez da aplicação de trabalhos realizados pelos alunos e da sua adesão às respostas ao inquérito.

Este relatório está longe de fechar a investigação sobre o uso do humor na sala de aula. Iniciei-o com uma interrogação, passei de capítulo para capítulo com incógnitas e ainda assim terminarei com algumas questões, do que poderia ter feito melhor ou de diferente se pudesse voltar atrás no tempo. Quanto à metodologia aplicada, poderia ter selecionado trabalhar apenas com uma turma ou escolher só as duas turmas de 10.º ano e usar os recursos apenas numa turma, comparando posteriormente a reação e os resultados.

Poderia também ter criado tabelas de análise às estratégias humorísticas aplicadas em vez de fazer os meus registos das observações às reações dos alunos, e isto ter-me-ia facilitado o trabalho. Contudo, por vezes as tabelas poderiam não funcionar ou adaptar-se, uma vez que se trata de recolher informação espontânea.

Teria sido interessante a aplicação de um inquérito inicial para saber a opinião dos alunos sobre o humor na sala de aula e depois comparar os dados obtidos com um inquérito final. Outra sugestão interessante seria usar mini-inquéritos de cada vez que se aplica uma estratégia humorística e assim teria outro feedback dos alunos, para além da observação das suas reações e comportamentos. Também seria desafiante aplicar o humor na sala de aula em outras faixas etárias e porque não aplicar um inquérito aos professores para saber a sua opinião acerca do humor na sala de aula? Confesso que me ocorreu esta ideia, mas quando surgiu já era tarde demais para ser elaborada e aplicada.

Além disso, houve outras estratégias que gostava de ter colocado em prática, mas não foi possível. Para além de aplicar um inquérito aos professores, gostava de ter trabalhado e aprofundado a caricatura, incluindo desenvolver um pouco mais sobre a temática no enquadramento teórico, uma vez que o humor gráfico foi uma das estratégias que utilizei e que foi surgindo inconscientemente. Além disso, com a análise de uma caricatura estamos também a fomentar uma sensibilidade pela arte, algo que é relevante para a aprendizagem dos alunos.

Gostava de ter analisado materiais humorísticos de uma determinada época ou civilização, como por exemplo, ler uma comédia de Aristófanes ou usar a música como uma estratégia. Também teria sido proveitoso ter a oportunidade de realizar com os alunos breves dramatizações relacionadas com a temática da aula. Como também foi referido, adorava ter proposto mais trabalhos aos alunos do 11.º ano e do 10.º ano, visto que seria interessante dar a oportunidade aos alunos mais tímidos de mostrar o seu potencial. Se o tempo voltasse para trás, teria aproveitado mais as aulas para aplicar o humor. Porém, face às circunstâncias pandémicas e ao facto de não ter existido a possibilidade de poder acompanhar os alunos durante as aulas por via *online*, algo que me entristeceu, nem todas as ideias puderam ser postas à prova.

Regressemos à entrevista de Terry Jones. **Porque é que temos medo do riso?** Talvez pela figura de tolo ou pela forma ridícula como reagimos, uma vez que baixamos a nossa guarda, perdendo o medo ou o receio de não sermos levados a sério. E na sala de aula? Se no passado usar o humor seria algo inadequado e distrativo, admito que atualmente podemos observar uma mudança na forma como o humor é visto e compreendido, passando a ser aceite. Cito as palavras de Ziz que melhor refletem o meu

pensamento: “A educação é uma coisa séria, decerto, mas não há razão para eliminar o riso ou o sorriso do processo educativo” (Ziz, 1982, p. 161).

Como foi referido no enquadramento teórico e ao longo do trabalho, o humor pode ser uma arma poderosa e uma ferramenta de aprendizagem. Na sala de aula houve momentos de bom ambiente e também de pequena partilha do meu gosto pessoal com os alunos. Confesso que foi reconfortante e surpreendente ver os sorrisos dos alunos, especialmente em momentos que não estava à espera.

Como pudemos comprovar, a maioria acredita que a História pode ser divertida e, no fundo, acredito que nos podemos rir enquanto estamos a aprender.

**Afinal de contas, a História não tem de ser terrivelmente séria.**

## Referências Bibliográficas

- Acselelad, M. (2009). Rir por quê? Ironia e pensamento, vida e morte em Kierkegaard e Woody Allen. *Contemporanea – Revista de Comunicação e Cultura*, 7. Recuperado de <https://portalseer.ufba.br/index.php/contemporaneaposcom/article/view/3605/2673>
- Agrupamento de escolas dr. Manuel Laranjeira. Acedido a 8 de abril de 2020 em <http://www.aemlaranjeira.pt/index.php/agrupamento/historia-do-agrupamento>
- Antunes, T. P. S. (2017). *O Humor em Contexto Organizacional* (Dissertação de mestrado). Escola de Economia e Gestão da Universidade do Minho, Braga, Portugal. Recuperada de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/46510/1/Te-resa%20Patr%c3%adcia%20Silva%20Antunes.pdf>
- Bell, J. (2004). *Como realizar um projecto de investigação*. Lisboa, Portugal: Gradiva.
- Bloch, M. (1987). *Introdução à história*. Mem Martins, Portugal: Publicações Europa-América.
- Bonaparte, N. (1935). *Cartas de Napoleão a Maria-Luíza*. Porto, Portugal: Livraria Lello.
- Campos, H. (2017). *Senta-te e ri!: O Humor dentro da Sala de Aula* (Dissertação de mestrado). Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, Portugal. Recuperada de [http://catalogo.up.pt/F/?func=direct&doc\\_number=000856275&local\\_base=FLUP](http://catalogo.up.pt/F/?func=direct&doc_number=000856275&local_base=FLUP)
- Cardoso, J. A. & Martins, A (2013, novembro 13). Entrevista com Terry Jones: Isto é um Monty Python. *Público*. Recuperado de <https://www.publico.pt/2013/11/19/culturaipsilon/noticia/entrevista-com-terry-jones-isto-e-um-monty-python-1613098>
- Engrácio, H. A. (2008). *O Humor na Educação* (Dissertação de mestrado). Universidade Aberta, Lisboa, Portugal. Recuperada de <https://repositorioaberto.uab.pt/handle/10400.2/745>
- Esteban, C. R. (2013). *Criatividade e Humor na Sala: uma via para o desenvolvimento de competências sociais*. Torres Vedras. Recuperado de [https://www.researchgate.net/publication/301338563\\_Criatividade\\_e\\_Humor\\_na\\_Escola\\_uma\\_via\\_para\\_o\\_desenvolvimento\\_de\\_competencias\\_sociais](https://www.researchgate.net/publication/301338563_Criatividade_e_Humor_na_Escola_uma_via_para_o_desenvolvimento_de_competencias_sociais)

- Esteves, E. N. (2015). **O riso: teorizações, leituras, realizações**. Casal de Cambra, Portugal: Caleidoscópio.
- Ferreira, I. (2015). Promover a criatividade nos museus. Facilitadores, bloqueios e estratégias. In Semedo, A., Senra, S & Azevedo, T. (Orgs.), **Processos de musealização: um seminário de investigação Internacional: atas do Seminário**. Porto, Portugal: Universidade do Porto de Faculdade de Letras, (387-405). Recuperado de <https://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/13503.pdf>
- Jonas, P. & Bradley, D. (2013). Videogogy: using humor and vídeos to enhance student learning. In Smyth, E. G. & Volker, J. X. (Orgs.), **Enhancing instruction with visual media: utilizing vídeo and lecture capture**, (138-147). Information Science of America. Recuperado de <https://www.igi-global.com/gateway/chapter/75418?ct=-8586151637967694302>
- Lovorn, M. G. (2008). Humor in the home and in the classroom: benefits of laughing while we learn. **Journal of Education and Human Development**, 2. Recuperado de <http://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/download?doi=10.1.1.558.9235&rep=rep1&type=pdf>
- Lovorn, M & Holaway, C. (2015). Teachers' perceptions of humour as a classroom teaching, interaction, and management tool. **European Journal Of Humour**, 3(4), 24-35. Recuperado de <https://europeanjournalofhumour.org/index.php/ejhr/article/view/77>
- Martin, J. (2012). **Deus ri: alegria, humor e riso na vida espiritual**. Lisboa, Portugal: Sinais de Fogo.
- Minois, G. (2007). **História do riso e do escárnio**. Lisboa, Portugal: Editorial Teorema.
- Mora, R. A., Weaver, S. & Lindo, L. M. (2015). Editorial for special issue on education and humour: Education and humour as tools for social awareness and critical consciousness in contemporary classrooms. **European Journal Of Humour**, 3(4), 1-8. Recuperado de <https://europeanjournalofhumour.org/index.php/ejhr/article/view/75>
- Morais, M. F. (2015). Criatividade: conceito e desafios. **Educação e Matemática**, 18, 3-7. Recuperado de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/42298>

- Nogueira, S. & Baía, S. (2006). A Avaliação da Criatividade ou a Necessária Criatividade na Avaliação. *Revista Lusófona de Ciências da Mente e do Comportamento*, 47-88. Recuperado de <http://recil.grupolusofona.pt/handle/10437/286>
- Ocon, R. (2015). Using humor to create a positive learning environment. In *2015 ASEE Annual Conference & Exposition*, Seattle, Recuperado de <https://www.semanticscholar.org/paper/Using-Humor-to-Create-a-Positive-Learning-Ocon/547a106f168727b11cfd75b3a236ae34f61e515f>
- Quivy, R. & Campenhoudt, L. V. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais*. Lisboa, Portugal: Gradiva.
- Ribeiro, L., Aguaded, I. & Pedreira, M. C. (2019). Criatividade: educação e escrita criativa. *Revista de Educação*, 46, 53-78. Recuperado de [https://www.researchgate.net/publication/337997598\\_Criatividade\\_educacao\\_e\\_escrita\\_criativa](https://www.researchgate.net/publication/337997598_Criatividade_educacao_e_escrita_criativa)
- Stearn, W. B. (2008). Evolving toward laughter in learning. *Collected Essays on Learning and Teaching*, 1, 77-81. Recuperado de <https://celt.uwindsor.ca/index.php/CELT/article/view/3182>
- Tuckman, B. W. (2000). *Manual de investigação em educação*. Lisboa, Portugal: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Wandersee, J. H. (1982). Humor as a teaching strategy. *The American Biology Teacher*, 4(4), 212-218. Recuperado de <<https://abt.ucpress.edu/content/44/4/212>
- Wilkie, I. (2019). Very silly party politics: surrealismo and satire inte 'Pythonesque'. *Comedy Studies*, 10(2), 213-223. Recuperado de <https://www.scopus.com/record/display.uri?eid=2-s2.0-85070180396&origin=resultslist&sort=plf-f&src=s&sid=f1e6749c8943c31d5c9afd722682ed74&sot=autdocs&sdt=aut-docs&sl=18&s=AU-ID%2856576122300%29&relpos=1&citeCnt=0&searchTerm=>
- Zilles, U. (2003). O significado do humor. *Revista Famecos*, 10, 83-89. Recuperado de <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3239>
- Ziz, A. (1982). *O humor na educação*. Lisboa, Portugal: Livros técnicos e científicos.

## Anexos

### Anexo 1 – Entrevista exploratória com Diogo Faro (e-mail)

Re: Humor na sala de aula



Diogo Faro

Para: Maria João

Responder Responder a Todos Responder a Todos

qua 01/04/2020 15:11

1. O humor deve ser aplicado no contexto de sala de aula?
2. Os professores deveriam ter alguma formação na área humorística?
3. Na sua vida escolar, teve alguma experiência em que o uso do humor na sala de aula por parte do(a) professor(a) o tenha marcado? E no caso da disciplina de História?
4. O humor pode promover a aprendizagem no geral? E a aprendizagem de História, em particular?
5. Acredita que a História pode ser divertida?

1. Claro que sim. Não que as aulas tenham de ser uma lideiraria. Mas se houver uma certa dose de humor, ou leveza pelo menos, na transmissão do conhecimento, este pode ser muito mais facilmente apreendido.
2. Não creio. Cada professor terá o seu método de ensino, e é uma área que eu não domino de todo.
3. Não me recordo de um caso em concreto. Mas é normal que se desenvolva um maior afecto por professores/as que passam o conhecimento com alegria (não tem de ser necessariamente a disciplina).
- 4 e 5. Sim, como já disse nas respostas anteriores. E acho que todas as disciplinas podem ser divertidas, dentro da seriedade que também lhe é inerente.

Respeito, bom trabalho

Em seg., 30 de mar. de 2020 às 12:01, Maria João <>> escreveu:

Bom dia Diogo Faro,

Confirma o conteúdo aqui no

1. O humor deve ser aplicado no contexto de sala de aula?
2. Os professores deveriam ter alguma formação na área humorística?
3. Na sua vida escolar, teve alguma experiência em que o uso do humor na sala de aula por parte do(a) professor(a) o tenha marcado? E no caso da disciplina de História?
4. O humor pode promover a aprendizagem no geral? E a aprendizagem de História, em particular?
5. Acredita que a História pode ser divertida?

Mais uma vez, muito obrigada pela sua colaboração. É parabéns pelo seu admirável trabalho!

Com os melhores cumprimentos,

Maria João Nunes

### Anexo 2 – Entrevista exploratória com Luís Filipe Borges (e-mail)

Re: Humor na sala de aula



Luís Filipe Borges

Para: Maria João

Responder Responder a Todos Responder a Todos

ter 31/03/2020 23:52

É com todo o gosto, Maria João :) segue abaixo o que ajuda: Saúde, Força e Luz

Confirma o conteúdo aqui no

1. O humor deve ser aplicado no contexto de sala de aula?

O humor é, simultaneamente, uma ferramenta de sedução, um sinal de inteligência, e um charme. Sou formador de Escrita Criativa há 12 anos e uso-o como melhor amigo. E os grandes professores que me ficaram na memória também o faziam.

- 1.
2. Os professores deveriam ter alguma formação na área humorística?

Os professores já estão sobrecarregados de trabalho e burocracia (isto é, de dor). Acho que, neste aspecto, devem contar com dom natural e charme próprio. Quem diver?

- 1.
2. Na sua vida escolar, teve alguma experiência em que o uso do humor na sala de aula por parte do(a) professor(a) o tenha marcado? E no caso da disciplina de História?

História é só a minha disciplina favorita de sempre a sim, tive um professor absolutamente hilariante... porque eu, de Economia.

- 1.
2. O humor pode promover a aprendizagem no geral? E a aprendizagem de História, em particular?

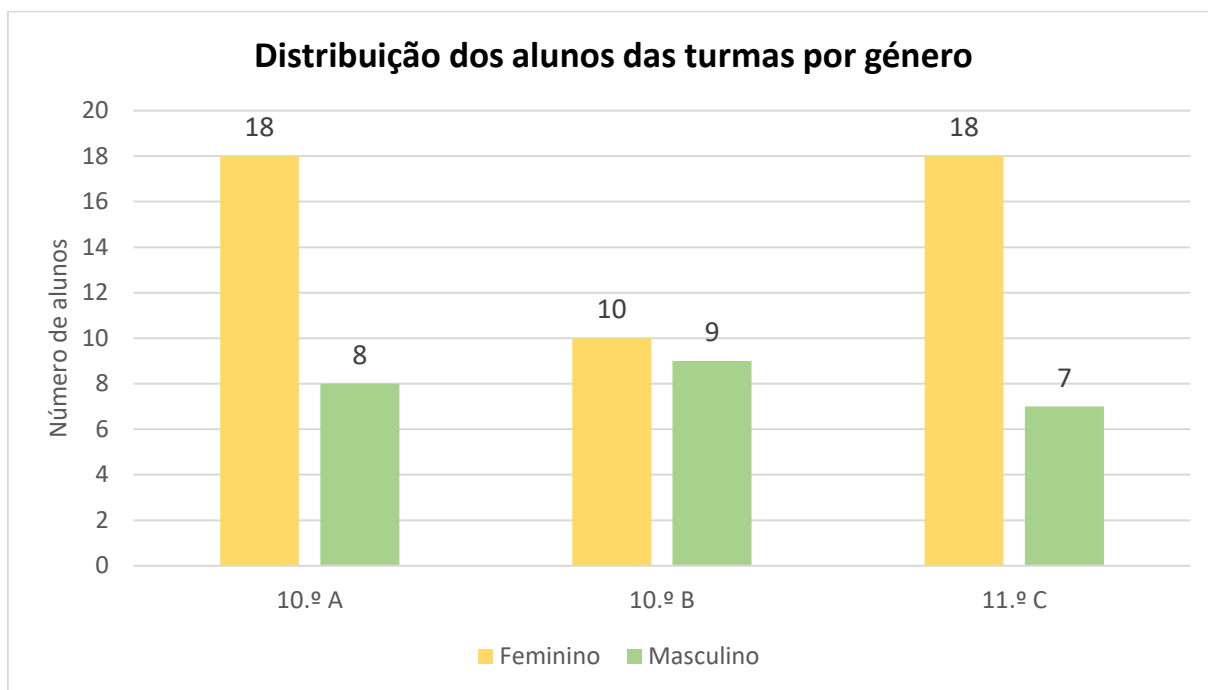
Sem dúvida, e aqui remeto para a primeira pergunta. O humor, como recusa do formalismo, cobra o ensino com muitas cantadas de cor. E pode assim ser a diferença que faz abrir caminho e espaço nas nossas memórias.

- 1.
2. Acredita que a História pode ser divertida?

Acredito e recomendo um dos projectos da minha vida, disponível no YouTube: "Conta-me História", que vive o orgulho e a honra de conduzir ao lado do Professor Fernando Casquero.

- 1.

### Anexo 3 – Gráfico da distribuição dos alunos das turmas por género

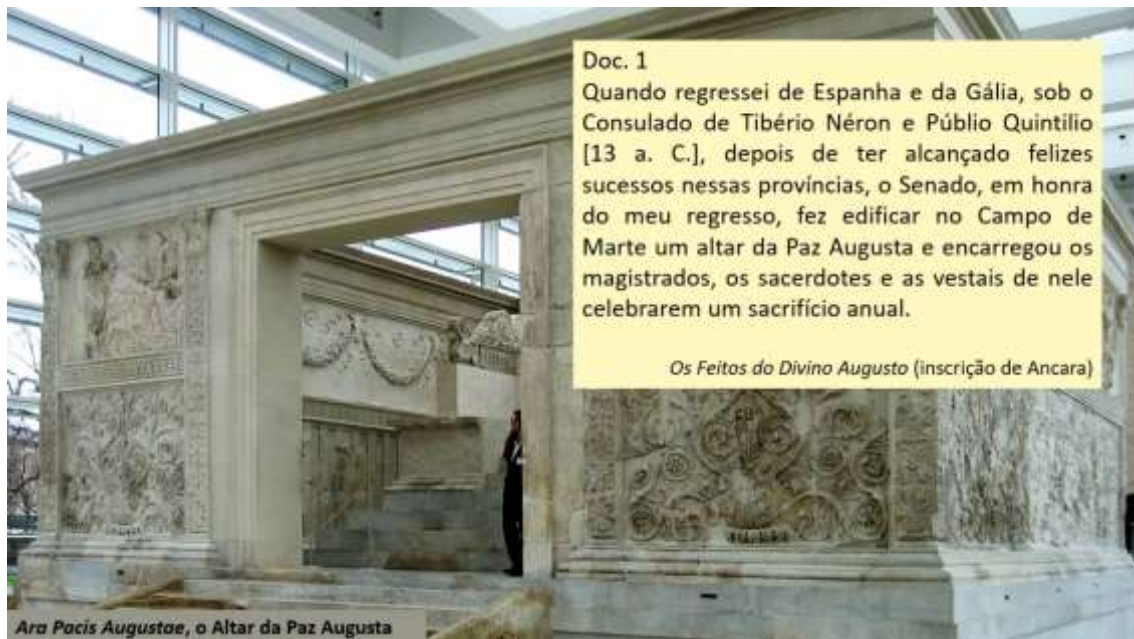


## Anexo 4 – Tabela cronológica das aulas lecionadas

| Data       | Turma      | Conteúdo                                                                                                                                                                                                                                                        |
|------------|------------|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 24/10/2019 | 10.º A e B | Módulo 1 – Raízes mediterrânicas da civilização europeia – cidade, cidadania e império na Antiguidade Clássica<br>Unidade 2 – O Modelo Romano<br>Subunidade 2.1. Roma, cidade ordenadora de um império urbano                                                   |
| 28/10/2019 | 10.º B     | Módulo 1 – Raízes mediterrânicas da civilização europeia – cidade, cidadania e império na Antiguidade Clássica<br>Unidade 2 – O Modelo Romano<br>Subunidade 2.1. Roma, cidade ordenadora de um império urbano                                                   |
| 29/10/2019 | 10.º A     | Módulo 1 – Raízes mediterrânicas da civilização europeia – cidade, cidadania e império na Antiguidade Clássica<br>Unidade 2 – O Modelo Romano<br>Subunidade 2.1. Roma, cidade ordenadora de um império urbano                                                   |
| 05/11/2019 | 11.º C     | Módulo 4 – A Europa nos séculos XVII e XVIII – sociedade, poder e dinâmicas coloniais<br>Unidade 3 – Triunfo dos estados e dinâmicas económicas nos séculos XVII e XVIII<br>Subunidade 3.2. A hegemonia económica britânica                                     |
| 20/11/2019 | 10.º A     | Módulo 1 – Raízes mediterrânicas da civilização europeia – cidade, cidadania e império na Antiguidade Clássica<br>Unidade 2 – O Modelo Romano<br>Subunidade 2.3. A integração de uma região periférica no universo imperial: a romanização na Península Ibérica |
| 21/11/2019 | 10.º A     | Módulo 1 – Raízes mediterrânicas da civilização europeia – cidade, cidadania e império na Antiguidade Clássica<br>Unidade 2 – O Modelo Romano<br>Subunidade 2.3. A integração de uma região periférica no universo imperial: a romanização na Península Ibérica |
| 04/12/2019 | 10.º A     | Módulo 1 – Raízes mediterrânicas da civilização europeia – cidade, cidadania e império na Antiguidade Clássica<br>Unidade 3 – O espaço civilizacional greco-latino à beira da mudança<br>Subunidade 3.2. Prenúncios de uma nova geografia política              |
| 05/12/2019 | 10.º A     | Módulo 2 – O dinamismo civilizacional da Europa Ocidental nos séculos XIII a XIV – espaços, poderes e vivências<br>Unidade 1 – A identidade civilizacional da Europa Ocidental<br>Subunidade 1.1. Poderes e crenças – multiplicidade e unidade                  |
| 07/01/2020 | 11.º C     | Módulo 5 – O Liberalismo – Ideologia e Revolução, modelos e práticas nos séculos XVIII e XIX<br>Unidade 1 – A Revolução Americana, uma revolução fundadora<br>Subunidade 1.1. Nascimento de uma nação sob a égide dos ideais iluministas                        |

|            |        |                                                                                                                                                                                                                                                        |
|------------|--------|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| 09/01/2020 | 11.º C | Módulo 5 – O Liberalismo – Ideologia e Revolução, modelos e práticas nos séculos XVIII e XIX<br>Unidade 1 – A Revolução Americana, uma revolução fundadora<br>Subunidade 1.1. Nascimento de uma nação sob a égide dos ideais iluministas               |
| 13/01/2020 | 11.º C | Módulo 5 – O Liberalismo – Ideologia e Revolução, modelos e práticas nos séculos XVIII e XIX<br>Unidade 2 – A Revolução Francesa – paradigma das revoluções liberais e burguesas<br>Subunidade 2.1. A França nas vésperas da Revolução                 |
| 20/01/2020 | 11.º C | Módulo 5 – O Liberalismo – Ideologia e Revolução, modelos e práticas nos séculos XVIII e XIX<br>Unidade 2 – A Revolução Francesa – paradigma das revoluções liberais e burguesas<br>Subunidade 2.2. Da Nação soberana ao triunfo da revolução burguesa |

## Anexo 5 – PowerPoint: Ara Pacis Augustae



## Anexo 6 – PowerPoint: SPQR



## Anexo 7 – PowerPoint: Os Lusitanos

### Doc.3 - Os Lusitanos

A norte do Tejo estende-se a Lusitânia, habitada pela poderosa das nações ibéricas e que entre todas por mais tempo deteve as armas romanas. [...]

Os Lusitanos são excelentes para armar emboscadas e descobrir pistas, são ágeis e destros. O escudo de que servem é pequeno, só com dois pés de diâmetro, a parte anterior é côncava [...]. Armam-se com um punhal ou grande faca; a maioria tem couraças de linho. [...]

Os Lusitanos sacrificam frequentemente aos deuses, examinam as entranhas sem as arrancar do corpo das vítimas, observam também as veias do peito e tiram certas indicações do simples contacto. Consultam até em certos casos as entranhas humanas, servindo-se para isto dos prisioneiros de guerra, que revestem previamente duma veste para o sacrifício [...].

Todos estes montanheses sóbrios, bebem geralmente só água, deitam-se no chão [...]. Nas três quartas partes do ano, o único alimento na montanha são as glandes de carvalho, que, secas, quebradas e pisadas, servem para fazer pão, que pode guardar-se por muito tempo. [...]

Nas terras interiores só se conhece, pela carência de moedas, o comércio de troca, ou então cortam-se lâminas de prata em bocadinhos, que se dão em pagamento do que se compra.

Localização da Lusitânia

Caracterização do exército dos Lusitanos

Rituais religiosos dos Lusitanos

Nível civilizacional dos Lusitanos

Estrabão, historiador e geógrafo greco-romano (c. 63 a. C. – 24 d. C.) – *Geografia*

## Anexo 8 – PowerPoint: Jogo “Quem quer ser romanizado”



Sê arqueólogo!  
Identifica os artefactos e a sua função.



TENTA NOVAMENTE



Antes de passar ao desafio, relembra o que já lecionaste sobre o Direito, principalmente o seu papel para pacificar e unificar o império romano.



### Completa a tabela

Antes da chegada dos Romanos

Após a chegada dos Romanos

- Leis escritas em Latim;
- Justiça mais rápida e eficaz;
- Não usavam leis escritas (direito consuetudinário);
- Justiça baseada no uso e tradição;
- Justiça baseada na igualdade, costume e dignidade;
- Justiça era lenta;





Anexo 9 – PowerPoint: Meme

TRAGAM O  
SEGUNDO  
VOLUME  
AMANHÃ!



## Anexo 10 – PowerPoint: Banco de Inglaterra e Bolsa de Valores



*Banco de Inglaterra e Bolsa de Valores,*  
c. 1790, William Marlow



*Banco de Inglaterra, c. 1800, Thomas Shepherd*



## Anexo 11 – PowerPoint: Old Lady of Threadneedle Street



## Anexo 12 – PowerPoint: A nota de 5 £

### Doc. 16 - A nota de 5 £

A História da nota de 5 libras remonta a mais de 200 anos atrás, a 1793. Uma crise comercial, que tinha começado no outono do ano anterior, juntamente com o efeito produzido no comércio pela declaração de guerra da França revolucionária a Inglaterra, em fevereiro de 1793, acentuou a necessidade de notas de pequenos montantes, nas quais o público tivesse confiança. Numa tentativa de reforçar o cerne do sistema bancário injetando-lhe bom papel-moeda, o Conselho dos Direitos do Banco de Inglaterra, determinou, em 2 de abril de 1793 "...que na presente situação de crédito [...] é conveniente o lançamento de notas de banco de 5 libras".

John Keyworth, *The Bank of England £5 note*, Museu do Banco de Inglaterra

### Anexo 13 – Carta de reclamação: C1

Ex.mo rei Jorge III,

Vim por este meio fazer uma reclamação sobre os impostos exorbitantes. Sou um colono, mais especificamente de Filadélfia, e acho inadmissível em pleno século XVIII haver impostos sobre o açúcar e o chá, ainda por cima tão altos.

De tal modo que, as restantes colónias estão a chegar à lacrima. De facto, estes só querem a sua esbarrada e defender a sua nação e causa, pagam menos impostos. Agradeço a sua atenção e espero que pense e resolva o assunto.

Atentamente,

### Anexo 14 – Carta de reclamação: C2

Caro rei D. Jorge III,

Venho, no dia 2 de março de 1773, em Tagajeta, apresentar-me a vossa, e de vós, tanto tempo, sobre o assunto que, muito provavelmente, irá por os vossos honrados sentimentos de vossa majestade.

A minha pessoa e grande parte da nação estamos sob uma tremenda indignação com a existência de seus tristes impostos sobre o chá, pois executando o seu pagamento ficamos sem acesso de recursos financeiros para comprar açúcar e, acredite em minha honrada palavra que presenciar diariamente o chá das cinzas com um chá essencial não é, de toda, agradável.

Considero assim, que é uma lacrima imensa que nos deixa ficar nesta tão insupportável angústia de não sentir a dor que todos tanto gostam.

Como vossa majestade é tão gentil, espero que tenha a gentil liberdade de repensar estas medidas tão entristecedoras.

## Anexo 15 – Carta de reclamação: C3

Europa  
05/11/1763

Rei Jorge III  
Europa

Assunto: denúncia de procedimentos

Sua Majestade,

No passado dia 04 de Novembro de 1763, após ter feito uma visita turística ao Reino Unido na qual adquiri conhecimento deste país a nível económico, dirigi-me a uma cafetaria em Paris de nome "Le Percope". Em resultado, surgiram-me algumas situações que considero incorretas.

Perante a minha liberdade,  
uma reclamação venho fazer embora não o agrade  
mas a minha nação assim o permite  
e, por isso, a minha pessoa não o omite

O chá é servido em bules de prata  
como se essa tradição fosse barata

No comércio do açúcar são aplicados impostos  
para sustento dos cofres do Estado  
pelo rei são propostos  
o que por mim é contestado

Tudo isto é uma loucura  
e conto com o seu sentimento de ternura  
para mudar esta realidade dura  
como o exige a sua postura

## Anexo 16 – Carta de reclamação: C4

Para o docente:

08/01/2020

✉

Boston, 8 de janeiro de 1772

Excelentíssima majestade inglesa Jorge III,  
Venho por este comunicar-lhe e transmitir-lhe um dilema presente nas suas novas colônias americanas, nomeadamente Boston. Desde já, em nome de todos os americanos enalteçamos e felicitamos a sua vitória quanto ao nosso território justamente conquistado pois veneramos e estimamos ser dependentes de um senhor tão lúcido e equilibrado como sua majestade.

O dilema, anteriormente referido, trata-se do descontentamento e revolta do povo americano quanto às suas decisões sensatas relativamente à economia e à nossa posição política. Como é certo, inúmeros impostos sobre inúmeros produtos estão elevadíssimos, enquanto a fortuna dos americanos ~~se~~ se encontra tão ou mais negativa que a temperatura em Inglaterra. Protestamos em especial contra as taxas do açúcar e do chá. Adoramos o chá com açúcar, e das poucas coisas que nos aduça a vida visto que a nossa qualidade como cidadãos já só nos traz amargura.

Como é possível uma nação como Inglaterra, na qual orgulha-se e estabelece como um princípio fundamental a liberdade, governar as suas colônias com tanta imposição, desrespeito e dominação? Que deslealdade e indecência!

Em ordem de estabelecermos uma convivência do agrado de ambas as partes, solicitamos esteve representados na assembleia, ocupando uma posição na mesma. Assim nos enguemos apenas com um lema - Não às taxas sem representação!

Caso a mesma situação continue e as exigências do povo americano não forem tomadas em consideração, não se surpreenda com o nosso alarido ou festança pois a loucura é uma característica que os americanos também sabem manifestar.

Com as mais prezadas saudações,  
um americano de Boston

## Anexo 17 – Carta de reclamação: C5

Faço D. Jorge III

Venho por este meio recomendar o aumento que o excelentíssimo fez aos impostos, pois agora não posso beber o meu chá da 5h com as minhas bestas e isso leva-me a mim e à nação à lucubra. O pior é que agora nem agucar posso colocar no meu cháizinho, porque um pequeno cubo cubo está mais caro que o meu colar de pedras que tenho no meu armário. Peço então com todo o amor e gentileza, ou não, que você meu mais que tudo diminua estes impostos e nos devolva a liberdade à qual temos tanto direito de tomar o nosso chá com agucar de preferência e que ainda sobre dinheiro para o meu ~~brilhante~~ anel de diamantes

Um kiss

## Anexo 18 – Carta de reclamação: C6

My darling Jorge III, Boston, 5 janeiro de 1767

Estou aqui para criticar as decisões do  
Grão de Inglaterra perante as suas  
maravilhosas colônias do Novo Mundo. Eu, Donald  
Trump, venho dar um aviso ao rei Jorge III. Se  
não retirarem os impostos que impuseram no  
açúcar, no papel, no selo e principalmente no  
nosso precioso CHÁ que tomamos sempre todos os  
domingos com a minha amável esposa, Melania  
Trump. Esta diz se não tomarmos o seu chá irá  
ficar com muita melanina na pele, o que seria  
uma LOUCURA. Caso não fizerem isso, vou ter  
que ser obrigado a ameaçá-lo com os meus  
52 abelhas. Vou fazer isto pela minha nação  
e não porque o dólar está a cair. Quero  
liberdade para beber meu chá em paz. Tem até  
5 meses para resolver esse assunto.

→

## Anexo 19 – Carta de reclamação: C7

13. de novembro de 1766

Dear darling friend Jorge III,

Escrevo-lhe esta bela carta, perfumada com as piores  
rosas que existam na minha mansão fancy aqui em  
Boston, para lhe mostrar o meu descontentamento face  
ao aumento dos impostos, bem como à concessão do  
monopólio das vendas de chá à Companhia das Índias.

Isto é uma terrível loucura, darling. Por  
acaso acha bem eu ter de resbarilhar dinheiro aos pobres  
para pôr açúcar no chá antes de dormir? Espero  
que tenha a noção que está a prejudicar o meu  
sono de beleza e isso não perdoo. Uns com tanto  
aí em Inglaterra e nós com tão pouco. Vossa alteza irá  
morrer de diabetes, fofo.

Para além disto, está a privar os americanos  
dos maiores lucros que tinham ao revender o  
vosso querido chá. Irão morrer todos de exaustão  
deste tão apreciado produto. Onde irei eu buscar  
dinheiro para comprar as mais belas perucas?

Tomeo direito à liberdade e esta situação não ficará  
assim.

Kiss, muah

## Anexo 20 – PowerPoint: Caricaturas do Terceiro Estado

"Bem espero que a brincadeira acabe depressa",  
gravura anônima de inícios da Revolução, p. 26



A nobreza e o clero esmagam Terceiro Estado,  
gravura anônima de 1789



## Anexo 21 – PowerPoint: Caricaturas de Luís XVI e de Maria Antonieta

REC. B Luís XVI e Maria Antonieta caricaturados

1



2



## Anexo 22 – PowerPoint: A carta de Napoleão Bonaparte a Maria Luísa

1812

Comanda a *Grande Armée* contra a Rússia. Moscovo é incendiada. O inverno detém o avanço. Dos 550 000 soldados, apenas regressam 20 000

*Minha querida Luíza,*

*Recebi a tua carta de 1 de outubro. Estavas inquieta por não saberes pormenores da minha entrada em Moscou. Espero que as tenhas recebido no dia 2. Terás visto a loucura dessa gente que incendiou o seu próprio país e assim o arruinou para séculos, porque Moscou era uma cidade tam bela e tam admirável que figurava como quási única de categoria nesta imensa região. Dize-me logo que possas se o reizinho passa bem, se andas bem disposta e, sobretudo, se estás boa. Adeus, minha amiga. Todo teu. Teu fiel e terno espôso.*

*Moscou, 18 de outubro.*



## Anexo 23 – Peça de teatro: (Re) Descoberta do Brasil

*Peça: (Re)Descoberta do Brasil*

Personagens:

|                        |
|------------------------|
| • Pedro Álvares Cabral |
| • Marinheiro 1, José   |
| • Narrador             |
| • Marinheiro 2         |
| • Marinheiro 3         |
| • Pero Vaz de Caminha  |
| • Pêro Escobar         |
| • Nicolau Coelho       |
| • Marinheiro 4         |
| • Carpinteiro          |
| • Mestre da Nau        |
| • Calafate             |
| • Afonso Lopes         |
| • Aires Correia        |
| • Índio 1              |
| • Índio 2              |
| • Índio 3              |
| • Padre Frei Henrique  |

### Ato I

#### Cena I

(Um marinheiro sentado na cadeira a dormir com a nau ao fundo.  
Aparece Pedro Álvares Cabral)

**Pedro Álvares Cabral** - Zé... Zé acorda... rápido!

**Marinheiro 1 (ainda a dormir)** - Deixai-me dormir!

**Pedro Álvares Cabral** - Ó Zé acorda lá, olha que eles são muitos!  
Bastantes até!

(Marinheiro 1 continua a dormir)

**Pedro Álvares Cabral** - Olhai, está ali uma sereia, olha!

**Marinheiro 1 (acorda sobressaltado)** - Aonde, aonde?

**Pedro Álvares Cabral** - Vês acordastes logo seu marinheiro de terceira categoria!

**Marinheiro 1** - OH, também não são assim tantos...

**Pedro Álvares Cabral** - É o que temos, vamos "masé" começar a História!

**Marinheiro 1** - Mas qual História?

**Pedro Álvares Cabral** - A história da chegada ao Brasil.

**Marinheiro 1** - Ahh pois éééé, começa lá então. Era uma vez...

**Pedro Álvares Cabral** - Mas ainda não estou a sentir um bom clima.

**Marinheiro 1** - Então o que falta, oh capitão?

(**Pedro Álvares Cabral** fica calado a pensar por breves momentos)

**Pedro Álvares Cabral** - JÁ SEI! Precisamos de música.

**Marinheiro 1** - Música? Que música?

**Pedro Álvares Cabral** - Uma música épica! Que seja capaz de retratar devidamente este momento!

(Começa a tocar "todos os patinhos sabem bem nadar" e o marinheiro 1 começa a dançar)

**Pedro Álvares Cabral** (envergonhado) - Não, não tira isso, não é essa...

(Começa a tocar "Conquistador" dos Da vinci e o marinheiro 1 fazer de conta que canta)

**Pedro Álvares Cabral** - Essa música não foi ao festival da canção de 1989? Bem de qualquer das formas não é essa!

(Começa a tocar "Conquest of Paradise" de Vangelis)

**Pedro Álvares Cabral** - Agora sim! Senhoras e senhores, respeitável público, eu sou Pedro Álvares Cabral e este o Zé (**apontando para o marinheiro 1**), e tenho a honra de vos conduzir nesta viagem à descoberta do Brasil.

**Marinheiro 1** - Anda lá com isso, estes velhos do Restelo estão a ficar aborrecidos!

**Pedro Álvares Cabral** - Bom, continuando, nasci no castelo de Belmonte, em Portugal, no ano da graça de 1467 ...

**Marinheiro 1 (intervindo)**- Um menino fofinho, simpático e carinhoso... resumindo: igual a todos os outros bebés.

**Pedro Álvares Cabral (exibindo-se)** - Vivi na Corte do Rei D. Afonso V, entre a nobreza, tive uma educação exemplar, com os melhores ensinamentos...

**Marinheiro 1 (intervindo)**- Eu ando aqui na escola da vida e sei mais do que ele! Ninguém quer saber disso! Que entre o narrador!

## **Cena II**

**(Saem de cena. Entra o Narrador com um livro de História de Portugal)**

**Narrador** - E em Lisboa no dia 9 de março de 1500, a esquadra comandada por Pedro Álvares Cabral composta por cerca de 1500 homens, dez naus e três caravelas estava prestes a partir de Belém...

**(Imagens e som do mar)**

## **Cena III**

**Pedro Álvares Cabral** - Pêro e Nicolau onde estais?

**(Entram Pêro Escobar e Nicolau Coelho e fazem continência ao capitão, enquanto respondem em coro)**

**Pêro Escobar e Nicolau Coelho** - Estamos aqui, meu capitão!

**Pedro Álvares Cabral** - Ora, onde estavam meus senhores? Já mandei o resto da tripulação preparar a mercadoria, pois iremos zarpar!

**Nicolau Coelho** - Que se passou, meu senhor?

**Pedro Álvares Cabral** - Ganhei uma viagem de ida e volta à Índia!

**Nicolau Coelho** - À Índia? Lá fora tá-se pior, tá-se, tá-se...tá-se

**Pêro Escobar (desconfiado)**- Andou a beber, meu nobre senhor? E não foi só água com certeza...

**Pedro Álvares Cabral (exibindo-se)** - Estão a olhar para o mais recente membro do conselho real, recebi o título agora mesmo! Toca embarcar porque a nau vai zarpar!

**(Entram 3 marinheiros carregados com mercadoria)**

**Marinheiros (em coro)** - Está aqui a mercadoria.

**Pedro Álvares Cabral** - Trouxestes tudo o que vos pedi?

**Marinheiros (em coro)** - Sim, meu capitão.

**Pedro Álvares Cabral** - Onde se foram abastecer?

**Marinheiro 2** - A maioria no Lidl capitão, estava tudo em promoção!  
E ainda deu uns selos para comprar umas canecas!

(**Marinheiro 2 mostra uns "chocapic" de dentro de um saco**)

**Marinheiros (em coro)** - CHOCAPICS DO LIDL!!!

**Marinheiro 2** - Forte em chocolate!

**Marinheiro 2** - E umas barrinhas da Prozis. Usamos o seu cupão capitão, CABRAL10, para termos 10 por cento de desconto.

**Pedro Álvares Cabral (envergonhado)** - Vá deixam-se dessas coisas e carreguem a nau. O piloto e o timoneiro já chegaram?

**Marinheiro 3** - Estão mesmo a chegar.

**Pedro Álvares Cabral** - E o Caminha?

**Marinheiro 3** - Quem?

**Pedro Álvares Cabral** - Pero Vaz de Caminha, o escrivão?

(**Entra Pero Vaz de Caminha atrapalhado e deixando cair umas folhas**)

**P. V. de Caminha** - Aí desculpai o atraso, meu nobre senhor, estava a terminar os trabalhos de casa de portugueses.

**Marinheiro 1** - Mesmo à beto!

**Pedro Álvares Cabral** - Parece que já estamos todos! Mestre da Nau arranca e não faças pó!

(**Mestre da Nau sai debaixo da mesa e sobe para a roda de leme**)

**Mestre da Nau** - As suas ordens capitão!

(**Uns sobem para as mesas outros varrem o convés, diversas funções\***)

#### **Cena IV**

(**Entra Narrador**)

**Narrador** - E assim partiram de Belém, no dia 9 de março, na segunda-feira para fugir ao trânsito em Espinho, com destino à Índia. Poucos dias depois passaram perto das Canárias e das ilhas de Cabo Verde, mas a meio do caminho o GPS avariou. O Mestre da

Nau, o Calafate e o Carpinteiro reuniram-se para tentar resolver a situação.

**(O Narrador sai. Entram em cena Calafate e o Carpinteiro)**

**Mestre da Nau** - Homens, recebemos a trágica notícia que uma das nossas embarcações se perdeu...

**Pedro Álvares Cabral** - Também se for só uma não há problema

**Marinheiro 4** - Se calhar iam sem luzes de nevoeiro e agora com estas tempestades é necessário moderar a velocidade!

**Mestre da Nau** - Não foi isso marinheiro!

**Marinheiro 1** - Tas com muito paleio, para quem conduz sob o efeito de álcool

**Marinheiro 4** - Então o que é que foi não leram as placas de informação.

**Mestre da Nau** - Não diga disparates marinheiro, era a Nau do Vasco Ataíde!

**Calafate** - Tchiii que cena. Eu e os meus companheiros trabalhamos nas tercenas horas a fio, a calafetar todas as embarcações!

**(Entra o Narrador enquanto consulta um dicionário)**

**Narrador** - Ah pois... **(para o público)** Como vocês não sabem as tercenas eram um estaleiro, uma doca... e calafetar significa vedar, tapar as embarcações.

**Mestre da Nau** - Provavelmente Deus não quer que cheguemos à Índia...

**Marinheiro 1** - Com a quantidade de pecados que temos, provavelmente ele quer que cheguemos ao inferno.

**Marinheiro 4** - Mas que vamos nos fazer à Índia, mestre? Estávamos tão bem nos nossos ofícios, estávamos em paz. Conquistar praças em África não chega?

**Mestre da Nau** - Claro que não chega! O nosso objetivo é trazer riqueza e fama ao nosso nobre reino e a D. Manuel, ele foi bafejado pela sorte e agora comanda o nosso reino!

**Calafate** - Bafejado? Levou com demasiado vento na cara à nascença foi?

**Mestre da Nau** - É uma metáfora homem, sabe o que é?

**Carpinteiro** - Deixa eu explicar-lhe mestre, é quando queres dizer uma coisa e utilizas uma figura de "estilho", "no sentide" figurado para fazer comparações percebes agora?

**Marinheiro 1** - Para carpinteiro ainda sabes umas coisas...

**Marinheiro 4** - Mas em vês de estarmos a discutir gramática, podemos falar do nosso objetivo.

**Pedro Álvares Cabral** - Repare, nós queremos chegar à Índia e fazer negócios, manter a rota do cabo ativa. A primeira viagem do Gama teve poucos resultados no que toca a especiarias. Aliás e os cristãos naquelas terras? Nem vê-los... queremos sedas, especiarias que valem muitos reais!

**Marinheiro 4** - E o que lhes damos nós? O que querem os Indianos?

**Calafate** - Ouvi dizer que só querem ouro e prata...

**Carpinteiro** - Mas o ouro e a prata não são de comer... não percebo.

**Pedro Álvares Cabral** - Mas com esses metais preciosos podem comprar o que quiserem, não sei quem fica a ganhar...

**Mestre da Nau** - Mas vocês não gostam de uma boa aventura?

**Marinheiro 4** - Mas qual aventura, eu nunca tinha andado mais do que 5 léguas de casa até entrar nesta embarcação!

**Calafate** - Eu tapei uns furitos nuns barcos.

**Carpinteiro** - Ahhh, eu sou carpinteiro...gosto de dar umas marte-ladas.

**Pedro Álvares Cabral** - Onde é que eu tinha a cabeça para fazer desta a minha tripulação.

**Marinheiro 4** - Mas voltando ao cerne da questão. E a nau do Vasco Ataíde? O que vamos fazer?

**Calafate** - Eles sabem nadar não sabem, é que aquela Nau ainda tinha uns furinhos no casco.

**Mestre da Nau** - Eles que liguem para a Marta do Ok teleseguros.

## **Cena V**

**(Voltam aos seus aposentos, narrador entra)**

**Narrador** - Enquanto alguns prosseguiram a viagem à Índia, a nau comandada por Vasco de Ataíde acabaria por se desviar. Pero Vaz de Caminha escrevia a sua famosa carta ao rei D. Manuel a descrever a viagem.

**P. V. de Caminha** - A viagem prosseguiu sem qualquer furo. Passou mais de um mês e hoje, dia 21 de abril do ano 1500 de nosso senhor Jesus Cristo, acabamos de avistar sinais de terra. Vemos um grande monte, mui alto e redondo, que o capitão batizou de Monte Pascoal e a estas terras deu o nome de ilha de Vera Cruz. Mas só amanhã é que vamos ancorar no litoral. Beijos às mãos de Vossa Alteza. Pero Vaz de Caminha.

## **Cena VI**

**(Afonso Lopes sai do seu aposento)**

**Afonso Lopes** - Ó Cabral parece que virar sempre à direita ali depois do Cabo Verde não foi boa ideia senhor. Acho que ficamos sem net.

**Nicolau Coelho** - Será que ultrapassamos o limite?

**Pêro Escobar** - Que limite?

**Afonso Lopes** - Há uma linha que separa o mundo: metade para reino de Portugal e metade para os reis de Espanha. E nós só temos net do nosso lado como é óbvio!

**Pêro Escobar** - E porque é que não lhes pedes a passe da net?

**Afonso Lopes** - Penso que não seja uma boa ideia companheiro, não tens dados móveis.

**Pêro Escobar** - Nope, o meu tarifário é horrível,

**Marinheiro 1** - terra capitão, estou a ver terra.

**Todos** - Vai dormir homem.

**Marinheiro 1** - Juro olhaínde então.

**Todos** - Nossaaaa é terra, e não é pouca.

**Pedro Álvares Cabral** - Homens preparam-se, vamos ver como é a Índia.

**Mestre da Nau** - Homens virar tudo a bombordo!

**Mestre da Nau** - Preparar para atracar!

**(Marinheiros fazem os sensores de carro)**

**(Entram em cena índios com arcos e setas e no fundo vê imagens da praia)**

**Marinheiro 1** - Meu capitão, estão ali macacos... aí não é nada parecia.

**Afonso Lopes** - Então Cabral que pensa de irmos lá conversar?

**Nicolau Coelho (assustado)** - Talvez seja perigoso.

**Pedro Álvares Cabral** - Hummm não me parece assim tão arriscado, até porque nós temos melhor armamento e somos mais do que eles. Concorro consigo Afonso, o melhor é irmos ter uma conversa amigável com eles

**Pêro Escobar (aponta para o público)** - Eles estão cada vez mais perto capitão.

**Nicolau Coelho** - Aquilo são indianos? Estão todos nus e armados.

**(Os índios vão se aproximando da tripulação)**

**Marinheiro 1** - Óoo tudo a colocar os arcos no chão!!! Repito colocar os arcos no chão! **(mostra um distintivo)**

**(Nenhum dos índios reage)**

**Índio 1** - Oi? Quem são vocês? O que fazem aqui?

**Índio 3** - Quem são esses caras? **(dirigindo para o público)** Devem achar que vieram ver algum espetáculo.

**Índio 2** - Olha aquele **(apontando para o público)** está farto de olhar para minha flecha!

**Índio 3** - Olha para aquele, nota-se logo que veio obrigado está até dormindo.

**Pedro Álvares Cabral** - São surdos ou não percebeis a língua de Portugal? Colocai as armas no chão!

**Nicolau Coelho** - Se calhar é melhor irmos embora, tenho uma consulta marcada às 17h!

**Marinheiro 1** - Oh Nicolau, vai para o...o... o **(pausa)** cesto da gávea! Não me façais repetir! Arcos no chão!

**Afonso Lopes** - Talvez seja melhor fazer gestos, eles não percebem o que nós estamos a dizer. Talvez seja melhor falar noutra língua.

**Pêro Escobar** - Eu speak. Do you speak english?

**Nicolau Coelho** - Parece que niet.

**Pêro Escobar** - Parle français?

**Nicolau Coelho** - Hakuna Matata?

**(Fazem sinal e os índios baixam as armas e conversam entre si)**

**Índio 1** - Falam tão alto e mexericam tanto nossaaaaa.

**Índio 3** - Olha só que achamento! **(pausa)** achamos estes caras. Nunca os vimos, portanto, nós os achamos.

**Índio 2** - Que carajo tienen ellos encima? Que asco me dan.

**Índio 1** - E com este calor? Não sei como aguentam. Sinceramente... sinceramente...

**Índio 3** - Galera, parem, parem. Não nos conseguimos entender, não falamos a mesma língua!

**Pedro Álvares Cabral** - Então se não falam esta língua, eu sei de uma que vocês falam, o que é que trouxemos de Portugal (**ordenando a Afonso Lopes**) Olha dá-lhes esse barrete do José para eles taparem as suas vergonhas.

**(Afonso Lopes entrega aos índios o barrete)**

**Índio 1** - O que eu faço com esta coisa?

**Índio 2** - Ahg! Ellos no tienen ninguna noción de la moda.

**Índio 3** - Sinceramente preferia umas havaianas.

**P. V. de Caminha** - Querido Manel estes índios andam nus! Sem nenhuma cobertura, nem estimam nenhuma coisa para cobrir nem mostrar as suas vergonhas. A feição deles é serem pardos maneira de avermelhados, de bons rostos e narizes bem feitos e os seus cabelos são lisos. Logo à noite iremos levar dois Índios até à nossa nau para saber mais informações sobre este Novo Mundo. Beijinhos do Caminha. Ps: já te disse que estes índios andam nus?

**(Saem todos confraternizando)**

**(Entra em cena os índios estando presentes Aires Correia, Calafate e Pedro Álvares Cabral com um com colar de ouro.)**

**Os índios olham para ao colar e começam a acenar e apontar.)**

**Aires Correia** - Capitão, ele está a apontar para o vosso colar! Aqui há ouro! Vamos ficar ricos!

**Índio 1 (para o Índio 2)** - Ai aquele colar é horrível!

**Pedro Álvares Cabral** - Calma, calma meu nobre camarada Aires Correia, aqui o tio Cabral acha que pode ser apenas uma coincidência.

**Calafate** - Ricos ó Aires? Nós vamos é construir um império na Índia, vamos controlar todo o mar Índico.

**Aires Correia** - Aqui só vejo erva, não há construções de relevo. Mas a terra parece ser boa e a madeira tem muita qualidade!

**Afonso Lopes** - Terra e madeira? Já temos isso em Paços de Ferreira. Eu quero é especiarias, sem elas a minha comida sabe a nada! Aqui não há ouro!

**Aires Correia** - Ó tu queres é pimenta no...

**Pedro Álvares Cabral (intervém e apazigua)** - Tenham calma caros colegas, vamos ver se realmente há ouro na terra de Vera Cruz.

**(Cabral dirige-se aos índios enquanto aponta para o colar)**

**Aires Correia** - Eu acho que eles não sabem o que é isso. Olhai aqui esta galinha.

**(O Índio 1 começa a fugir para trás do Índio 2) Índio 1** - ALEJA ESA VAINA DE MI CARAJO!

**Aires Correia** - O que é que o Castelo Branco está aqui a fazer?

**Pedro Álvares Cabral** - Eles sabem o que é ouro e prata, mas não sabem o que é frango? O que será que eles comem?

**Afonso Lopes** - Comida com especiarias não é de certeza... Eu quero é especiarias!

**Aires Correia** - Por acaso até já ia uma chamuça...

**Pedro Álvares Cabral** - Olha índio pega um pouco de pão com 15 dias e um pescadinho cozido, mel e figos.

**Índio 1 (para o Índio 2)** - O que é isto cara?

**Índio 3** - Não sei, mas não tem um gosto gostoso prefiro picanha em vez disto.

**Aires Correia (pegando no garrafão e apontando para o céu)** - Dá-lhes o néctar dos Deuses! **(Índios bebem e deitam fora)**

**Pedro Álvares Cabral** - Como assim não quereis binho? Ai ai... vamos ter que os evangelizar.

**(SAEM TODOS DE CENA)**

#### **Cena VIII**

**(Entra Pedro Vaz de Caminha enquanto escreve)**

**P. V. de Caminha** - Era sábado, dia 25 de abril. Pela manhã, o capitão mandou que os índios fossem retirados e levados novamente para terra com os seus arcos e flechas. Mandou com eles, um mancebo, um jovem marujo, que ficou encarregue de permanecer com aquele povo e aprender os seus costumes e maneira de viver.

No dia seguinte, era domingo. O Capitão determinou ouvir missa e pregação naquele ilhéu.

#### **Cena IX**

**(Sai de cena e entram Padre Frei Henrique, Índios, Marinheiros, toda a gente, trazem a cruz)**

**Padre Frei Henrique** - Oremos irmãos. Em nome do pai do filho e do Espírito Santo.

**Todos** - Amém.

**Padre Frei Henrique** - Para celebrar esta primeira missa acho conveniente que todos juntos rezemos um pai-nosso.

**Todos** - Ohhhh "posh" já vais começar.

**Padre Frei Henrique** - Vá se não rezarem serão castigados por Deus.

(Começam a rezar, mas nas primeiras palavras adormecem todos)

**Padre** - Vá podem ir embora, ide com Deus.

**Índio 1** - Foi rapidinho. Mas estes caras ainda não se foram embora.

**Índio 2** - Vamos fazer a dança da chuva para ver se eles vão se embora.

(Índios começam a dançar)

**Índio 1** - Já estou farto de fazer a dança da chuva para estes caras se irem embora.

**Índio 3** - Acho que não está a resultar... Mas até quando é que eles vão ficar aqui?

**Padre Frei Henrique** - Vejam como são felizes estes indianos. Vamos aproveitar para colocar aqui uma bela cruz.

(Marinheiros pegam na cruz)

**Padre Frei Henrique** - Um bocadinho mais para a direita, não, não, não, para a esquerda.

**Pedro Álvares Cabral** - Agora sim podemos ir embora homens.

(Saem todos de cena, índios no fim, a "enxotá-los", fica o P. V. Caminha)

#### **Cena X**

**P. V. de Caminha** - Querido diário, passaram os anos e Cabral continuou com as suas conquistas, Portugal saiu de uma profunda crise, descobriu-se o ouro no Brasil. Portugal teve um bom futuro por entre altos e baixos. Todo o esforço destes bravos marinheiros, que cruzaram os 7 mares em nome da sua pátria, foi recompensado. Cabral, um dos grandes heróis portugueses, voltou para Portugal poucos anos depois, onde achou a sua maior conquista, a sua formosa e inigualável amada.

#### **Cena XI**

(Pedro Álvares Cabral entra em cena)

**Pedro Álvares Cabral** - Onde andas meu amor?

(Entra o marinheiro 1 disfarçado de mulher)

**Esposa (Marinheiro 1)** - Estou aqui meu amor.

(Corre para os braços de Cabral).

**P. V. de Caminha** - E porque o amor é a nossa maior conquista, Cabral viveu feliz para sempre com a sua amada. Vitória, Vitória acabou-se a História.

**FINAL, AGRADECIMENTOS.**

## Anexo 24 – Inquérito por questionário

### Inquérito

No âmbito da realização de um relatório de estágio subordinado ao tema “O humor promove a aprendizagem da História”, do Mestrado em Ensino de História no 3.º Ciclo do Ensino Básico e no Ensino Secundário na Faculdade de Letras da Universidade do Porto, o seguinte inquérito por questionário procura compreender em que medida o humor pode ser uma estratégia de aprendizagem da História na sala de aula.

A tua participação é fundamental e o anonimato das informações recolhidas é totalmente assegurado.  
Muito obrigada pela tua participação!

Seguinte

Página 1 de 4

### Inquérito

\*Obrigatório

#### 1. Dados Pessoais

Idade \*

A sua resposta

Género \*

Selecionar

Ano \*

Selecionar

Turma \*

Selecionar

Anterior

Seguinte

Página 2 de 4

# Inquérito

\*Obrigatório

## 2. O humor na sala de aula: parte I

Segue um conjunto de questões para indicar consoante o grau de concordância.

1. Aprecio pessoas com sentido de humor. \*

|                     | 1                     | 2                     | 3                     | 4                     | 5                     |                     |
|---------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------------------|
| Discordo fortemente | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Concordo fortemente |

2. O humor cria um ambiente agradável na sala de aula. \*

|                     | 1                     | 2                     | 3                     | 4                     | 5                     |                     |
|---------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------------------|
| Discordo fortemente | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Concordo fortemente |

3. O humor pode ser uma ferramenta útil para a aprendizagem da História. \*

|                     | 1                     | 2                     | 3                     | 4                     | 5                     |                     |
|---------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------------------|
| Discordo fortemente | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Concordo fortemente |

4. O humor permite diminuir a distância entre o professor e o aluno. \*

|                     |                       |                       |                       |                       |                       |                     |
|---------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------------------|
|                     | 1                     | 2                     | 3                     | 4                     | 5                     |                     |
| Discordo fortemente | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Concordo fortemente |

5. O professor deve ter sentido de humor. \*

|                     |                       |                       |                       |                       |                       |                     |
|---------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------------------|
|                     | 1                     | 2                     | 3                     | 4                     | 5                     |                     |
| Discordo fortemente | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Concordo fortemente |

6. O professor deve utilizar o humor na sala de aula. \*

|                     |                       |                       |                       |                       |                       |                     |
|---------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------------------|
|                     | 1                     | 2                     | 3                     | 4                     | 5                     |                     |
| Discordo fortemente | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Concordo fortemente |

7. A História pode ser divertida. \*

|                     |                       |                       |                       |                       |                       |                     |
|---------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---------------------|
|                     | 1                     | 2                     | 3                     | 4                     | 5                     |                     |
| Discordo fortemente | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | <input type="radio"/> | Concordo fortemente |

[Anterior](#)

[Seguinte](#)

 Página 3 de 4

### 3. O Humor na sala de aula: parte II

Segue um conjunto de perguntas de resposta aberta.

8. Consideras que o humor promove o interesse pela História. Justifica a tua resposta. \*

A sua resposta

9. Consideras que o humor pode ajudar a compreender melhor a matéria de História? Justifica a tua resposta. \*

A sua resposta

10. Que estratégias “humorísticas” pode o professor usar na sala de aula? \*

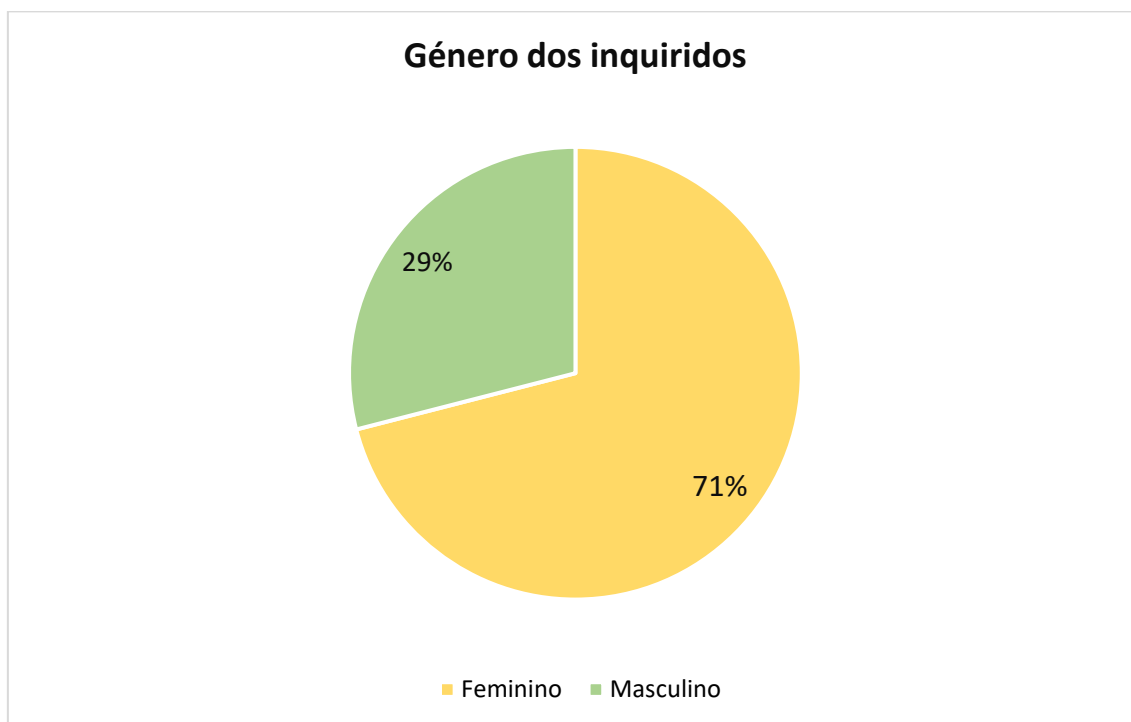
A sua resposta

11. Houve algum momento que consideraste mais hilariante durante as aulas de História? Qual?

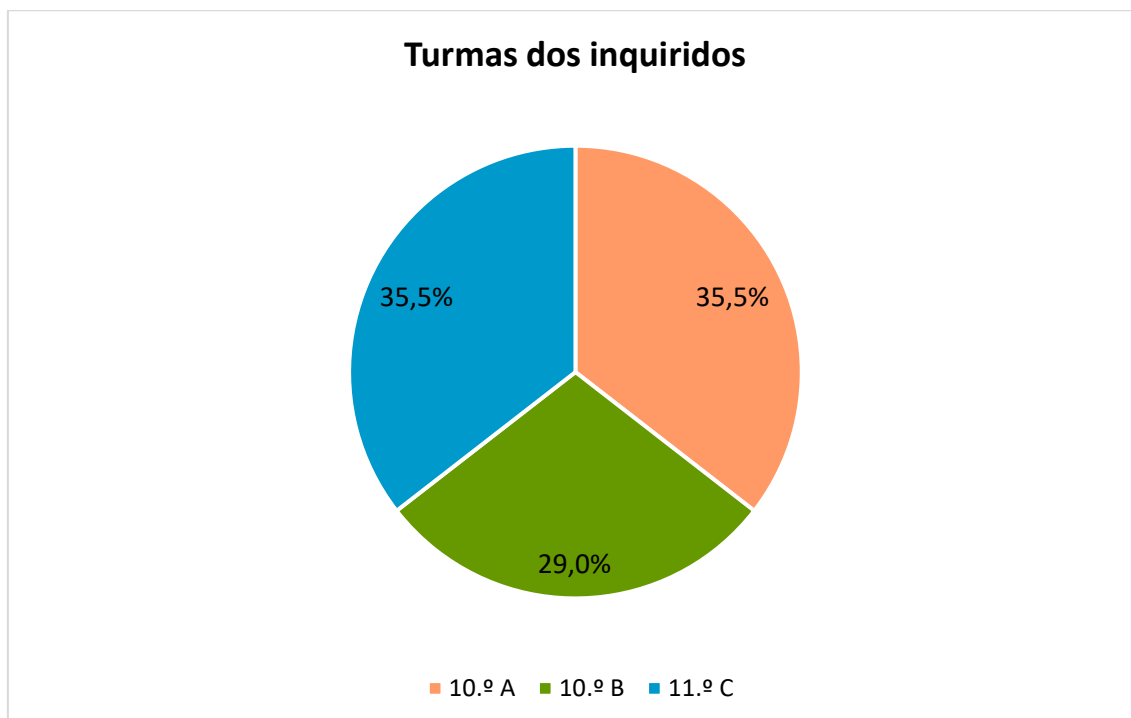
A sua resposta

Muito obrigada pela tua participação!

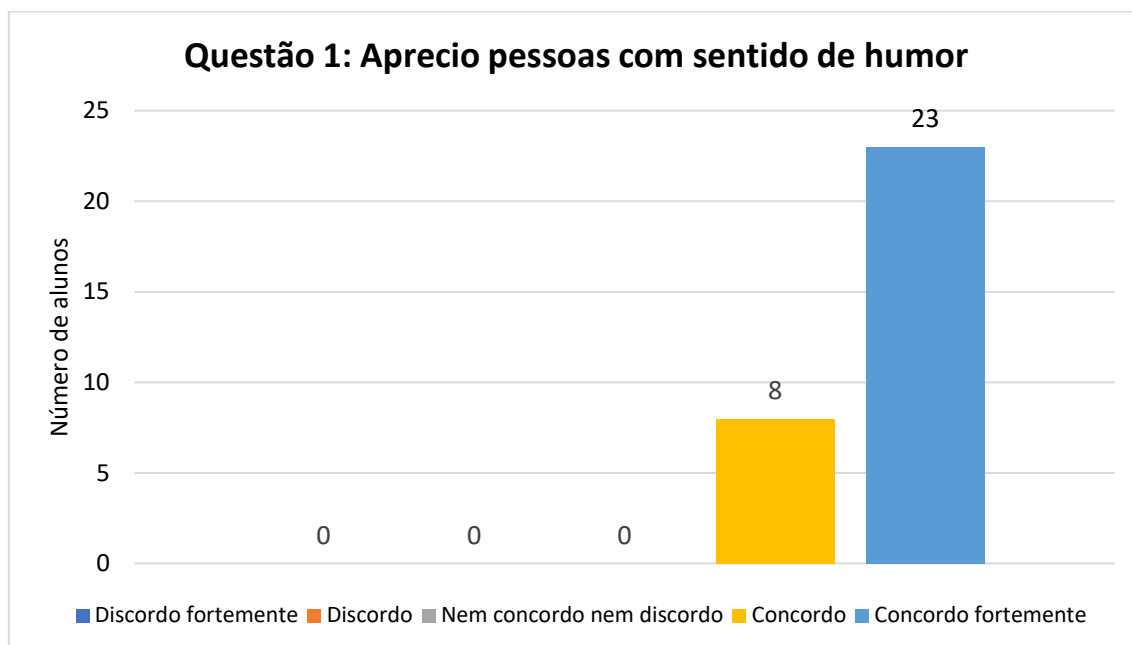
## Anexo 25 – Distribuição dos alunos inquiridos por género



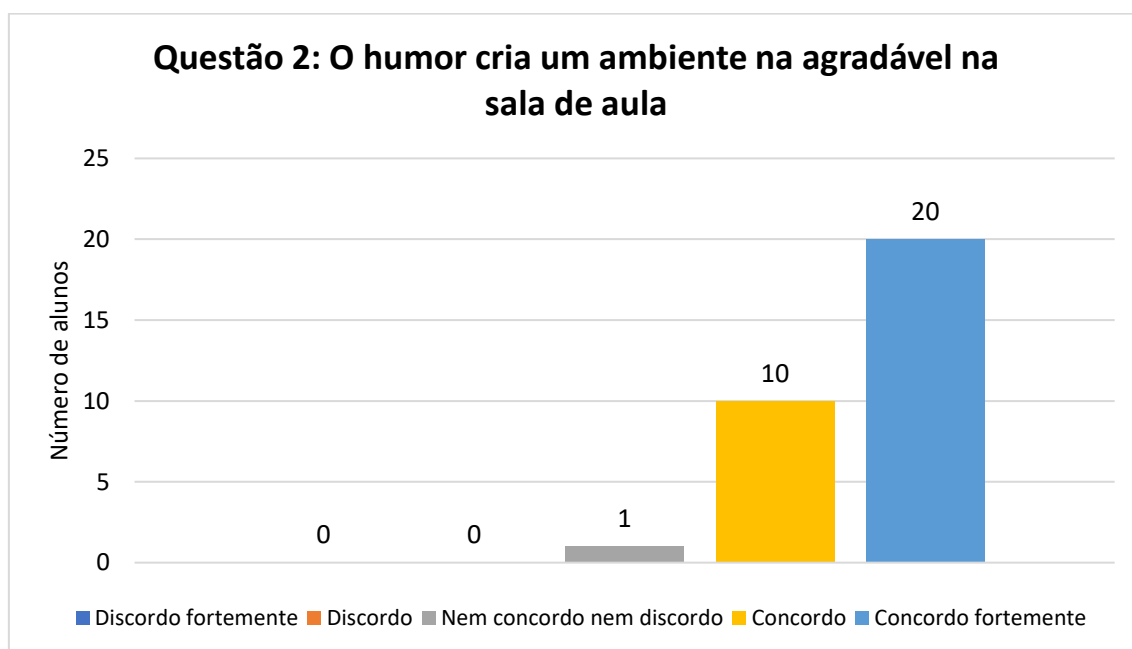
## Anexo 26 – Distribuição dos alunos inquiridos por turma



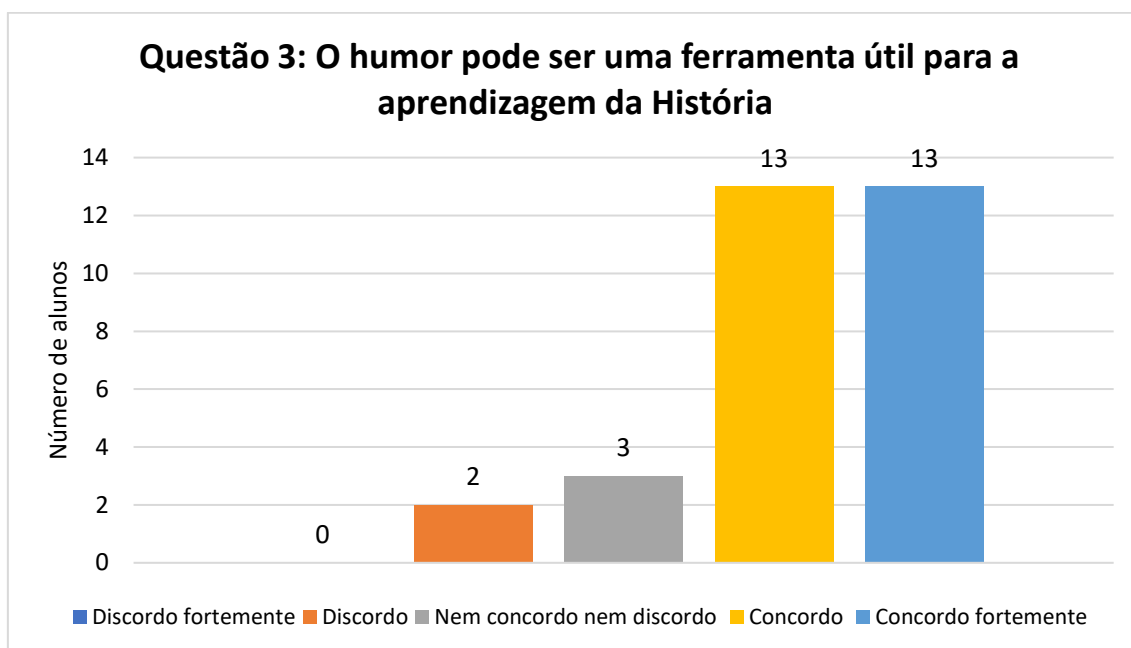
## Anexo 27 – Questão 1: Aprecio pessoas com sentido de humor



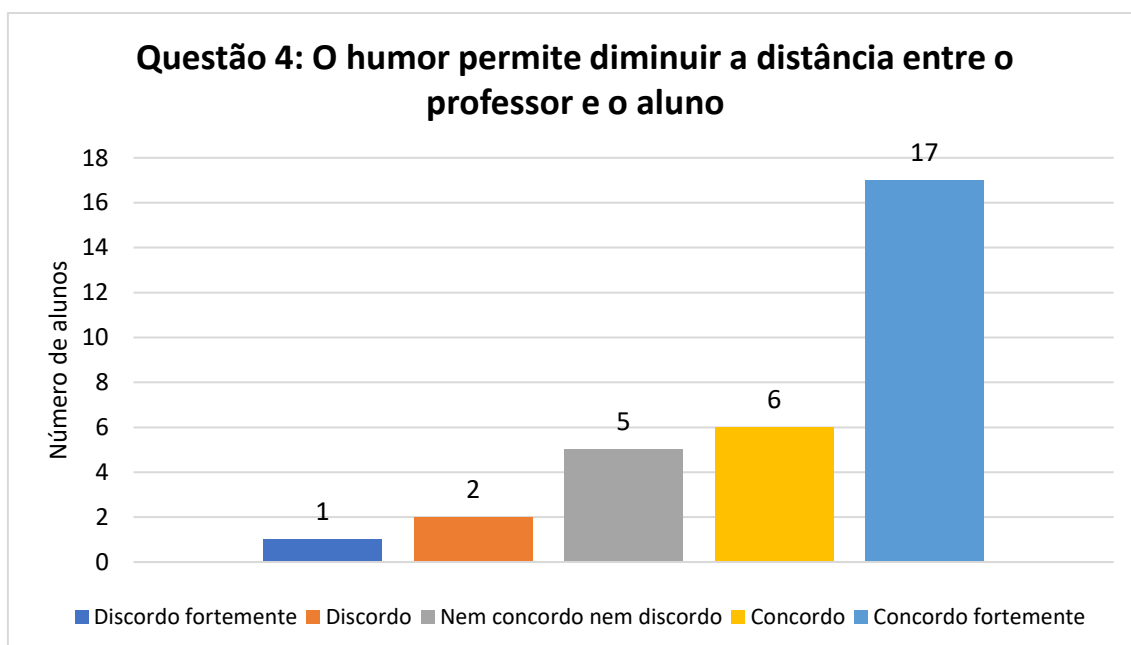
## Anexo 28 – Questão 2: O humor cria um ambiente na agradável na sala de aula



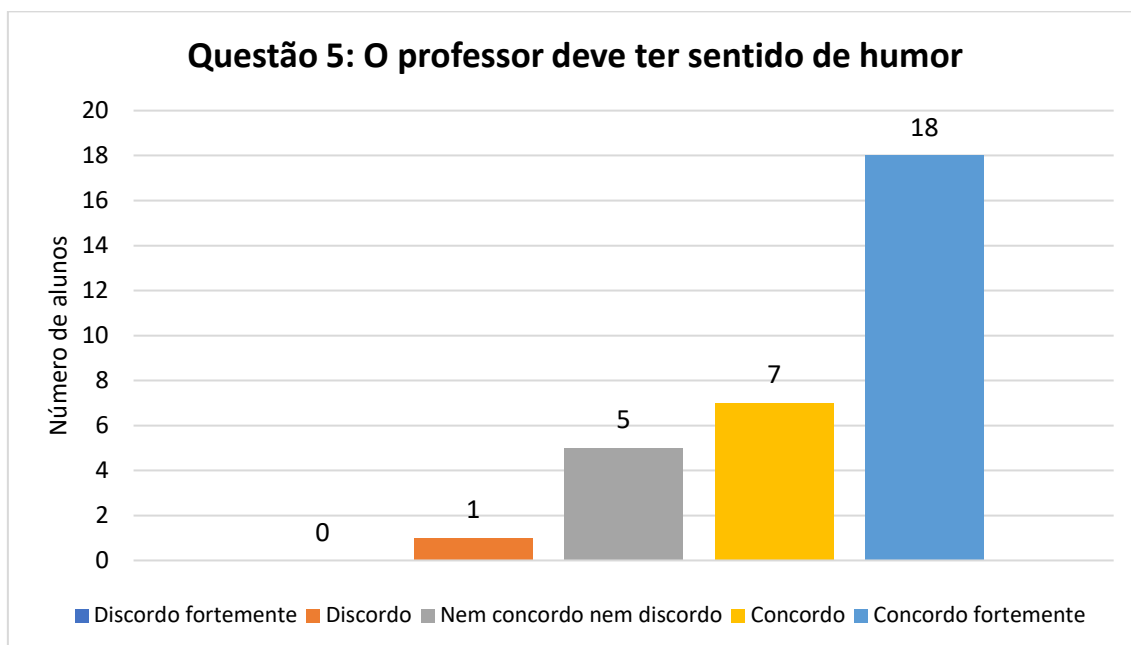
**Anexo 29 – Questão 3: O humor pode ser uma ferramenta útil para a aprendizagem da História**



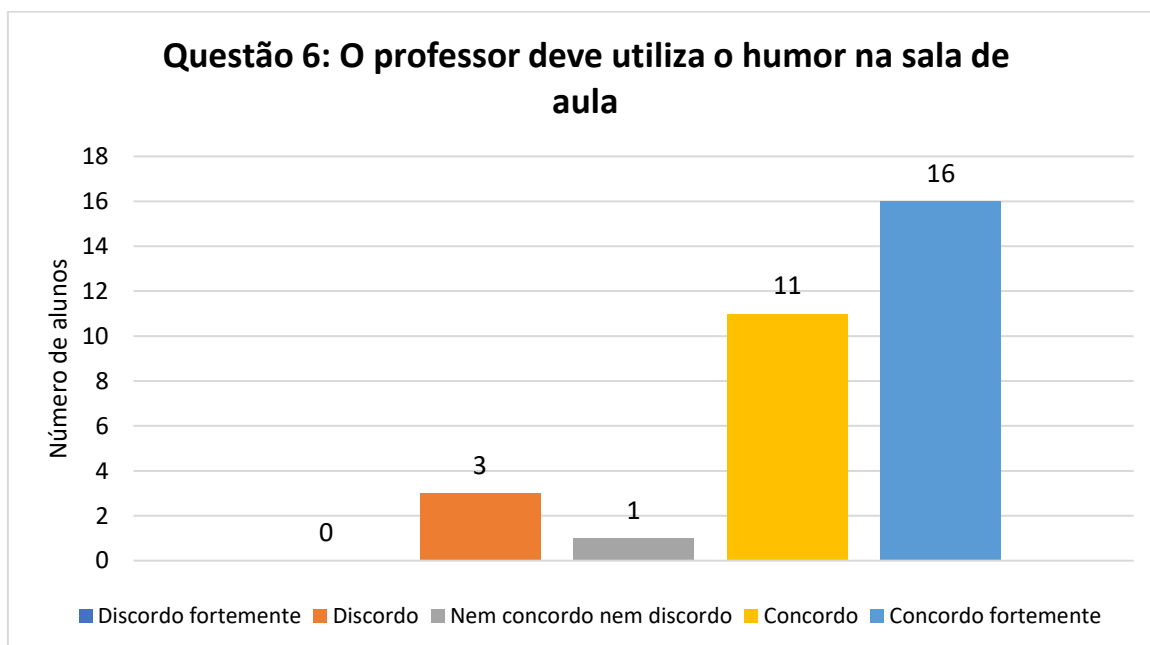
**Anexo 30 – Questão 4: O humor permite diminuir a distância entre o professor e o aluno**



### Anexo 31 – Questão 5: O professor deve ter sentido de humor



### Anexo 32 – Questão 6: O professor deve utiliza o humor na sala de aula



### Anexo 33 – Questão 7: A História pode ser divertida

